

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Almeida Garrett
Romanceiro



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Almeida Garrett

Romanceiro

Publicado originalmente em 1843.

**João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett
(1799 – 1854)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 453



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Almeida Garret: *“Romanceiro*

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett nasceu com o nome de João Leitão da Silva no Porto a 4 de fevereiro de 1799, filho segundo de Antônio Bernardo da Silva Garrett, selador-mor da Alfândega do Porto, e Ana Augusta de Almeida Leitão. Passou a sua infância, altura em que alterou o seu nome para João Baptista da Silva Leitão, acrescentando o sobrenome Baptista do padrinho e trocando a ordem dos seus apelidos, na Quinta do Sardão, em Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia), pertencente ao seu avô materno José Bento Leitão. Mais tarde viria a escrever a este propósito: "Nasci no Porto, mas criei-me em Gaia". No período de sua adolescência foi viver para os Açores, na ilha Terceira, quando as tropas francesas de Napoleão Bonaparte invadiram Portugal e onde era instruído pelo tio, D. Alexandre, bispo de Angra. De seguida, em 1816 foi para Coimbra, onde acabou por se matricular no curso de Direito. Em 1821 publicou *O Retrato de Vénus*, trabalho que fez com que lhe pusessem um processo por ser considerado materialista, ateu e imoral. É também neste ano que ele e sua família passam a usar o apelido de Almeida Garrett.

Filho segundo do selador-mor da Alfândega do Porto, acompanhou a família quando esta se refugiou nos Açores, onde tinha propriedades, fugindo da segunda invasão francesa, realizada pelo exército comandado pelo marechal Soult que entrando em Portugal por Chaves se dirigiu para o Porto, ocupando-o. Passou a adolescência na ilha Terceira, tendo sido destinado à vida eclesiástica, devendo entrar na Ordem de Cristo, por intercedência do tio paterno, Frei Alexandre da Sagarada Família, bispo de Malaca e depois de Angra.

Em 1816, tendo regressado a Portugal, inscreveu-se na Universidade, na Faculdade de Leis, sendo aí que entrou em contacto com os ideais liberais. Em Coimbra, organiza uma loja maçônica, que será frequentada por alunos da Universidade como Manuel Passos. Em 1818, começa a usar o apelido Almeida Garrett, assim como toda a sua família.

Participa entusiasticamente na revolução de 1820, de que parece ter tido conhecimento antecipado, como parece provar a poesia *As férias*, escrita em 1819. Enquanto dirigente estudantil e orador defende o vintismo com ardor escrevendo um Hino Patriótico recitado no Teatro de São João. Em 1821, funda a Sociedade dos Jardineiros, e volta aos Açores numa viagem de possível motivação maçônica. De regresso ao Continente, estabelece-se em Lisboa, onde continua a publicar escritos patrióticos. Concluindo a Licenciatura em Novembro deste ano.

Em Coimbra publica o poema libertino *O Retrato de Vênus*, que lhe vale ser acusado de materialista e ateu, assim como de "abuso da liberdade de

imprensa”, de que será absolvido em 1822. Torna-se secretário particular de Silva Carvalho, secretário de estado dos Negócios do Reino, ingressando em Agosto na respectiva secretaria, com o lugar de chefe de repartição da instrução pública. No fim do ano, em 11 de Novembro, casa com Luísa Midosi.

A Vilafrancada, o golpe militar de D. Miguel que, em 1823, acaba com a primeira experiência liberal em Portugal, leva-o para o exílio. Estabelece-se em Março de 1824 no Havre, cidade portuária francesa na foz do Sena, mas em Dezembro está desempregado, o que o leva a ir viver para Paris. Não lhe sendo permitido o regresso a Portugal, volta ao seu antigo emprego no Havre. Em 1826 está de volta a Paris, para ir trabalhar na livraria Aillaud. A mulher regressa a Portugal.

É anistiado após a morte de D. João VI, regressando com os últimos emigrados, após a outorga da Carta Constitucional, reocupando em Agosto o seu lugar na Secretaria de Estado. Em Outubro começa a editar “O Português, diário político, literário e comercial”, sendo preso em finais do ano seguinte. Libertado, volta ao exílio em Junho de 1828, devido ao restabelecimento do regime tradicional por D. Miguel. De 1828 a Dezembro de 1831 vive em Inglaterra, indo depois para França, onde se integra num batalhão de caçadores, e mais tarde, em 1832, para os Açores integrado na expedição comandada por D. Pedro IV. Nos Açores transfere-se para o corpo acadêmico, sendo mais tarde chamado, por Mouzinho da Silveira, para a Secretaria de Estado do Reino.

Participa na expedição liberal que desembarca no Mindelo e ocupa o Porto em Julho de 1832. No Porto, é reintegrado como oficial na secretaria de estado do Reino, acumulando com o trabalho na comissão encarregada do projeto de criação do Códigos Criminal e Comercial.

Em Novembro parte com Palmela para uma missão a várias cortes europeias, mas a missão é dissolvida em Janeiro e Almeida Garrett vence abandonado em Inglaterra, indo para Paris onde se encontra com a mulher.

Só com a ocupação de Lisboa em Julho de 1833, consegue apoio para o seu regresso, que acontece em Outubro. Em 2 de Novembro é nomeado vogal-secretário da Comissão de reforma geral dos estudos. É por essa altura que terá se instalado no palácio dos Condes de Almada, no Largo de S. Domingos, em Lisboa, onde reunia a referida comissão. Em Fevereiro do ano seguinte é nomeado cônsul-geral e encarregado de negócios na Bélgica, onde chega em Junho, mas é de novo abandonado pelo governo.

Regressa a Portugal em princípios de 1835, regressando ao seu posto em Maio. Estava em Paris, em tratamento, quando foi substituído sem aviso prévio na embaixada belga. Nomeado embaixador na Dinamarca, é demitido antes mesmo de abandonar a Bélgica.

Estes sucessivos abandonos por parte dos governos cartistas, levam-no a envolver-se com o *Setembrismo*, dando assim origem à sua carreira parlamentar. Logo em 28 de Setembro de 1836 é incumbido de apresentar uma proposta para o teatro nacional, o que faz propondo a organização de uma Inspeção-Geral dos Teatros, a edificação do Teatro D. Maria II e a criação do Conservatório de Arte Dramática. Os anos de 1837 e 1838, são preenchidos nas discussões políticas que levarão à aprovação da Constituição de 1838, e na renovação do teatro nacional.

Em 20 de Dezembro é nomeado cronista-mor do Reino, organizando logo no princípio de 1839 um curso de leituras públicas de História. No ano seguinte o curso versa a “história política, literária e científica de Portugal no século XVI”.

Em 15 de Julho de 1841 ataca violentamente o ministro Antônio José d'Ávila, num discurso a propósito da Lei da Décima, o que implica a sua passagem para a oposição, e o leva à demissão de todos os seus cargos públicos. Em 1842, opõem-se à restauração da Carta proclamada no Porto por Costa Cabral. Eleito deputado nas eleições para a nova Câmara dos Deputados cartista, recusa qualquer nomeação para as comissões parlamentares, como toda a esquerda parlamentar. No ano seguinte ataca violentamente o governo cabralista, que compara ao absolutista.

É neste ano de 1843 que começou a publicar, na *Revista Universal Lisbonense*, as *Viagens na Minha Terra*, descrevendo a viagem ao vale de Santarém começada em 17 de Julho. Anteriormente, em 6 de Maio, tinha lido no Conservatório Nacional uma memória em que apresentou a peça de teatro Frei Luís de Sousa, fazendo a primeira leitura do drama.

Continuando a sua oposição ao Cabralismo, participa na Associação Eleitoral, dirigida por Sá da Bandeira, assim como nas eleições de 1845, onde foi um dos 15 membros da minoria da oposição na nova Câmara. Em 17 de Janeiro de 1846, proferiu um discurso em que considerava a minoria como representante da “grande nação dos oprimidos”, pedido em 7 de Maio a demissão do governo, e em Junho a convocação de novas Cortes.

Com o despoletar da revolução da Maria da Fonte, e da Guerra Civil da Patuleia, Almeida Garrett que apoia o movimento, tem que passar a andar escondido, reaparecendo em Junho, com a assinatura da Convenção do Gramido.

Com a vitória cartista e o regresso de Costa Cabral ao governo, Almeida Garrett é afastado da vida política, até 1852. Em 1849, passa uma breve temporada em casa de Alexandre Herculano, na Ajuda. Em 1850, subscreve com mais de 50 outras personalidades um Protesto contra a Proposta sobre a Liberdade de

Imprensa, mais conhecida por “lei das rolhas”. Costa Cabral nomeia-o, em Dezembro, para a comissão do monumento a D. Pedro IV.

Com o fim do Cabralismo e o começo da Regeneração, em 1851, Almeida Garrett é consagrado oficialmente. É nomeado sucessivamente para a redação das instruções ao projeto da lei eleitoral, como plenipotenciário nas negociações com a Santa Sé, para a comissão de reforma da Academia das Ciências, vogal na comissão das bases da lei eleitoral, e na comissão de reorganização dos serviços públicos, para além de vogal do Conselho Ultramarino, e de estar encarregado da redação do que irá ser o Ato Adicional à Carta.

Por decreto do Rei D. Pedro V de Portugal, datado de 25 de junho de 1851, Garrett é feito Visconde de Almeida Garrett, em vida (tendo o título sido posteriormente renovado por 2 vezes). Em 1852 sobraça, por poucos dias, a pasta do Negócios Estrangeiros em governo presidido pelo Duque de Saldanha. Em 1852 é eleito novamente deputado, e de 4 a 17 de Agosto será ministro dos Negócios Estrangeiros. A sua última intervenção no Parlamento será em Março de 1854 em ataca o governo na pessoa de Rodrigo de Fonseca Magalhães.

Falece a 9 de dezembro de 1854, vítima de um cancro de origem hepática, na sua casa situada na atual Rua Saraiva de Carvalho, em Campo de Ourique, Lisboa. Foi sepultado no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa, tendo sido trasladado a 8 de Março de 1926 para o Mosteiro dos Jerónimos. Os seus restos mortais foram posteriormente trasladados para o Panteão Nacional da Igreja de Santa Engrácia quando do término deste edifício. A cerimônia ocorreu em homenagem a si e a mais outras ilustres figuras portuguesas, entre os dias 1 e 5 de dezembro de 1966.

*Wikipédia
Janeiro, 2014*

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
PARTE I	
I – BELA INFANTA.....	20
II – O CAÇADOR.....	26
III – A ENFEITIÇADA.....	29
IV – CONDE YANNO.....	32
V – O CONDE DA ALEMANHA.....	40
VI – DOM ALEIXO.....	43
VII – SILVANINHA.....	48
VIII – BERNAL-FRANCÊS.....	54
IX – REGINALDO.....	63
X – DONA AUSENDA.....	69
XI – RAINHA E CATIVA.....	74
XII – DOM CARLOS DE ALÉM-MAR.....	78
XIII – CLARALINDA.....	84
XIV – DOM BELTRÃO.....	88
XV – DOM GAIFEIROS.....	91
XVI – JUSTIÇA DE DEUS.....	102
NOTAS.....	106
PARTE II	
XVII – A ROMEIRA.....	109
XVIII – CONDE NILO.....	111
XIX – ALBANINHA.....	113
XX – A PEREGRINA.....	115
XXI – DOM JOÃO.....	118
XXII – HELENA.....	122
XXIII – A MORENA.....	127
XXIV – DONZELA QUE VAI À GUERRA.....	130
XXV – O CATIVO.....	135
XXVI – A NAU CATRINETA.....	139
XXVII – O SEGADOR.....	143
XXVIII – A NOIVA ARRAIANA.....	147
XXIX – GUIMAR.....	150
XXX – O CORDÃO DE OIRO.....	154
XXXI – O CEGO.....	157
XXXII – LINDA-A-PASTORA.....	159
ROMANCES COM FORMA LITERÁRIA	
XXXIII – DOM DUARDOS.....	163

XXXIV – A AMA.....	170
XXXV – AVALOR.....	173
XXXVI – CUIDADO E DESEJO.....	175
XXXVII – O MARQUÊS DE MÂNTUA.....	180
NOTAS.....	

INTRODUÇÃO

Pretendo suprir uma grande falta na nossa literatura com o trabalho que intentei nesta coleção. Não quero compor uma obra erudita para me colocar entre os filólogos e antiquários, e pôr mais um volume na estante de seus gabinetes. Desejo fazer uma coisa útil, um livro popular; e para que o seja, torná-lo agradável quanto eu saiba e possa. As academias que elaborem dissertações cronológicas e críticas para uso dos sábios. O meu ofício é outro: é popularizar o estudo da nossa literatura primitiva, dos seus documentos mais antigos e mais originais, para dirigir a revolução literária que se declarou no país, mostrando aos novos engenhos que estão em suas fileiras, os tipos verdadeiros da nacionalidade que procuram, e que em nós mesmos, não entre os modelos estrangeiros, se devem encontrar.

E obrigação de consciência para quem levanta o grito de liberdade num povo, achar as regras, indicar os fins, aparelhar os meios dessa liberdade, para que ela se não precipite na anarquia. Não basta concitar os ânimos contra a usurpação e o despotismo; destruído ele, é preciso pôr a lei no seu lugar. E a lei não há de vir de fora; das crenças, das recordações e das necessidades do país deve sair para ser a sua lei natural, e não substituir uma usurpação a outra

Eu, que ousei levantar o pendão da reforma literária nesta terra, soltar o primeiro grito de liberdade contra o domínio opressivo e antinacional da falsa literatura, dói-me a consciência de ver a anarquia em que andamos depois que ele foi aniquilado; pesa-me ver o bom instinto dos jovens talentos, desvairado em suas melhores tendências, procurar na imitação estrangeira o que só pode, o que só deve achar em casa.

A revolução não está completa nem consolidada. É preciso indicar-lhe o caminho natural e legal, pô-la em marcha para os pontos a que lhe convêm chegar; e ela se aperfeiçoará a si mesma no progresso regular que assim há de seguir para um norte fixo.

Fiz para isto esta coleção de exemplares, de documentos, de estudos e de observações. Não respondo nem por sua exata classificação, nem por uma certeza em todos eles acima dos escrúpulos austeros da critica, e das desapiedadas negações da cronologia. Respondo pelo espírito, pela tendência, pela verdade moral do trabalho.

Sente-se muitas vezes, vê-se clara a verdade e exação moral de uma coisa cuja exação material não pode provar-se por falta de documentos de indisputável autenticidade.

Eu reuni, juntei, pus em alguma ordem muitos elementos preciosos. Trabalhadores mais felizes, e sobretudo mais repousados que eu de outras fadigas, virão depois, e emendarão e aperfeiçoarão as minhas tentativas. Tomara-os eu já ver nesse empenho.

Então entenderei deveras que fiz um grande serviço à minha terra e à minha gente. Sem vagar de tempo nem de cuidados para coisas tanto de meu gosto e tão fora de minha possibilidade, vou lançando no papel as observações que me lembram, as reflexões que me ocorrem, sem curar às vezes nem do fio que levam, nem do lugar e que as ponham.

Quisera poder fazer à língua e à literatura portuguesa serviço igual ao que fez M. Raynouard à dos seus provençais. Mas nem posso eu, nem o resultado seria tão pronto como ele hoje se precisa.

Tomara que estas páginas se fizessem ler de toda a classe de leitores; não me importa que os sábios façam pouco cabedal delas, contanto que agradem à mocidade, que as mulheres se não enfadem absolutamente de as ler, e os rapazes lhes não tomem medo e tédio como a um livro profissional. Eis aqui o que desejo, o em que pus fito, e o porque intersachei a prosa com o verso, a fábula com a história, os raciocínios da critica com as inspirações da imaginação.

Tenho alguma esperança no método.

A primeira parte e volume do presente ROMANCEIRO deve ser considerada como a introdução desta segunda e das que se lhe seguirem. Ali dei a tradução em língua e estilo moderno de alguns dos nossos romances populares; aqui vão os próprios textos desses e de muitos outros romances.

Horácio, cuja arte poética há de ser sempre, para a poesia de todas as idades, de todas as escolas e de todas as nações, o que são para a moral os Versos de ouro de Pitágoras, um código eterno de regras inalteráveis – Horácio louva, sobre todos, aos poetas romanos que ousaram desviar-se do trilho batido dos gregos, e celebrar enfim as ações da sua própria gente, deixando em paz as

Medeias e Jasões, a interminável guerra de Tróia e essa perpétua família dos Átridas.

Os nossos primeiros trovadores e poetas, que mal sabiam talvez se tanto, o latim moçárabe dos bons monges de Lorvão ou de Cucujães, e que decerto nunca tinham lido Horácio – nem o entenderiam – seguiram contudo melhor, por mero instinto do coração, as doutrinas do grande mestre que não conheciam, do que depois o fizeram os poetas doutos e sabidos que no século XVI nos transmudaram e corromperam todas as feições da nossa poesia.

Longe de mim a ingrata e presunçosa vaidade de desacatar as venerandas barbas dos nossos dois Boileaus de Quinhentos, Ferreira e Sá de Miranda! E quem ousará pôr os olhos fitos no sol de Camões para lhe rastrear alguma leve mancha, se a tem?

Todavia esses três grandes poetas, grandes homens, grandes cidadãos e grandes filólogos, são os que, cheios de Virgílio, de Ariosto e de Petrarca, com os olhos cravados no antigo Lácio e na moderna Itália, de todo esqueceram e fizeram esquecer os tons e os modos da genuína poesia da nossa terra.

Os nossos vizinhos de Castela nunca chegaram, no século XVI, à perfeição clássica da literatura portuguesa; mas por isso ficaram mais nacionais, mais originais; e por consequência, maior e mais perdurável e mais geral nome obtiveram e conservaram no mundo.

Toda a Europa lê hoje os LUSÍADAS: é verdade. E porquê? Será pelas formas virgilianas do poema, pelos deuses homéricos do seu maravilhoso, pela beleza dos modos que só nós sentimos bem? Não. É pelo que ali há de poesia original, própria, primitiva: porquanto, era o Camões poeta tão português na alma, que as mesmas harmonias homéricas e virgilianas, os mesmos sons clássicos se lhe repassavam debaixo dos dedos naquela sincera e maviosa melodia popular que respira das nossas crenças nacionais, da nossa fé religiosa, do nosso fanático – e ainda bem que fanático! – patriotismo, da nossa história, meio-história meio-fábula dos tempos heróicos.

Dominou-o, mas não pôde pervertê-lo a escola do seu tempo.

A poesia e a literatura portuguesa precisavam retemperadas nos princípios do século passado; que estavam uma coisa informe e laxa: eram cordas castelhanas

em segunda mão, cordas italianas de má fábrica, as únicas da lira portuguesa. Veio o Garção, o Dinis, Francisco Manuel, depois o Bocage, com todos os satélites destes quatro grandes planetas, e restauraram a língua e a poesia – a prosa não – mas nos antigos modos clássicos, agora deduzidos pela reflexão francesa, bem como no século XVI o tinham sido pela reflexão italiana.

Falou português e falou bem, cantou alto e sublime a nossa poesia; mas ainda não era portuguesa.

Estava corrido o primeiro quarto deste século, quando a reação do que se chamou Romantismo, por falta de melhor palavra, chegou a Portugal.

Vamos a ser nós mesmos, vamos a ver por nós, a tirar de nós, a copiar de nossa natureza, e deixemos em paz “Gregos, romãos e toda a outra gente”

Que se há de fazer para isto? Substituir Goethe a Horácio, Schiller a Petrarca, Shakespeare a Racine, Byron a Virgílio, Walter Scott a Delille?

Não sei que se ganhe nisso, senão dizer mais sensaborias com menos regra.

O que é preciso, é estudar as nossas primitivas fontes poéticas, os romances em verso e as legendas em prosa, as fábulas e crenças velhas, as costumeiras e as superstições antigas: lê-las no mau latim moçárabe meio suevo ou meio godo dos documentos obsoletos, no mau português dos forais, das leis antigas e no castelhano do mesmo tempo – que até bem tarde a literatura das Espanhas foi quase toda uma. O tom e o espírito verdadeiro português esse é forçoso estudá-lo no grande livro nacional, que é o povo e as suas tradições, e as suas virtudes e os seus vícios, e as suas crenças e os seus erros. E por tudo isso é que a poesia nacional há de ressuscitar verdadeira e legítima, despido, no contato clássico, o sudário da barbaridade, em que foi amortalhada quando morreu, e com que se vestia quando era viva.

Reunir e restaurar, com este intuito, as canções populares, xácaras, romances ou rimances, solaus, ou como lhe queiram chamar, é um dos primeiros trabalhos que precisávamos. É o que eu fiz – é o que eu quis fazer, ao menos.

Para entrar com alguma ordem, e com algum nexos, ainda que seja apenas hipotético, no ajuntar e examinar dos documentos, vejamos e resumamos, em poucas palavras como, da literatura da civilização velha se fez, na chamada

Meia-idade, a transição para a nova e Imperfeita, mas muito mais original, muito mais criadora literatura da sociedade cristã, desta civilização que é tão outra e tão distinta daquela, e, por forçosa necessidade, tão diversamente tem de formular-se em sua mais natural expressão: a poesia.

Roma e Grécia tinham caldo na segunda meninice, os bárbaros do norte entravam em vigorosa juventude de entendimento. Chamou-se a este período, tão notável e interessante na história do espírito humano, a Idade Média. Mas não foi ele, como há três séculos se escrevia, e se cria sem mais exame, não foi uma época de trevas em que toda a arte e ciência pereceram, foi uma crise de transformação e regeneração em que os elementos da sociedade, purificados no fogo de um grande incêndio, começaram a tender para ordem nova, para uma organização que era estranha a todas as ideias e concepções antigas.

Observa um elegante escritor contemporâneo que naturalmente são objeto da nossa curiosidade e nos excitam vivo interesse os costumes, os sentimentos, a literatura daquela época singular em que, passo a passo, vemos o progresso do entendimento humano caminhando para a civilização cristã, essa que depois havia de confundir-se com as reminiscências da antiga, desvairar-se em seu caminho, retrogradar, perder-se tantas vezes na senda, chegar a ser desconhecida e desconhecer-se ela a si mesma.

Abstratamente consideradas as maneiras e as instituições daquela idade, pouco há nelas de louvar, muito que reprovar: e todavia as que mais pareciam deformidades na infância dos povos, vieram a produzir resultados tão benéficos, a amadurecer em frutos de tanta bênção, que hoje nos deleita e interessa contemplar e examinar essas mesmas aberrações.

Saudável e reanimadora foi a influência das tribos góticas na política e na literatura da Europa. A antiga luz da civilização velha ardia ainda na caliginosa atmosfera de Constantinopla; e a ascendência que, de tempos a tempos, readquiria na Europa o crapuloso império do Oriente, por vezes fez sumir a luz nova e verdadeira que, sob o reinado de Teodorico, se tinha acendido na Itália, que depois, ressurgindo de novo nas remotas regiões do norte, desses claustros da Islândia onde jazera latente, veio propagando-se até nós. Um soberano teutônico, Carlos Magno, suscitou o gênio nacional que deu existência, forma e cultura à língua vernácula no centro da Europa para substituir a corrupta algaravia das fezes latinas, em que mal se pode dizer que já falava, senão que

gaguejava a nossa decrepitude. Um rei saxônio, Alfredo, formulou, como os primeiros elementos da língua, a primeira civilização inglesa. Os nossos reis godos, visigodos e asturianos, criaram nas Espanhas estas línguas e estas literaturas, – hoje resumidas em duas irmãs gêmeas –tão caracterizadas e originais ainda, apesar dos longos e teimosos esforços de uma reação de cinco séculos que por todos os modos as quis desnaturalizar e fazer renegar sua nobre e legítima ascendência, para somente as reconhecer bastardas e adúlteras de corrupção romana, quando elas são legítimas filhas, havidas em um matrimônio, sim forçado pela conquista mas útil e vantajoso aos contraentes e à progênie que deles veio.

Durante todo o undécimo, duodécimo e décimo terceiro século os elementos de civilização da Europa estiveram fermentando, separando-se e moldando-se para receber nova forma: os princípios eram ainda crus e indigestos, mas os sentimentos fortes e vivazes, O fervor do zelo religioso transviava a miúdo o espírito e inflamava as paixões; mas essa religião era também o símbolo, e era o meio, o instrumento mesmo da civilização; era o anjo Custódio que velava nos santuários da ciência, que os protegia contra o poder ignorante e desenfreado.

Ofendem o senso comum aqueles sonhos da cavalaria andante; mas onde não havia mais lei que a força, nela só podiam os desvalidos achar proteção, só ela podia conter os que outra lei não conheciam. Dessa instituição fantástica derivou todavia, modificado pelo tempo, este princípio de cortesia, de honra e de civilidade, que é a base e o fundamento da sociedade moderna.

Aqueles rendimentos de adoração para com o belo sexo, a solenidade com que se lhe prostrava todo o entendimento e vontade, faz-nos hoje sorrir desdenhosamente; mas daí nasceu a importante revolução social que veio a fixar, nas firmes bases de uma religiosa justiça, os destinos de metade da raça humana.

Hoje, certo, nos parece ridículo ver de repente transformar a mulher, de escrava abjeta, em divindade sublime, poderosa para salvar, onipotente para destruir... E ainda assim as cadeias voluntárias, com que deste modo se prendiam reis, imperadores e guerreiros, não os traziam em desagradável cativeiro. Sentiram-se amansar e humanizar aqueles meio selvagens; e sem saberem, porquê nem como, aprenderam a respeitar-se uns aos outros; gradualmente vieram a acabar por se respeitar a si próprios.

Então começou a ter valor e importância a opinião pública; até as Cortes de Amor concorreram para este grande fim, ajudando a curvar a prepotência dos grandes e a submeter a anarquia dos poderosos aos regulamentos da disciplina social. Quando a poesia tinha tamanha influência, que poderoso instrumento de civilização não devia de ser o enérgico escritor de Sirventes que honesta e despejadamente seguia sem medo as lições e o exemplo do famoso trovador Pons Barba!

*Sirventes no es leials,
Som no i ausa dir los mals
Deis menors e deis communal,
E maiorment deis maiorals,
A Sirvente não é leal
Se não ousa home expor o mal
Dos menores do comunal
E mormente do maioral.*

Vê-se quanto era o poder de tal influência pelo modo com que a animavam os políticos imperadores da Alemanha, opondo-a de barreira à superstição dos ignorantes e às pretensões da cúria romana. A força com que ela operava, pode avaliar-se pela resistência de opinião pública que tantas vezes excitou.

Todos os elementos da sociedade, unidos assim por simpatias comuns, tendiam simultaneamente a aperfeiçoar-se, temperando-se uns aos outros pela própria ação e reação de suas forças. Príncipes, senhores e povo, rivalizavam-se no campo das contendas poéticas; as desigualdades de condição eram mitigadas pela valia que se dava ao talento onde quer que ele aparecia. Então o Oriente patenteou as suas maravilhas, o mundo foi encantado e a história se fez romance. Foi a primavera do espírito, a estação da florescência da alma. O coração do homem era mais arrojado, o seu braço mais firme do que nos dias da prosaica realidade. O espírito da aventureira cavalaria abrandou-se em heróica gentileza e amoroso galanteio. A beleza da mulher foi estimada como tesouro, exaltada como triunfo, adorada como divindade. Chegou a hora própria de despontar a flor mais bela de toda a grinalda, a rosa que as coroa e domina a todas, aquele espírito de poesia que desenferrujou e poliu o barbarismo acumulado das idades, que suscitou o espírito da emulação, que o preparou para as melhores coisas. Está aberto enfim o manancial dos sentimentos generosos e elevados, donde há de correr a civilização pelo mundo.

A cavalaria e a poesia desses tempos foram pois inseparavelmente ligadas, são frutos de uma grande revolução moral, nasceram juntas, mutuamente se explicam e definem, os mesmos senões as mareiam, qualidades iguais as ilustram.

Mas, tendo-se discorrido tanto sobre uma, não se estudou ainda bastante a outra; e todavia nessa poesia da Idade Média, está a melhor explicação do estado da sociedade que a criou, dessa pasmosa mistura dos sentimentos fortes, das associações religiosas e do galanteio metafísico que revestia de uma forma angélica o objeto da adoração do poeta, e em seus olhos punha as estrelas em que o homem lia o seu destino, que abria o céu aos amantes felizes, e fazia os bosques e os prados testemunhas e participantes de sua alegria. Com que expressão de terno contentamento começa aquela gentil canção do trovador Arnaldo de Merveil:

*Oh que doce Abril respira
Quando maio vê chegar!
Pelas noites sossegadas
Se escuta o doce cantar;
E nas frescas manhãs puras
Brandas aves gorjear
Tudo em torno alegre folga,
Tudo ri, tudo suspira:
Como hei de eu conter no peito
Afetos que amor me inspira!*

Que festivas alegrias não folgam nessa outra canção do velho *minnesinger*, o conde Conrado de Kirckberg quando, ao voltar de maio, chama pelas festivas coreias que saiam ao campo:

*Seus tesoiros de alegria
Todos maio derramou,
Pelas seves que florece,
Pelas sombras que copou;
Onde rouxinol amante,
Em cada ramo que pende,
Em cada flor que recende,*

*Sua doce melodia
Faz soar pela espessura.
Vinde, Maio é o mês do amor,
Da beleza e da ternura;
Cantemos, vinde, cantai-o:
Deus te salve, lindo Maio!*

A coincidência de tom entre a sociedade e a poesia do tempo observa-se também nas fantásticas instituições a que deu nascença a paixão reinante da galanteria. Aprazia-se, diz outro escritor moderno, a sociedade, nova ainda, em formalidades cerimoniosas que então eram sinal de civilização e que hoje matariam de enfado: é o mesmo carácter que se acha na língua provençal, na dificuldade e no enrevezado das suas rimas, nas suas palavras femininas e masculinas para expressar o mesmo objeto, até no infinito número de seus poetas. Tudo o que era formalidade e alinhamento, coisa hoje tão insípida, tinha então toda a frescura e sabor da novidade.

Veja e examine com paciência os exemplares que nos restam dessa escola entre nós, o Cancioneiro dito do Colégio dos Nobres, o de Dom Dinis, o de Resende, e conhecerá quanto é exata a observação.

Neste período se observa também o fundamento de uma das mais características distinções que separam a poesia moderna da antiga, a que vulgarmente se diz romântica, da que também vulgarmente se chama clássica. Essa, a poesia grega e latina tinha um carácter essencialmente masculino, a todos os respeito: em seus mais ternos desafogos, a mulher somente aparece como subserviente aos caprichos e aos prazeres do “sexo mais nobre”. A nossa poesia, ao contrário, deve os mais de seus encantos ao suave carácter que lhe infundiu a diferente posição da mulher na sociedade. Nos primeiros tempos este novo sentimento transbordava extravagante e inculto; mas depois abrandando-se e cultivando-se, veio a aquietar-se nessas tranquilas pinturas de afeição social, de felicidade doméstica, de gozo ora sereno ora apaixonado, de que pouco ou nada aparece na literatura chamada clássica.

A poesia dos trovadores ainda não foi imparcialmente avaliada nem sequer por aqueles (e poucos são) que a foram examinar nos próprios originais. Os mesmos que se extasiam com as rimas de Petrarca e de seus imitadores, esses mesmos a

trataram de resto. Os *minnesingers* da Alemanha, contemporâneos dos trovadores, apenas, se tanto, serão conhecidos de nome entre nós. De nossos vizinhos castelhanos, aragoneses e galegos, há muito que se apagou a memória já tão familiar à gente portuguesa. Aos nossos próprios cantores e juglares só ficou fiel a saudosa recordação do vulgo, da plebe que, de geração em geração, foi transmitindo, mas corrompendo também suas composições, delícias outrora de damas belas e de cortesãos cavalheiros, hoje entretenimento de alguma pobre velha de aldeia que as canta ao serão aos esfarrapados netos.

O maior senão de todas estas poesias primitivas é a sua uniformidade e monotonia. Responde a esta acusação, por parte dos seus *minnesingers*, o erudito e elegante F. Schlegel: a defesa serve para todos.

A acusação de uniformidade, diz ele, parece-me singular: é o mesmo que desdenhar da primavera pela multidão de suas flores. Certo é que em muita espécie de ornatos, eles agradam mais separados do que amontoados em massas. A própria Laura não era capaz de ler, sem fadiga e fastio, todos os seus louvores se lhe apresentassem de uma vez quantos versos inspirou a Petrarca no decurso da sua vida. – A impressão de uniformidade nasce de vermos estes poemas reunidos em volumosas coleções que talvez não pensaram nem desejaram fazer seus autores. Mas em verdade não é só canções de amor, todo o poema lírico, se ele realmente for fiel à natureza e não pretender mais do que expressar sentimentos individuais, há de circunscrever-se a muito estreitos limites tanto de sentir como de pensar. A prova e exemplo está nos mais altos gêneros da poesia lírica de todos os povos. O sentimento há de ocupar o primeiro lugar para poder expressar-se com poesia e força: e onde o sentimento predomina, variedade e riquezas de pensamento são de importância muito secundária. Grandes variedades em poesia lírica não se acham senão nas épocas de Imitação em que se capricha de tratar toda a casta de assuntos em toda a sorte de formas.

Os trovadores do sul da França foram decerto os primeiros inventores da nova arte e nova língua poética que em breve se difundiu por toda a Europa e se popularizou de tal modo que o seu alaúde fez calar as harpas dos bardos teutônicos e quebrar a última desafinada corda da lira romana. Da brutal idolatria do norte, do profligado paganismo do meio dia, a sociedade europeia fugia para o espiritualismo cristão. Exagerados e falsos muitas vezes, os

trovadores eram contudo os poetas deste culto, os formuladores dessa ideia; daqui a sua popularidade e supremacia.

De nenhum ponto na história literária do mundo se falou e escreveu mais do que deste. E todavia os documentos necessários para julgar do verdadeiro mérito e caráter da poesia dos trovadores eram, até há pouco, tão mesquinhos que justamente observou Schlegel: “todo o mundo falava dos trovadores e ninguém os conhecia”. Os críticos franceses, e Millot especialmente, ocultaram com empenho os poucos originais que tinham consultado, manifestamente para que ninguém pudesse ajuizar da fidelidade de suas traduções e da justiça de seus conceitos.

Guinguené contentou-se com o trabalho que achou feito por Millot; rara vez se aventurou a traduzir por si, e algum fragmento original que por acaso apresenta, não o escolheu com o fim de mostrar o talento, o estilo ou o gosto da escola poética que examinava; foram tomados à sorte e oferecidos como simples exemplo de linguagem e de forma métrica; certamente não conheceu, não avaliou nem a força nem a beleza daquela língua, que, se a não julgarmos, como entendeu

M. Raynouard, continuada e revivente na língua portuguesa, se pode considerar uma língua hoje morta.

Seria absurdo e injusto assentar juízo sobre os trabalhos de um autor que pouco ou nada leu das obras que se meteu a julgar, e que confessa, como este confessou, e Sismondi também, que nos manuscritos em que se achavam as poesias dos trovadores não estava para as ir ler, e se fiava descansadamente nos extratos e traduções de Millot Sismondi contudo já na segunda edição da sua obra é mais extenso, e mudou de tom a respeito dos trovadores, porque tinha aparecido o primeiro volume dos trabalhos de M. Raynouard, que por fim veio esclarecer esta tão obscurecida parte da história literária.

Com efeito Raynouard fixou o vago destes exames, reformou os antigos erros, supriu as deficiências de seus predecessores, formou a gramática da língua, imprimiu corretamente os originais e reuniu os principais monumentos da língua e da poesia provençal com diligência, gosto e crítica.

Pode-se dizer que só depois de aparecer o seu livro é que verdadeiramente começamos a conhecer a literatura dos trovadores de onde a nossa descende,

ou com a qual se ligou estreitamente quase desde o princípio da monarquia e pouco menos que o começo da língua.

E viesse ela por Catalunha e Aragão, e, atravessando daí a Castela, a Gaia-ciência nos chegasse por Galiza ou diretamente no-la trouxesse o conde D. Henrique, o certo é que nos primeiros reinados da monarquia nós trovávamos já à provençal; e aí está a Carta do marquês de Santillana para fazer fé, que primeiro e melhor que ninguém o fizemos em todas as Espanhas, e que na mesma corte de Castela o português era a língua da poesia culta.

Mas não acharia essa poesia provençal quando cá chegou e se aclimatizou tão depressa como em chão seu próprio, não acharia nenhuns restos da poesia indígena que já os romanos aqui acharam, que sempre foi vivendo com eles e adotou a sua língua, que não consta que morresse, assim como não morreu a nova língua com o senhorio godo, nem era para acabar sob os árabes, – que antes esses lhe dariam da sua cor oriental e fantástica, segundo em tudo o mais nos fizeram?

Estou convencido que sim; e que os vestígios dessa poesia indígena ainda duram, desfigurados e alterados pelo contato de tantas invasões sociais e literárias, nos singelos poemas narrativos que o nosso povo conserva, que ama com tanto afinco, e que não são nem mais queridos nem mais vulgares em nenhuma outra parte das Espanhas.

Como porém no século XIII começa a aparecer a língua portuguesa propriamente dita, e nesse tempo já o estilo provençal tem o predomínio, as duas literaturas da corte e do povo vistas hoje desta distância se confundem aos olhos inexpertos; mas o observador ilustrado bem depressa as extrema logo.

Às apalpadelas quanto aos períodos mais remotos, eu parece-me achar que a poesia original portuguesa – compreendendo nesta designação a aborígene, a provençal e a mista – tem passado por oito fases diferentes, cujas transições e duração constituem sete épocas naturais.

Na primeira colocarei tudo o que, mais ou menos autêntico, tem parecido ser anterior à predominação da escola provençal, quase absoluta no reinado de D. Afonso III e D. Dinis; e compreende portanto as poucas e incertas relíquias que se dizem existir dos séculos XI e XII. Na segunda época já pisamos terreno histórica, e somos alumiados por um grande e inquestionável documento, o

Cancioneiro dito do Colégio dos Nobres, e o chamado de D. Dinis que ultimamente se imprimiu em Paris, pelo manuscrito do Vaticano. Dura esta época até D. Pedro I. E alguma coisa portanto poderemos também já haver do Cancioneiro de Resende. Mas certo e fixo tudo é lírico, são canções ou cantares. O pouco de épico ou de romance narrativo que se atribui a esta época é a puro adivinhar, porque tudo é havido da tradição oral, nada escrito.

Começa a terceira época em D. Fernando com a introdução do gosto inglês, isto é, normando; e por consequência com uma certa reação a favor do gênero narrativo.

Aqui triunfa a moda dos romances da Távola Redonda; el-rei Artur é o tipo de toda a cavalaria e de toda a poesia; o Condestável, o Mecenas desta escola, e D. João I o seu Augusto. Já na tradição oral aparecem muitos romances que, sem grande risco de errar, se podem atribuir a este período. Da rainha D. Filipa, de seu filho D. Duarte temos versos escritos e autênticos; de seu neto, o outro famoso Condestável, um Cancioneiro inteiro.

Nos reinados de D. Afonso V e de D. João II predomina o gênero germânico. No Cancioneiro de Resende e em outras coleções, temos exemplares bastantes no gênero lírico, algum raro porém do narrativo.

Reputo fechada a época com a terminação da Idade Média, que todos colocam por esta data, pouco mais ou menos, e que nós portugueses positivamente devemos pôr no fim do reinado de D. João II.

A quarta época é aberta por Bernardim Ribeiro e Gil Vicente. Agora o Palmeirim e a literatura normando-bizantina triunfam. Pouco depois já é menor o sabor normando nos nossos romances, e já começam a ganhar influência os romancistas italianos. Parte do Cancioneiro de Resende pertence também a esta época: é todo dela o mesmo Garcia.

Logo após vem a renascença da literatura clássica. A poesia culta e da corte perpetuamente se separa da popular, toma as formas italianas e triunfa com Antônio Ferreira. Sá de Miranda fica no meio das duas escolas; Camões populariza o gênero clássico, repassando-o, quanto era possível, do gosto nacional. Temos muitos romances, lendas e canções desta época, tanto escritos como conservados pela tradição oral. Mas no reinado de D. João III a afetação bucólica invade o próprio romance, que despe a malha e depõe a lança para

vestir o surrão e empunhar o cajado de pastor. O gosto popular, mal satisfeito com a escola clássica, dominante, lança-se no romance castelhano, cuja sinceridade e rudeza épica lhe agrada mais. Muitos romances castelhanos se nacionalizam entre nós.

O gênio cavalheiresco de D. Sebastião, a calamidade nacional da sua perda dão outra vez tom e vida ao romance histórico e aventureiro. Conclui-se a quarta época com o fim do século XVI e da independência nacional.

O domínio castelhano e a mais forte influência da sua literatura formam a quinta época. O gênero moirisco tinha tomado posse da poesia popular de Castela, e agora invade a de Portugal. Aparecem ainda hoje na tradição oral imitações e traduções dos romances granadinos. Francisco Rodrigues Lobo e depois D. Francisco Manuel de Melo estão à frente desta escola. A Arcádia é contudo mais forte do que Granada, os moiros são expulsos do romance e da canção popular, e o gênero pastoril triunfa. O povo fica espectador desinteressado nestas lutas; nem chorou pelos vencidos, nem sancionou a vitória dos triunfadores. Nem uns nem outros falavam ao seu coração, às suas paixões; nem o consolavam em suas desgraças, nem lhe animavam as esperanças. Mas como nenhum povo vive sem poesia, o nosso povo foi achá-la onde nem os grandes nem os sabedores do tempo decerto imaginavam que ela estivesse, mas estava, a verdadeira, a única nacional de então, a das trovas e profecias que lhe falavam de um libertador, de um vingador, de um salvador que a Providência tinha reservado à nação portuguesa, e no qual se haviam de cumprir as imaginadas e suspiradas promessas do Campo de Ourique.

São deste tempo as Profecias do Bandarra e outras que em si resumem quase toda a poesia popular da época, se excetuarmos as lendas de milagres e as canções ao divino de que agora aparecem mais exemplares do que nunca.

O romance porém não estava morto, só desconsiderado e sem popularidade. Na insipidez da vida pastoril, o povo desprezou-o, a corte mostrou-lhe, ao princípio, agrado e proteção, mas enfatiou-se dele e abandonou-o. O infeliz recorreu ao expediente comum dos baixos *parvenus* e dos nobres degenerados: fez-se truão e bobo; os gracejos, os equívocos, as facécias burlescas foram as suas armas, e à força de ridículo, conseguiu reconquistar alguma atenção do público. Tal o achamos no fim desta época, tal aparece nas volumosas coleções do tempo, de que na Fênix Renascida, há alguns exemplares curiosos.

Sem melhorar ou talvez piorando de estilo, mas muito alterado o tom, torna o romance a reabilitar-se na opinião nacional, volta a ser quase popular, porque se inspira do gênio redivivo da nação para cantar os seus triunfos e a glória na expulsão dos castelhanos e nas contínuas vitórias que sobre eles alcança. O seu entusiasmo porém é sem dignidade, sem nobreza, não é o povo que canta as suas vitórias, são os poetas que querem cortejar o povo no dia da sua glória e que o não sabem fazer senão com grosseiros motejos aos inimigos vencidos.

As profecias e as lendas continuam a ser a verdadeira poesia nacional. Tudo o mais é corrompido pelo mau gosto dos cultos, que, arregimentados em infinidade de Academias dos nomes mais extravagantes e incríveis, conseguem tirar toda a cor à literatura portuguesa de todos os gêneros e fazer da língua uma algaravia afetada e ridícula, vã de toda a expressão, assoprada em frases tão descomunais, em conceitos tão ociosos, que nenhum sentido se lhe acha, se algum tiveram os que tão absurdas coisas escreviam.

E todavia ainda ressurge, ainda brota, aqui, ali, por entre estes matagais, o antigo gênio do romance peninsular inspirando alguma rara composição menos desnatural. Mas o gongorismo, a afetação, os conceitos presumidos incham, assopram, desfiguram tudo. Por fim até a metrificação natural e privativa é abandonada, o romance faz-se a gralha da fábula para vestir as penas do pavão da forma endecassílaba; e com este esforço de vaidade se torna absurdo, desprezível, é apupado por todos os partidos literários, e morre esquecido e miserável.

O triunfo clássico foi completo: reina a Arcádia; o seu domínio acadêmico obtém o consenso e o concurso geral: tamanho era o cansaço e fastio que os desvarios daquela anarquia sem sabor tinham causado. Popularizam-se de novo as formas latinas e italianas, o estilo e o pensamento francês por tal modo, que ninguém se lembrava já sequer de que tivesse havido ou pudesse haver outra coisa.

Só o povo, o povo dos campos, as classes menos ilustradas da sociedade protestaram em silêncio contra este injusto abuso de uma justa vitória, guardando na lembrança, e repetindo entre si, como os hinos de uma religião proscrita, aqueles primitivos cantares das antigas eras que os doutos desprezavam e perseguiram, confundindo-os no anátema geral que só tinham merecido seus degenerados imitadores e corruptores.

No resto de Espanha sucedia o mesmo. Madrid e Lisboa rivalizavam a qual havia de proscrever e escarnecer mais a sua verdadeira poesia nacional. A falsa e ridícula imitação da antiguidade clássica, amaneirada pelas regras francesas, dominava tudo. Os escritores do grande rei e os seus alunos reinavam absolutos. E não só à península ibérica se estendia a sua autoridade: a Itália, a Alemanha, a própria tão ciosa Grã-Bretanha se deixaram avassalar destes novos Roldans e Oliveiros que, em singular mas pouco leal batalha, pareciam ter vencido a todos os paladins trovadores do mundo, juglares, menestréis, bardos, *minnesingers* e *tutti quanti*. A própria religião de Camões esfriava em Portugal; um mau Lutero – frade e graciano como o outro – chegou a ter a ousadia de proclamar o protestantismo contra a sua católica autoridade! Calderon era quase esquecido, quase desprezado às margens do Mançanares; ao Dante não o entendiam já nem juravam por ele os seus; o próprio Shakespeare esteve a ponto de sucumbir às traições de Dryden, e de ver Convent Garden e Drurylane ocupados exclusivamente pelas traduções e imitações dos clássicos de Luís XIV; Goethe nem Schiller não tinham erguido ainda bem desfraldado o estandarte da reação; toda a literatura da Europa era francesa, amaneirada, monótona, servil, e reduzida a uma estéril unidade rotineira que nada criava, nada sentia, e nada ousava dizer senão por aquelas formas pautadas que lhe impunha o fatal régimen da centralização absoluta.

Senão quando, a revolução se levantou no Norte; a Alemanha foi a primeira a sacudir o jugo; quase ao mesmo tempo a Inglaterra; por fim a Itália; e até na própria França se levantou um grande partido contra esse despotismo que a não avassalava menos a ela do que as nações estrangeiras.

Nós lutávamos então contra a usurpação francesa e a tutela inglesa que, ensinando-nos a combater mais regularmente e com mais certa fortuna, ao mesmo tempo comprimia o impulso popular com seus bons e maus efeitos; apagou o incêndio que não queimasse, mas também o impediu de purificar e alumiar. A Arcádia já não existia, mas a sua sombra e o seu nome, ainda reinavam. Bocage teria sido o poeta mais popular de Portugal, o verdadeiro restaurador da nossa poesia se ele e os seus discípulos, que poética e literariamente reinaram na segunda metade desta época, não fossem dominados daquele temor, daquele respeito, daquela deferência com que se inclinavam diante dos preceitos e exemplos da Arcádia em que reconheciam a infalibilidade ecumênica.

Quase se podia dizer destruída toda a nacionalidade, apagados os últimos vestígios originais da poesia, quando no fim do primeiro quartel deste século essa influência da renascença alemã e inglesa se começou a sentir.

Não quero por muitos motivos, e alguns deles personalíssimos, não quero entrar aqui em disputas de preferência, e prioridade com os nossos vizinhos e parentes mais próximos: direi somente que em Espanha portugueses e castelhanos despertaram quase ao mesmo tempo, e começaram a abrir os olhos sobre a triste figura que estavam fazendo na Europa em renegar da fidalga origem de suas belas línguas e literaturas, prostituindo-as em tão humilhante servidão francesa que por fins tinham chegado a nem já quase ousar imitar os seus modelos: traduziam palavra a palavra; e da própria frase, do gênio de seu idioma se envergonhavam. Despertamos porém; e comum nos foi o pensamento, quase simultâneo o esforço, a castelhanos e a portugueses; foi uma verdadeira reação ibérica; as duas línguas cultas da península apareceram unidas por um tácito pacto de família, animadas do espírito redivivo de seus avós comuns na causa da restauração comum.

Pede todavia a verdade histórica, a justiça manda que se faça uma grande e notável distinção no apreciar do respectivo contingente de esforços com que cada uma delas contribuiu para esta guerra de independência.

Assim como na resistência ao domínio da espada francesa, os portugueses foram mais ajudados pelos seus antigos aliados os ingleses, e o resto de Espanha lutou mais de próprio marte e por singular esforço seu; também no sacudir o jugo acadêmico estrangeiro e em proclamar a independência da literatura pátria, os castelhanos foram poderosamente auxiliados pelos ingleses e alemães, especialmente e largamente pelos últimos: a nós ninguém nos ajudou, ninguém combateu a nosso lado, ninguém nos ministrou armas, munições, socorro o mais mínimo.

Seja-me permitido tomar aqui, neste ponto de história literária já contemporânea, a mesma liberdade de que para si usou, na história política, o ilustre conde de Toreno.

Historiador coevo, ele teve de falar de si e de seus feitos como soldado e como homem público nessas honrosas lides da guerra peninsular: eu forçosamente tenho de falar de meus pobres trabalhos de escritor, trabalhos quase infantis, é

verdade, mas com os quais e por cuja voz tímida e balbuciante rompeu todavia, a primeira aclamação da nossa independência literária.

Desde 1825-26, que foi publicada a *Dona Branca* e o *Camões*, datam as primeiras tentativas da revolução; em 1828 com a *Adosinda* e o *Bernal Francês* se firmou o estandarte da restauração. Separado logo depois e por mais de dez anos, pelos cuidados e lidas políticas, de quase todo o trabalho literário, tive contudo a satisfação de aplaudir aos muitos e ilustres combatentes que foram entrando na lice; vi lavrar milagrosamente o fogo santo, e juntei o meu retirado clamor aos hinos da vitória que derrotou para sempre os pretendidos clássicos, os zângãos acadêmicos, os estrangeiros de todas as cores e feitios.

Antes que, excitado pelo que via e lia em Inglaterra e Alemanha, eu começasse a empreender neste sentido a reabilitação do romance nacional, já Grimm, Rodd, Depping, Müller e outros vários tinham publicado importantes trabalhos sobre as tão preciosas quanto mal estimadas antigas coleções castelhanas: já *Mme de Staël* e *Sismondi* tinham exaltado sua grande importância literária. E todavia só muito depois disto publicou em França o sr. Duque de Rivas o seu *Moro Exposito*, que foi o primeiro sinal da reação castelhana, e enfim em 1832 o sr. Duran o seu *ROMANCEIRO*, que a completou.

Daqui por diante é geral e unânime em toda a península o movimento literário.

Buscam-se os códigos antigos, comparam-se, estudam-se, reimprimem-se.

O nosso Cancioneiro passou sempre por ser o mais rico; e é decerto o mais antigo, porque as citadas coleções de Resende, do Colégio dos Nobres, e de D. Dinis vão até o século XIII e XIV. Romanceiro, torno a dizer, não o coligimos nunca; mas na tradição oral do povo, e dispersos pelos livros de vários autores e por alguns raros manuscritos anda uma grande riqueza que ainda se não tratou de ajuntar e apurar como ela merece e como tanto precisamos.

Sobre Isto trabalho há muitos anos, conforme já o disse no primeiro livro desta coleção, o qual todavia, repito, só deve considerar-se como Introdução a este que agora chamo segundo, mas que em realidade vem a ser o primeiro do *ROMANCEIRO*.

Não pude seguir a ordem cronológica, como era tanto para desejar, na colocação destas antigas e preciosas relíquias; porque havidas, na maior parte,

da tradição oral dos povos, tudo quanto de suas datas se possa dizer é meramente conjectural. Tão pouco não julguei dever adotar inteiramente a classificação por assuntos do sr. Duran, que à força de sistemática lhe dá em falso muita vez, e o obriga a subdivisões tão minuciosas que, por muitas demais, confundem em lugar de elucidarem.

Depois de muitas e variadas combinações que sucessivamente tentei e abandonei, resolvi por fim limitar-me a uma divisão menos severa que a do sr. Duran, mas que me parece mais natural porque é mais simples.

Posta de parte por agora toda a ideia de Cancioneiro, não contemplei senão o que é estritamente matéria de romanceiro, e assim distribui por fim a minha coleção em cinco livros; a saber:

Livro I. Romances da renascença, imitações, reconstruções e estudos meus sobre o antigo;

Livro II. Romances cavalheirescos antigos de aventuras, e que ou não têm referência à história, ou não a têm conhecida;

Livro III. Lendas e Profecias;

Livro IV. Romances históricos compostos sobre fatos ou mitos da história portuguesa e de outras;

Livro V. Romances vários, compreendendo todos os que não são épicos ou narrativos.

Por de leve esbocei as delineações destas épocas. Nem os perfeitos limites delas, nem a exata classificação de todos os documentos e exemplares que ajuntei, pretendo defender com certeza, porque é impossível tê-la em tais matérias quem está de boa fé.

Tal é o método que segui. E tais são os princípios, tais foram os sentimentos que me fizeram empreender esta difícil tarefa, perseverar nela tantos anos apesar de tantas dificuldades, aborrecimentos e contrariedades sem número.

Tenho, outra vez o digo, tenho a consciência de fazer um grande serviço ao meu país, e de contribuir com um contingente não desprezível para a ilustração da história das línguas e das literaturas da Europa.

ROMANCEIRO

PARTE I

I

BELA INFANTA

Esta é sem questão a mais geralmente sabida e cantada de nossas xácaras populares, a Bela Infanta.

Os críticos e coletores da nação vizinha e parente colocam alguns romances, que são visíveis fragmentos deste, entre os seus mais antigos e mais populares, daqueles cuja vetustade se perde talvez nas trevas do décimo terceiro século. É sabido que os romances mais antigos e queridos do povo davam tema aos poetas para trovarem sobre eles, ou os aplicarem aos fatos do seu tempo. É o que se vê nos referidos fragmentos que se encontram entre os primeiros das vastas coleções de Duran e Ochoa.

Digo que esta é uma verdadeira xácara, porque, feita a introdução, o poeta retira-se e deixa aos seus interlocutores contar a história toda.

No quinto ato do Alfageme introduzi, com algumas alterações indispensáveis, esta xácara, fazendo-a cantar por um coro de mulheres do povo, à hora do trabalho; e observei o sensível prazer que tinha o público em ver recordar as suas antiguidades populares, que nem ainda agora deixaram de lhe ser caras. Mas por mais que fizesse, não consegui que as cantassem a uma toada própria e imitante, quanto hoje pode ser, da melopeia antiga com que há séculos andam casadas essas trovas. Ainda em cima, os cantores desafinavam e iam fora de tempo na música italiana e complicada que lhes puseram. Apesar de tudo, os espectadores avaliaram a intenção e a aplaudiram.

Não sei de outra alguma destas composições populares que tenha por assunto um sucesso ligado com a guerra das Cruzadas: até por isso é interessante.

No corrigir do texto segui, como faço quase sempre, a lição da Beira Baixa, que é a mais segura. As poucas lições várias dignas de se notar vão apontadas.

Uma variante completa, que me enviou há pouco uma senhora do Minho, merece contudo ser transcrita por extenso.

Na estimada coleção de antigas trovas e romances ingleses, pelo bispo Percy, vem uma balada, que ele considera dos princípios do século décimo sexto, em que há visível imitação desta. Sabe-se muito bem quanto a poesia inglesa, desde Chaucer até Shakespeare, andou correndo aventuras pela romântica e encantada terra das Espanhas.

A balada inglesa é um diálogo entre um viajante e umromeiro; c’omeça assim:

*– As ye came from the holy land
Of blessed Walsingham,
O’ met you not my true love
As by the way ye came?
“Hew should I know your true love
That have met many a one?...”*

Desta preciosa coleção, disse um grande entendedor: “O gosto com que foram escolhidos os materiais, a extrema felicidade com que foram ilustrados a riqueza de conhecimentos arqueológicos, e de lição clássica em que abunda a coleção, torna difícil imitar, impossível exceder, uma obra que para sempre há de ser tida como a primeira da sua classe em merecimento”.

BELA INFANTA

Estava a bela infanta
No seu jardim assentada,
Como o pente de oiro fino
Seus cabelos penteava.
Deitou os olhos ao mar
Viu vir uma nobre armada;
Capitão que nela vinha,
Muito bem que a governava.
– “Diz-me, ó capitão

Dessa tua nobre armada,
Se encontraste meu marido
Na terra que Deus pisava?”
– “Anda tanto cavaleiro
Naquela terra sagrada...
Diz-me tu, ó senhora,
As senhas que ele levava.”
– “Levava cavalo branco,
Selim de prata doirada;
Na ponta da sua lança
A cruz de Cristo levava.”
– “Pelos sinais que me deste
Lá o vi numa estacada
Morreu morte de valente:
Eu sua morte vingava.”
– “Ai triste de mim viúva,
Ai triste de mim coitada!
De três filhinhas que tenho,
Sem nenhuma ser casada!...”
– “Que dirias tu, senhora,
A quem no trouxera aqui?”
– “Dera-lhe oiro e prata fina,
Quanta riqueza há por i.”
– “Não quero oiro nem prata,
Não nos quero para mi:
Que darias mais, senhora,
A quem no trouxera aqui?”
– “De três moinhos que tenho,
Todos três tos dera a ti;
Um mói o cravo e a canela
Outro mói do gerzeli:
Rica farinha que fazem!
Tomara-os el-rei pra si”
– “Os teus moinhos não quero
Não nos quero para mi;
Que diria mais senhora,

A quem to trouxera aqui?”
– “As telhas do meu telhado
Que são oiro e marfim.”
– “As telhas do teu telhado
Não nas quero para mi:
Que darias mais, senhora,
A quem no trouxera aqui?”
– “De três filhas que eu tenho,
Todas três te daria a ti:
Uma para te calçar,
Outra para te vestir,
A mais formosa de todas
Para contigo dormir.”
– “As tuas filhas, infanta,
Não são damas para mi:
Dá-me outra coisa senhora,
Se queres que o traga aqui.
– “Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedir.”
– “Tudo, não, senhora minha,
Que inda te não deste a ti.”
– “Cavaleiro que tal pede,
Que tão vilão é de si
Por meus vilões arrastado
O farei andar aí
Ao rabo do meu cavalo.
À volta do meu jardim
Vassalos, os meus vassalos,
Acudi-me agora aqui!”
– “Este anel de sete pedras
Que eu contigo reparti...
Que é dela a outra metade?
Pois a minha, vê-la aí!”
– “Tantos anos que chorei,
Tantos sustos que tremi!...
Deus te perdoe, marido,

Que me ias matando aqui.”

VARIANTE PORTUGUESA QUE PARECE UMA VERSÃO MAIS MODERNA DO ORIGINAL ANTIGO

Dona Clara, Dona Infante
Estava no seu jardim,
Penteando tranças de oiro
Com seu pente de marfim,
Sentada numa almofada
De veludo carmesim.
Botou os olhos ao mar
E avistou formosa armada:
Capitão que a governava
Que bem a traz preparada!
Saltou em terra ele só
Com a viseira calada,
Vem saudar a dona Infante
Que assim triste lhe falou:
– “Viste tu o meu marido
Que há tempo que me deixou?”
– “Teu marido não conheço,
Diz-me que sinais levou.”
– “Levou seu cavalo branco
Com sua sela dourada,
Na ponta de sua lança
Uma fita encarnada;
Um cordão do meu cabelo
Que lhe prendia a espada.
Se porém tu não viste,
Cavaleiro da cruzada,
Ó triste de mim viúva,
Ó triste de mim coitada!
De três filhas que eu tenho
E nenhuma ser casada.”
– “Sou soldado, ando na guerra,

Nunca teu marido vi:
Mas quanto deras, senhora,
A quem o trouxera aqui?”
– “Dera-te tanto dinheiro
Que não tem conto nem fim;
E as telhas do meu telhado
Que são de oiro e marfim.”
– “Não quero oiro ou dinheiro
Que me não pertence a mi:
Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi.
Quanto deras mais, senhora,
A quem o trouxera aqui?”
– “Dera-te as minhas jóias
Que não têm peso e medida;
Dera-te o meu tear de oiro,
Roca de prata polida.”
– “Não quero oiro nem prata:
Com ferro minha mão lida.
Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi:
Mas quanto deras senhora,
A quem no trouxera aqui?”
– “Das três filhas que eu tenho,
Eu tas dera a escolher,
São formosas como a lua,
Como o sol a amanhecer.”
– “Eu não quero tuas filhas,
Não me podem pertencer.
Sou soldado, ando na guerra;
Nunca teu marido vi:
Mas quanto deras, senhora,
A quem no trouxera aqui?”
– “Não tenho mais que te me dar
Nem tu mais que me pedir.”
– “Inda tens mais que dar,

Não estejas a mentir;
Tens teu leito de oiro fino
Onde eu quisera dormir.”
– “Cavaleiro que tal diz
Merece ser arrastado
Em roda do meu jardim
Aos pés de um cavalo atado.
Vinde cá, criados meus,
Castigai este soldado.”
– “Não chames os teus criados
Que criados são de mi.”
– “Se tu és o meu marido
Porque me falas assim?”
– “Por ver se me eras leal
É que disfarçado vim.
Lembras-te, ó dona infante,
Quando eu daqui saí,
O anel de sete pedras
Que contigo reparti?
Se as tuas não perdeste,
As minhas ei-las aqui.”
– “Vinde cá, ó minhas filhas,
Vosso pai é já chegado.
Abri-vos, portão de jaspe
Há tanto tempo fechado!
Folgai, folgai, meus vassallos,
Que é Dom Infante a meu lado.”

II

O CAÇADOR

Os críticos de Alemanha e de Espanha contam entre os mais antigos romances da Península este que os nossos vizinhos chamam da Infantina e nós do Caçador. Também me parece o mesmo. Lockhart, o elegante tradutor inglês, extasia-se na admirável beleza de sua poesia tão original e tão simples. Mais

pasmara se o visse no texto português como no-lo conservou a memória do povo, muito mais belo e muito mais original do que anda nas coleções castelhanas donde ele Lockhart o traduziu.

E todavia essas são dos meados do século dezesseis. Três séculos depois, ainda a tradição portuguesa o tem nesta perfeição. Forçosamente ou foi escrito no nosso dialeto que, segundo o tantas vezes citado e não suspeito testemunho do Marquês de Santillana, era o preferido para se trovar na mesma corte de Castela, e fora o primeiro em que se fizeram versos; – ou, o que me parece mais provável, foi composto na linguagem ainda comum e pouco discriminada que prevalecia, ao princípio da reconquista, na povoação cristã das Espanhas.

Acresce que o romance castelhano, propriamente dito, nunca se lançou no maravilhoso das fadas e encantamentos que a escola céltica de França e Inglaterra, e mais ainda a neo-grega de Itália fizeram depois tão familiar na Europa. Os severos descendentes de Pelaijo não tinham mitologia nos seus poemas, cantados ao som da lança no escudo e a compasso das cutiladas. O sobrenatural desta história parece-se mais com as crenças, e superstições, ainda hoje existentes no nosso povo, das moiras encantadas, das aparições da manhã de S. João e de outros mitos nacionais, tão belos, tão queridos da gente portuguesa, e tão desprezados – ainda mal! – até agora pelos nossos poetas.

Seja porém como for, o romance do Caçador pertence à poesia popular portuguesa, é de imemorial antiguidade; e como a tal lhe dou aqui lugar entre as relíquias mais originais da nossa primitiva literatura.

A moralidade da fábula – se permitem a palavra os escrupulosos – é a mesma que a da maré do carvoeiro; ocasião perdida, ocasião que não volta. A história do Capote novo e outras muitas do “Decameron popular”, que é pena serem tão soltas e verdes que se não podem escrever, ilustram a mesma sentença e ríffão. Bocácio e La Fontaine achariam nos contos tradicionais do nosso povo com que enriquecer muito as Cem novelas novas de suas gaiatas coleções.

O CAÇADOR

O caçador foi à caça,
À caça, com soía
Os cães já leva cansados,
O falcão perdido havia.
Andando se lhe fez noite
Por uma mata sombria,
Arrimou-se a uma azinheira,
A mais alta que ali via.
Foi a levantar os olhos,
Viu coisa de maravilha:
No mais alto da ramada
Uma donzela tão linda!
Dos cabelos da cabeça
A mesma árvore vestia,
Da luz dos olhos tão viva
Todo o bosque se alumia.
Ali falou a donzela,
Já vereis o que dizia:
– “Não te assustes, cavaleiro,
Não tenhas tamanha frima.
Sou filha de um rei c’roado,
De uma bendita rainha.
Sete fadas me fadaram
Nos braços de mi’ madrinha,
Que estivesse aqui sete anos,
Sete anos e mais um dia;
Hoje se acabam nos anos,
Amanhã se conta o dia;
Leva-me, por Deus to peço,
Leva em tua companhia.”
– “Espera-me aqui, donzela,
Té amanhã, que é o dia;
Que eu vou tomar conselho,
Conselho com minha tia.”
Responde agora a donzela,
– “Oh, mal haja o cavaleiro,

Que não teve cortesia:
Deixa a menina no souto
Sem lhe fazer companhia!”
Ela ficou no seu ramo,
Ele foi-se a ter coa tia...
Já voltava o cavaleiro
Apenas que rompe o dia,
Corre por toda essa mata,
A enzina não descobria.
Vai correndo e vai chamando
Donzela não respondia:
Deitou os olhos ao longe,
Viu tanta cavalaria,
De senhores e fidalgos
Muito grande tropelia.
Levavam-na linda infanta,
Que era já contado o dia.
O triste do cavaleiro
Por morto no chão caía;
Mas já tornava aos sentidos
E a mão à espada metia:
– “Oh, quem perdeu o que eu perco
Grande penar merecia!
Justiça faço em mim mesmo
E aqui me acabo coa vida.”

III

A ENFEITIÇADA

E claramente de origem francesa, e vir-nos-ia porventura com os cavaleiros e os tropeiros do Conde D. Henrique, o lindo romance da Donzela Enfeitiçada. Foi talvez um fabliau na sua terra? Quem sabe?

Aqui é ele muito antigo; castelhanos e portugueses o disputam por seu, e acaso nem uns nem outros terão razão. Em algumas das nossas províncias anda

confundido, na versão oral, com o romance precedente do Caçador e custa a desvencilhá-los.

Colacionando-o com a cópia castelhana notar-se-á quanto é mais gracioso e mais chistoso o texto português; conhece-se muito mais nele o tom e o sainete sempre picante do gênio francês, que do princípio foi o que é e há de ser, leve, fácil e engraçado com donaire e agudeza.

Chamam-lhe em Castela *Romance de la Infanta de Francia*.

A anedota não está nos nossos costumes nem nos de nossos vizinhos, nem sequer nos costumes das eras cavalheirescas. Também não é ainda do ciclo da Távola Redonda, de quando os nossos mesmos romancistas punham todas as suas cenas no país dos Artures e Amadizes. Essa escola prevaleceu aqui mais tarde, e começou talvez a preponderar em tempos del-rei D. Fernando, em cuja corte dominavam já muito as modas e gosto inglês, que depois triunfaram absolutamente no reinado de seu irmão e sucessor.

O ar desta pequena peça é muito mais antigo; e por tal a têm os críticos e coletores castelhanos.

A ENFEITIÇADA

Vai correndo o cavaleiro,
A Paris levava a guia,
Viu estar uma donzela
Sentada na penha fria:
– “Que fazeis aqui donzela?
Que fazeis ó donzelinha?”
– “Vou-me à corte de Paris
Donde padre e madre tinha;
Perdi-me no meu caminho,
Pus-me a esperar companhia
Cansada estou de esperar
Sentada na penha fria,
Se te praz, ó cavaleiro,

Leva-me em tua companhia.”
Respondeu-lhe o cavaleiro:
– “Pois que me praz, vida minha.”
Lá no meio do caminho
De amores a requeria;
A donzela muito enxuta
Lhe disse com ousadia:
– “Tem-te, tem-te, cavaleiro,
Não façais tal vilania?
Que, antes que me batizassem
Me deram feitiçaria:
Sete bruxas me embruxaram
Antes que eu fosse à pia;
O homem que a mim se chegasse,
Malato se tornaria”
Não responde o cavaleiro,
Todo na sela tremia.
Lá para o fim do caminho
A donzela que sorria.
– “De que vos rides, donzela,
De que rides donzelinha?”
– “Não me rio do cavalo
Nem da sua fitaria,
Rio-me do cavaleiro,
Mais da sua covardia;
Com a donzela à garupa
E catou-lhe cortesia;
Soube guardar-se das moças
E bruxas velhas temia.”
– “Atrás, atrás, ó donzela,
Atrás, atrás, donzelinha,
Que na fonte onde bebemos
Deixo uma espora perdida.”
– “Cavaleiro, adiante, adiante,
Que eu atrás não tornaria.
Se a sua espora é de prata,

Meu pai de oiro lha daria:
Que ás portas de meu pai
Se mede oiro cada dia.”
– “Dizei-me vós ó donzela,
Dizei-me de quem sois filha.
– “Sou filha del-rei de França
E da rainha Constantina.”
– “Arrengo eu de mulheres
Mais de quem nelas se fia!
Cuidei de levar amante,
Levo uma irmã minha.”

IV

CONDE YANNO

Sir Walter Scott diz, em alguma parte do Cancioneiro das fronteiras da Escócia, que os romances populares foram quase todos em sua origem poemas mais longos e mais completos, que os menestréis depois encurtavam e truncavam para os poderem cantar em dois ou três lais quando muito, como quem diz, em duas ou três cantigas: o que na íntegra era impossível. Que daí ficaram assim pela memória do povo, e assim vieram até nós.

Se tal é – e eu não defendo nem impugno agora a teoria – digo que este belo romance do Conde Yanno algum menestrel português o acomodou ao gosto popular, contraindo-o do poemeto castelhano que ali se chama do Conde Alarcos e da Infanta Solisa.

Em algumas províncias nossas também lhe chamam Conde Alarcos, noutras Conde Anardos; e até noutras, por muito visível rebatização herética, Dom Duarte, e Conde Alberto. Tão somente nos distritos mais sertanejos do reino e menos próximos do contato castelhano aparece Conde Yanno.

Yanno é a mais antiga degeneração do grego e latino Joannes – dos quais tanto mais próximo está do que os modernos Juan, João dos dois dialetos cultos das Espanhas.

Assim o nome como o modo de dizer Conde Yanno (Conde João) em vez de Conde de tal indicam já grande antiguidade. E tanta, que eu mais me inclino a que o trovador castelhano alargasse a obra do menestrel português do que vice-versa. E ou esta é uma exceção das muitas que tem a regra de Sir Walter, ou ela não é regra, absoluta pelo menos.

A verdade há de estar no meio, que é o costume.

Lembra-me, em pequeno, a imensa alegria que eu tinha quando a minha Brígida velha, criada que nos contava e cantava estas histórias, chegando ao passo em que a condessa ia morrer às mãos do seu ambicioso e indigno marido, mudava de repente de tom na sua sentida melopeia, e exclamava:

“Tocam nos sinos na Sé...
Ai Jesus, quem morreria?...”

Morria a má infanta que descasava os bem casados, e a pobre condessa escapava.

Que fortuna! Tirava-se um peso do coração à gente, e a história acabava como devia ser.

As despedidas da condessa moribunda “a tudo que mais queria”, às suas flores, ao seu filhinho, são admiráveis aqui também e omissas na lição castelhana.

Enfim, nascesse ele dentro das nossas fronteiras, ou viesse além delas, cá se fez mais lindo o romance, muito mais.

Sismondi e Madame de Staël exaltam esta composição acima de todas as do romanceiro castelhano. Que faria se conhecessem a lição portuguesa? É geralmente sabido por todo o reino, muito popular, e as variantes numerosas.

Quase todas as que valiam a pena as incorporei no texto, porque algumas eram complementares de outras, e muitas aclaravam o sentido e atavam o fio da narrativa. Das poucas que ficaram, se aponta à margem alguma que o merece.

CONDE YANNO

Chorava a infanta, chorava,
Chorava e razão havia,
Vivendo tão descontente;
Seu pai por casar a tinha.
Acordou el-rei da cama
Com o pranto que fazia:
– “Que tens tu, querida infanta.
Que tens tu, ó filha minha?”
– “Senhor pai, o que hei de eu ter
Senão que me pesa a vida?
De três irmãos que nós éramos,
Solteira eu só ficaria.”
– “Que queres tu que te eu faça?
Mas a culpa não é minha.
Cá vieram embaixadas
De Guitaina e Normandia;
Nem ouvi-las não quiseste,
Nem fazer-lhes cortesia...
Na minha corte não vejo
Marido que te daria...
Só se fosse o conde Yanno,
E esse já mulher havia”.
“Ai! rico pai da minha alma,
Pois esse é que eu queria.
Se ele tem mulher e filhos,
A mim muito mais devia,
Que me não soube guardar
A fé que me prometia”.
Manda el-rei chamar o conde,
Sem saber o que faria:
Que lhe viesse falar...
Sem saber que lhe diria.
– “Inda agora vim do paço,

Já el-rei lá me queria!
Ai! será para meu bem?
Ai! para meu mal seria?”
Conde Yanno que chegava,
El-rei a que buscar o vinha:
– “Beijo a mão a vossa alteza;
Que quer vossa senhoria?”
Responde-lhe agora o rei
Com grande merencoria:
– “Beijai, que mercê vos faço;
Casareis com minha filha.”
Cuidou de cair por morto
O conde que tal ouvia:
– “Senhor rei, que sou casado
Já passa mais de ano e dia!”
– “Matareis vossa mulher,
Casareis com minha filha.”
– “Senhor, como hei de matá-la,
Se a morte me não mer’cia?”
– “Calai-vos conde, calai-vos,
Não vos quero demasia;
Filhas de reis não se enganam
Como uma mulher cativa.”
– “Senhor, que é muita razão,
Mais razão que ser devia,
Para me matar a mim
Que tanto vos ofendia;
Mas matar uma inocente
Com tamanha aleivosia!
Nesta vida nem na outra
Deus me não perdoaria.”
– “A condessa há de morrer
Pelo mal que cá fazia;
Quero ver sua cabeça
Nessa doirada bacia”.
Foi-se embora o conde Yanno,

Muito triste que ele ia,
Adiante um pajem del-rei
Levava a negra bacia,
O pajem ia de luto,
De luto o conde vestia:
Mais dó levava no peito
Cos apertos da agonia.
A condessa que o esperava,
De muito longe que o via,
Com o filhinho nos braços
Para abraçá-lo corria:
– “Bem-vindo sejais, meu conde,
Bem-vinda minha alegria!”
Ele sem dizer palavra
Pelas escadas subia.
Mandou fechar seu palácio,
Coisa que nunca fazia;
Mandou logo pôr a ceia
Como quem lhe apetecia.
Sentaram-se ambos à mesa,
Nem um nem outro comia;
As lágrimas era um rio
Que pela mesa corria.
Foi a beijar o filhinho
Que a mãe aos peitos trazia,
Largou o seio o inocente,
Como um anjo lhe sorria.
Quando tal viu a condessa,
O coração lhe partia;
Desata em tamanho chora
Que em toda a casa se ouvia;
– “Que tens tu, ó querido conde,
Que tens tu, ó vida minha?
Tira-me já destas ânsias
El-rei o que te queria?”
Ele afogava em soluços,

Responder-lhe não podia;
Ela, apertando-o nos braços,
Com muito amor lhe dizia:
– “Abre-me o teu coração,
Desafoga essa agonia,
Dá-me da tua tristeza
Dar-te-ei da minha alegria”.

Levantou-se o conde Yanno,
A condessa que o seguia.
Deitaram-se ambos no leito;
Nem um nem outro dormia.
Ouvireis a desgraçada;
Ouvides ora o que dizia:
– “Peço-te por Deus do céu
E pela Virgem Maria,
Antes me mates, meu conde,
Que eu ver-te nessa agonia.”

– “Morto seja quem tal manda,
Mais a sua tirania!
– “Ai! não te entendo; meu conde,
Dize-me, por tua vida,
Que negra ventura é esta.
Que entre nós está metida?”

– “Ventura da sem ventura.
Grande foi tua mofina!
Manda-me el-rei que te mate,
Que case com sua filha.”

Palavras não eram ditas,
Inda mal lhas ouviria,
A desgraçada condessa
Por morta no chão caía.
Não quis Deus que ali morresse...
Triste que ali não morria!
Maior dor que a da morte
A torna a chamar à vida.
– “Cala, cala, conde Yanno,

Que inda remédio haveria;
Ai! não me mates, meu conde,
E um alvitre te daria:
A meu pai me mandarás,
Pai que tanto me queria!
Ter-me-ão por filha donzela
E eu a fé te guardaria.
Criarei este inocente
Que a outra não criaria;
Manter-te-ei castidade
Como sempre ta mantia.”
– “Ai como pode isso ser,
Condessa minha querida,
Se el-rei quer tua cabeça
Nesta doirada bacia?”
– “Cala, cala, conde Yanno,
Que inda remédio teria.
Meter-me-ás num convento
Da ordem da freiraria;
Dar-me-ão o pão por onça
E a água por medida:
Eu lá morrerei de pena,
E a infanta o não saberia.”
– “Ai! como pode isso ser,
Condessa minha querida,
Se quer ver tua cabeça
Nesta maldita bacia?”
– “Fecháras-me numa torre,
Nem sol, nem lua veria,
As horas da minha vida
Por meus ais as contaria.”
– “Ai como pode isso ser,
Condessa minha querida,
Se el-rei quer tua cabeça
Nesta doirada bacia?”
Palavras não eram ditas,

El-rei que à porta batia:
Se a condessa não é morta,
Que então ele a mataria.
– “A condessa não é morta
Mas está na agonia.”
– “Deixa-me dizer, meu conde,
Uma oração que eu saiba.”
– “Dizei depressa, condessa,
Antes que amanheça o dia.”
– “Ai! quem podera rezar,
Ó virgem Santa Maria!
Que eu não me pesa da morte,
Pesa-me da aleivosia:
Mais me pesa de ti, Conde,
E da tua covardia.
Matas-me por tuas mãos,
Só porque el-rei o queria!
Ai! Deus te perdoe, Conde,
Lá na hora da contia.
Deixar-me dizer adeus
A tudo o que eu mais queria;
Às flores deste jardim,
Às águas da fonte fria.
Adeus cravos, adeus rosas,
Adeus flor da Alexandria!
Guardai-me vós meus amores
Que outrém me não guardaria.
Dêem-me cá esse menino,
Entranhas da minha vida;
Deste sangue de meu peito
Mamará por despedida.
Mama, meu filhinho, mama
Desse leite da agonia;
Que até agora tinhas mãe,
Mãe que tanto te queria,
Amanhã terás madrasta

De mais alta senhoria...”
Tocam nos sinos na sé...
Ai Jesus! Quem morreria?
Responde o filhinho ao peito,
Respondeu – que maravilha!
– “Morreu, foi a nossa Infanta.
Pelos males que fazia;
Descasar os bem casados:
Coisa que Deus não queria.”

V

O CONDE DA ALEMANHA

O romance-xácara do Conde da Alemanha tem um pensamento belo e moral, e o estilo daquela simplicidade sublime e verdadeiramente antiga, que é o selo das composições originais e primitivas, de quando a arte, espelho ainda rudo porém ainda ingênuo, não faz mais do que refletir a natureza mas reflete-a com toda a verdade.

Uma filha – uma Infanta, pois quase todos estes contos de “era uma vez há muito” são de Infantas e princesas—uma filha tem a desgraça de vir a descobrir a “criminal conversação” de sua mãe com um cavaleiro mancebo e estrangeiro, um certo “conde da Alemanha” – Alamanha, ou também Aramenha, como em algumas partes diz a lição do povo. El-rei anda à caça segundo é de uso usado nestes remos antigos – ao menos ocupavam-se nisso! – e a filha protesta dizer-lhe tudo em ele chegando, apesar dos rogos e peitas com que a mãe a procura fazer calar. Chega o pai, a infanta vai resoluta a ele... Horrroso espetáculo! A tremenda acusação de adultério proferida pela filha contra a mãe! O terror chega ao seu auge, a peripécia é grande e sublime... A filha acusa o sedutor, mas salva a mãe; acusa-o de um grande atentado que lhe deve custar a vida, mas outro, mas diferente: o de lhe lançar mãos violentas, o de atentar contra a honra dela infanta!

A falsa querela leva o conde ao cadafalso; mas o crime verdadeiro fica punido e a honra do pai desagravada sem se revelar a infâmia da mãe.

É visível que este romance foi composto para celebrar um fato real e histórico, alguma dessas negras e sanguinolentas tragédias, que tão frequentes se representavam nas escuras câmaras dos nossos paços e solares. Nenhuma justiça ousava entender nesses crimes dos grandes, nenhuma voz os denunciava; e apenas o trovador ou jogral em sua ronda de terra em terra, de torre em torre, ia repetir, longe numa, o que muito longe dali tinha ouvido noutra – ecos vagos e confusos da história verdadeira que nem ele saberia nem ousaria contar toda, e que mais desfigurados e confusos ficavam no monótono trovar de suas cantadas coplas, cantadas ao som uniforme daquela triste melopeia que ainda hoje dura na memória dos povos, donde toda se obliterou, se alguma houve nunca, a lembrança dos fatos e nomes verdadeiros desta e de iguais tradições.

Fato conhecido na história de Portugal ou de outra parte de Espanha, não sei que o memore este romance; mas inclino-me a crê-lo de origem portuguesa, isto é, que originalmente fosse composto no dialeto português, ou légio-lusitano, porque ainda agora há mais simplicidade e mais natural na edição (também mais completa) que dele nos dá a tradição oral do nosso povo, do que na lição escrita e impressa em que o conservaram os coletores castelhanos desde 1511 que se publicou o seu primeiro romanceiro geral.

Ainda no ano em que isto se escreve, 1841, é esta uma das xácaras mais válidas, mais cantadas, e mais sabidas da gente dos campos. Assim de todas as províncias, até das de além-mar, obtive cópias dela; algumas visivelmente adulteradas com grosseiros rifacimentos modernos, adições e “melhoramentos” de algum presumido cantor de aldeia que pretendeu corrigir estas antigualhas como os nossos arquitetos de Lisboa corrigiram o convento de Belém, e aperfeiçoaram o frontispício da Conceição Velha.

Colecionando umas cópias com outras e com a lição castelhana segundo Depping e Agustim Duran, apurei o que me parece o texto mais legítimo e verosímil.

Juntei no fim alguma variante mais notável e que aparecia mais repetida.

CONDE DA ALEMANHA

Já lá vem o sol na serra,
Já lá vem o claro dia,
E inda o conde da Alemanha
Com a rainha dormia.
Não o sabe homem nascido
De quantos na corte havia;
Só o sabia a infanta,
A infanta sua filha.
– “Não nas chegue eu a romper
Mangas da minha camisa,
Se em vindo meu pai da caça,
Eu logo lho não diria.”
– “Cal'-te, cal'-te, lá infanta,
Não digas tal, minha filha,
Que o conde da Alemanha
De oiro te vestiria.”
– “Não quero vestidos de oiro;
Mau fogo em quem nos vestira!
Padrasto com meu pai vivo;
Nunca eu o consentiria.”
Palavras não eram ditas,
El-rei que à porta batia.
– “Deus venha co senhor pai
E o traga na sua guia!
Tenho para lhe contar
Um conto de maravilha.
Estando eu no meu tear
Seda amarela tecia,
Veio o conde da Alemanha
Três fios dela me tira...”
– “Cal'-te daí, minha filha,
Ninguém te oiça dizer tal:
Que o conde da Alemanha
É menino, quer brincar”.

– “Arrenego dos seus brincos
Mais do seu negro folgar!
Que me tomou nos seus braços,
À cama me quis levar.”

– “Cal'te já minha filha,
Ninguém te oiça mais falar;
Que em antes que o sol se ponha
Vai o conde a degolar.”

Veis-lo conde da Alemanha,
Veis-lo vai a degolar;
Ao rabo do seu cavalo
Lá o levam a arrastar.

– “Venha cá, senhora mãe,
Venha ao mirante folgar,
Veja um conde tão formoso
Que aí vai a degolar.”

– “Mal haja, filha, o meu leite,
Mais quem to deu de mamar,
Que a um conde tão bonito
A morte foste causar”.

– “Cal'te daí, minha mãe,
Ninguém lhe oiça dizer tal,
Que a morte que o Conde leva
Não lha faça eu levar.”

Numa campa rasa e triste
Já o deixam enterrado:
Puseram-lhe à cabeceira
Um letreiro bem lavado.
Para quem passar que diga:

– “Aqui jaz o malfadado,
Que morreu de mal de amores,
Que é mal desesperado.”

VI

DOM ALEIXO

Tem este romance um viço, um frescor de originalidade que recende. Todo ele respira a graça desafeitada da poesia primitiva. E todavia é fino, elegante, cheira a um salão de castelo da meia-idade, aos perfumes do boudoir de uma nobre donzela do tempo da Madre-Silva ou da Ala dos Namorados. Se o cantaria o condestável à sua dama? Ou o Magriço àquelas misses de olhos azuis que foi defender a Inglaterra? Ou se o traria da Normandia o conde de Abranches?

Sabemos que estas coisas eram já mais moda do que as envezadas trovas trovadas del-rei Dom Diniz e de seus donzéis e discípulos, pois temos nos cronistas a autoridade de Nuno Álvares Pereira, que era o grande modelo de seu tempo, e preferia os romances del-rei Artur e de sua Távola, a todas as pieguices alambicadas da escola provençal.

Não quero dizer que seja Dom Aleixo tão antigo como Amadis em sua linguagem e composição. Digo que a história e o modo de a contar sabem a esses primitivos tempos. Vasco de Lobeira pode ser mais velho um século ou dois; mas o menestrel que disse este cantar, não o fez mais moderno, talvez menos. Na mesma montanha e na mesma estação do ano varia a temperatura, o clima e a vegetação por tal modo, que o viajante pode imaginar-se estar no mesmo dia, na primavera e no inverno, no estio e no outono, segundo sobe para a cumeada ou desce para a falda da serra. Ainda no mesmo ponto e no mesmo jardim floresce em Janeiro a planta que está no abrigo, exposta ao sol, livre da geada; enquanto Sua igual e sua irmã gela sem flor nem folha ao desabrido sopro do nordeste. Será mais dobrada e mais brilhante a flor daquela; mas quando esta outra rebentar aos bafejos da primavera natural, o seu viço e perfume hão de ser mais vivos e de mais força.

Assim é com a poesia: na mesma geração o poeta lido e letrado produzirá odes e sonetos que pareçam dois séculos mais modernos do que as incultas coplas do seu contemporâneo. Naqueles a moda, a imitação dos modelos estimados do tempo, lhe estampará com todas as letras o ano de sua composição: a originalidade destes não trás data, nem a tem, porque a natureza não varia com os séculos.

Não vemos nós também a gente dos campos em muitas províncias da Europa trajar ainda hoje às modas de há seis ou setecentos anos, e de mais? As populações do Oriente, os povos pastores com especialidade, não vestem ainda hoje como nos mais remotos tempos de que saibamos?

Faço e escrevo estas considerações, porque elas são precisas para avaliar conjecturalmente o que não tem livros nem monumentos nem documento outro algum por onde se estude ou se afira.

Dom Aleixo é dos nossos romances populares o que me chegou mais corrupto, interpolado, e de que menos lições provinciais pude obter; só uns fragmentos da Beira Alta e outros de Lisboa. Se não fora a cópia do cavalheiro de Oliveira – de que me não valho senão em extremos, porque lhe dou menos fé que às tradições orais do povo - tinha-me sido impossível restitui-lo. Ainda assim algumas raras palavras foram por mim conjecturalmente substituídas. Tais são na cópia que diz:

*Ou se és alma que anda em penas,
Te farei encomendar.
A tradição oral de Lisboa diz:
Eu por ti menos daria,
o que não faz sentido algum; e devia de ser:
Eu te encomendaria,
sendo ali a rima em ia, não em ar como na nossa.*

O argumento do romance é gracioso e lindo, posto que remate bem tragicamente.

De três irmãs que viviam juntas, a mais pequena era tão amiga de saltar e folgar, que uma noite se vestiu de pajem, e passeando, rua abaixo rua acima ao pé de sua casa, fingia querer cortejar alguma das três irmãs que ali moravam, e que tão parecidas eram, tão de igualhar, que ela dizia, em desprendido estilo leonino – e esse sim que é o mesmo em todos os tempos:

*Das três irmãs que aqui moram
A qual hei de eu namorar?*

Dom Aleixo, seu apaixonado dela, sentado no poial ao pé da porta, e disfarçado em ermitão, viu com despeito as fanfarronices daquele atrevido pajem que não reconheceu, e lhe quis meter medo com uma suposta espera que lhe estavam fazendo.

Mas a dama pajem tinha ânimos de cavaleiro, afrontou o perigo em vez de fugir. E quando Dom Aleixo reconhece a sua amada e lhe vai a deitar os braços, ela o fere mortalmente com um punhal. É singela a história, mas verosímil e interessante, como são todas estas que os nossos menestréis cantavam. Não aparece vestígio algum deste romance nas coleções castelhanas.

DOM ALEIXO

Nós éramos três irmãs,
Todas três de um igualhar;
Uma ensinava à outra
A coser e a bordar.
A mais pequena de todas
Se foi, por noite, a folgar
Com duas tochas acesas
À porta do laranjal.
Vestiu vestido de pajem
Que lhe ficava a matar,
Seu punhal de oiro na cinta,
Seu borzeguim de alamar.
Foi-se pela rua a baixo,
Tornou acima a voltar:
– “Das três irmãs que aqui moram,
A qual hei de eu namorar?”
Nós de dentro do balcão,
A rirmos do seu brincar.
As tochas tinha apagado,
Vinha saindo o luar,
Passando junto da porta,
Que os olhos foi a baixar,

Viu estar um ermitão
Assentado no poial.
– “Que fazeis aqui, meu padre,
Que fazeis neste lugar?”
O ermitão, sem responder,
Começou-se a levantar...
Tão alto em demasia,
Alto, alto de pasmar
– “Se tu és coisa má,
Eu te quero esconjurar,
Ou se és alma que anda em penas
Te farei encomendar.”
– “Eu não sou a coisa má
Que tenhas de esconjurar;
Também não sou alma em penas
Para tu me encomendar:
Sou a alma de Dom Aleixo,
Que aviso te venho dar:
Sete te estão esperando
Na esquina, àquele portal,
E juram por Deus sagrado
Que a vida te hão de tirar.”
– “Pois eu por esse lhe juro,
E pela virgem Maria
Que outros sete que eles foram,
Eu atrás não tornaria.
Oh lá, oh lá, cavaleiros,
Não levem de covardia,
Puxem por suas espadas,
Que eu puxarei pela minha.
O que não trouxer espada,
Eu esta lhe emprestaria,
Que eu cá com meu punhal de oiro
Defenderei minha vida”.
Palavras não eram ditas,
O ermitão se descobria;

Foi a tomá-la nos braços
Com sobeja demasia...
Ela com seu punhal de oiro,
Que na cintura trazia,
Tal golpe lhe deu nos peitos,
Que ali por morto caía.
– “Quem te matou, D. Aleixo,
Quem te matou, minha vida?”
– “Mataste-me tu, senhora,
Que outro ninguém não podia.”
Ergue-te, Dona Maria,
Bem calçada e mal vestida,
Agora, por mais que chores
Tua alma fica perdida.

VII

SILVANINHA

A rudeza da linguagem, a descompostura do estilo, e a nudez, posto que inocente, de algumas expressões e imagens caracterizam o romance popular da Silvaninha por uma das mais antigas composições que a tradição dos povos tem conservado, de tempo imemorial da nossa península. Não dei com ele em nenhum romanceiro ou cancionero castelhano; mas não há província de Portugal onde, mais ou menos completo, se não cante.

A cópia de que me servi quando pela primeira vez o publiquei em 1828, como fundamento e ilustração da Adosinda, tinha sido obtida em Lisboa pelo paciente zelo de uma menina da minha amizade, que ia escrevendo no papel o que ora lhe cantava ora lhe rezava uma criada velha da província do Minho, há muito ano aqui residente. Vai agora melhor restituído o texto com o auxilio de outras cópias que me mandaram da Beira do Ribatejo.

O assunto deste romance é feio e desnatural; mas são os que mais interessam o vulgo em toda a parte, e que preferiram sempre os poetas nas primitivas idades das nações. O coração áspero e cru, os sentimentos duros dos povos

semibárbaros precisam desses violentos estímulos para vibrar – diz Sir Walter Scott – o espírito ainda não está purificado bastante para fugir, como em tempos mais civilizados, de tão asquerosos meios de excitar interesse.

A vaidade de poeta moço fez-me escolher esta xácara para provar nela a mão quando me ensaiava a traduzir para a língua e poesia de hoje, alguns dos antigos vestígios dos nossos obscuros Ênios da meia idade, porque me irritavam essas mesmas dificuldades e me lisonjeava de as vencer. Da Silvana nasceu pois a Adosinda, e em tão boa hora que daí data o gosto da poesia popular entre nós: por onde não fui tão infeliz apesar dos escrúpulos com que fiquei, assim da perigosa trama que escolhera, como da tímida urdidura com que a cobri.

Hoje seria afetação ridícula omitir aqui aquele texto em toda a sua crua nudez.

Boa é a máxima dos romanos: *Facinora ostendi dum puniantur, flagitia autem abscondi debent*. Mas não será da publicação pela imprensa de uma xácara velha, que anda na memória dos povos, que há de vir a poluição do espírito, e menos ainda o derrancar do coração, que é a verdadeira doença-mãe de todas as doenças morais.

Quanto se pode julgar de uma coisa tão desbotada do tempo e das mãos por que tem passado, inclino-me a crer que esta singela rapsódia popular é anterior ou, se contemporânea, estranha à polida e estudada literatura provençal do século XIII.

Que já no tempo de D. Francisco Manuel de Melo ela era havida por coisa muito antiga, e de nenhum modo castelhana, temos bom documento no seu Fidalgo aprendiz, jornada segunda:

Brites

Entoai, por meu prazer.

Qualquer coisa.

Gil

Sem guitarra?

Brites

Ei-la; tomai.

Gil

“Passeava-se Silvana

Por um corredor um dia...”

Brites

Ai senhor! eu não queria

Senão letra castelhana.

Gil

Cantarei algaravia,

Se mandais pois que quereis!

Brites

Uma letra nova quero...

O pensamento, o fundo das ideias, o primeiro desenho e, quando muito, o tom do colorido geral, é o que se deve examinar e considerar nestes esboços antigos, tantas vezes pintados e repintados por pincéis de cada vez mais grosseiros e ignorantes, e sobretudo empenhados sempre em modernizar, pôr à moda e fazer bonito o que lhes parecia tosco e grosseiro, só porque era simples e original.

O estilo, as palavras, a forma toda exterior de um destes romances parecerá muitas vezes, à primeira vista, de um século, e desse é com verdade, porque nele foi feito já na sexta ou sétima tradução oral; quando originalmente ele foi composto outros tantos séculos antes.

Não ponho senão as variantes mais notáveis; tem muitas outras, e infinitas quase, este romance, por ser dos mais populares e espalhados em todas as províncias. Num curioso exemplar, da Beira Alta, em vez de começar como aqui começa e geralmente se diz, o princípio é estoutro, acrescentado decerto por mão ignorante e sem tato:

O Conde de vila Flor

Com ser o Conde maior,

Com ter já três filhos homens,

Lindos como o mesmo sol,

A sua filha Silvana

De amores acometia:

– Bem puderas tu, Silvana,

Comigo falar um dia.

No resto difere pouco da lição geral.

A Adosinda feita sobre a Silvana e em geral a poesia popular portuguesa deram motivo a um interessante artigo que se publicou no número XX do Foreign Quarteley Review de Londres, Outubro de 1832.

SILVANINHA

Passeava-se a Silvana

Pelo corredor acima;

Viola de oiro levava,

Oh! Que tão bem a tangia!

Melhor romance fazia.

A cada passo que dava,

Seu padre a acometia:

– “Atreves-te tu, Silvana,

Uma noite a seres minha?”

– “Fora uma, fora duas,

Fora, meu pai, cada dia;

Mas as penas do inferno

Quem por mim as penaria?”

– “Pená-las-ei eu, Silvana,

Que as peno cada dia.”

Foi-se dali a Silvana,

Mui agastada que ia;

Foi-se encontrar com sua madre

Lá no adro da ermida;

– “Que tens tu, minha Silvana,

Que tens tu, ó filha minha?”

– “Oh! Que tal pai não tivera,

Quem não fora sua filha!

Que me acomete de amores,

Ó minha mãe, cada dia.”
– “Vai filha, vai para casa,
Veste uma alva camisa,
Que o cabeção seja de ouro,
As mangas de prata fina:
Deitar-te-ás no meu leito,
E no teu me deitaria...
E há de valer-nos a Virgem,
A Virgem Santa Maria.”
Lá junto da meia-noite
Seu padre que a acometia...
– “Se eu soubera, Silvana,
Que estavas tão corrompida,
Oh! as penas do inferno
Por ti as não penaria...”
– “Esta não é a Silvana,
É a mãe que a paria;
Também pariu Dom Alardos,
Senhor de cavalaria,
Também pariu a Dom Pedro,
Príncipe da infantaria,
Também pariu a Silvana
Que seu pai acometia.”
– “Oh! mal haja que haja a filha
Que seu padre descobria!”
– “Oh! mal haja que haja o padre
Que sua filha cometia!”
Manda-a meter numa torre
Que nem sol nem lua via:
Dão-lhe a comida por onça
E a água por medida;
Ao cabo de sete anos
Veis a torre que se abria...
Assomou-se a Silvana
A uma ventana mui alta,
Foi encontrar com sua madre

Lavrando numa almofada;
– “Estejais, embora, madre,
Ó madre já da minha alma:
Peço-vos por Deus do céu
Que me deis um jarro de água;
Que se aparta a vida,
Que se me arranca a alma.”
– “Dera-ta eu, filha minha,
Se a tivera salgada,
Que há sete para oito anos
Que por ti sou mal casada.
Se teu padre tem jurado
Pela cruz de sua espada,
Quem primeiro te desse água
Tinha a cabeça cortada” .
Assomou-se a Silvana
A outra ventana mais alta,
Foi-se encontrar c’os irmãos
Que estavam jogando as canas:
– “Estejais, embora, irmãos
Meus irmãos já da minha alma:
Peço-vos por Deus do Céu
Que me deis um jarro de água,
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma!”
– “Dera-ta eu, irmã minha,
Se a tivesse empeçonhada:
Que nosso pai tem jurado
Pela cruz da sua espada
Quem primeiro te desse água
Tinha a cabeça cortada.”
Assomou-se a Silvana
A outra ventana mais alta,
Foi-se encontrar com seu padre
A jogar a emboscada:
– “Estejais embora, padre,

Padre meu já da minha alma:
Peço-vos por Deus do céu
Que me deis um jarro d'água,
Que se me aparta a vida,
Que se me aparta alma...
E de hoje por diante
Serei vossa namorada.
– “Alevantem-se, meus pagens,
Criados da minha casa,
Uns venham com jarros de oiro,
Outros com jarros de prata;
O primeiro que chegar
Tem a comenda ganhada
O segundo que chegar
Tem a cabeça cortada”
Os criados que chegavam,
Silvaninha que finava
Nos braços da Virgem Santa,
Dos anjos amortalhada!
– “Vai-te embora, Silvaninha,
Silvaninha da minha alma:
Tua alma vai para o céu,
A minha fica culpada.”

VIII

BERNAL-FRANCÊS

Desde que em 1828 publiquei em Londres pela primeira vez a interessante rapsódia de poesia popular que leva este título, ela tem feito a volta da Europa, sendo traduzida em diversas línguas, já no próprio fragmento, já na reconstrução ou imitação dele que ao mesmo tempo dei à luz.

Ultimamente recebi de Inglaterra, do meu amigo o cavalheiro Jogo Adamson, uma nova tradução inglesa, diferente e mais acabada do que essa outra que dei

no primeiro volume do ROMANCEIRO; de Espanha chegou também há pouco uma bela e elegante versão em castelhano.

Em demonstração dum grande e importante teorema que ainda me parece não ser tão geralmente demonstrado quanto precisa sê-lo entre nós; vem a ser: Que quanto mais nacional, mais estreme e puramente nacional é uma obra, mais agrada aos próprios estrangeiros, mais segura está de se generalizar e ser conhecida no mundo literário. O que não tem cor nacional, o que pode ser para todos, é o de que todos fazem menos caso.

Mas não só como obra literária, ou como coisa de imaginação e objeto de curiosidade, são interessantes estas relíquias. Eu creio nelas como coisa histórica. E tenho mais fé nesses documentos que nos conserva o povo com toda a sua ignorância, do que nesses outros que deixou escritos a sapiência dos letrados. O povo altera, traduz, corrompe, mas não inventa.

Vou pôr aqui, restituído e apurado por longo trabalho de meditação e comparação de muitos exemplares, o texto original do Bernal-Francés, segundo o conservou essa tradição.

É este um dos mais belos e seguramente mais antigos romances da nossa península. Não aparece, como já noutra parte disse, em nenhum dos romanceiros castelhanos nem na vasta coleção de Ochoa; e denota todo ele mais antiguidade que os mais antigos que naqueles códices se acham. Os neologismos da dicção devem-se às causas já referidas tantas vezes, que todas estão no variável e pouco seguro cofre da memória popular em que têm andado guardadas estas relíquias, sem mais autêntica do que essa mesma recordação imemorial, bastante em direito para outras posses; por que o não será para esta?

Além de não andar nas coleções da nação vizinha e irmã, nenhum vestígio de idiotismo seu, nenhum ressaibo castelhano se nota nesta composição toda portuguesa.

As agudezas e artifício dos trovadores da corte de Dom Dinis e de Afonso III também aqui são estranhas; é mais antiga e menos polida a civilização que a produziu.

Quando sobre esta simples tela bordei o pequeno poema que se publicou em 1828 com a Adosinda, o original de que me servi era muito mais imperfeito e cheio de lacunas, e unicamente fora copiado da lição vulgar da Estremadura. A que dou agora, além de revista pelos manuscritos do Cavalheiro de Oliveira, foi aperfeiçoada ainda pela colação com as diversas cópias das províncias do Norte, especialmente da Beira Baixa, que são, em meu entender, as mais seguras, segundo já observei também.

Chamei-lhe então xácara: duvido agora se a classificação foi bem feita; duvido até da mesma teoria da classificação que tenho procurado estabelecer às apalpadelas.

Acham-se, é verdade, estas variadas designações, romance ou rimance, xácara, solau, que parecem indicar especiais; e ainda as que parecem ser mais genéricas, de trova, cantiga, cantar, canção: mas o que elas sempre designem ou quiseram designar não é fácil determiná-lo com segurança. Mais modernas cuida que são as denominações de loa, barca, tenção, chacota; e também estas não estão bem apuradas em suas distinções características. Umas eram talvez determinadas pela forma exterior métrica, outras pelo estilo ou tom, outras pelo objeto e assunto, outras finalmente pelo uso, pela solenidade a que eram consagradas, pela ocasião para que eram compostas.

Já disse que o romance me parecia ser em sua origem um canto épico, isto é, todo narrativo, pouco ornado, pouco lírico. Os romances pastoris, os satíricos, os facetos, os eróticos, os mesmos mouriscos do século XVII, são já aberrações visíveis, ou, pelo menos, novas espécies produzidas pela cultura artificial da planta primitiva.

A xácara é toda dramática; o poeta fala pouco ou nada, não narra ele, senão os seus interlocutores que apenas indica, e nem sempre claramente.

Mas estas duas espécies, se à são, juntaram-se muitas vezes e produziram, ora o romance-xácara, em que predomina a narrativa épica sem exclusão do drama; ora a xácara-romance, em que o diálogo é auxiliado de breves, brevíssimas indicações, quase rubricas ou direções de cena, que faz o poeta a raros intervalos. O povo, em muitas das coisas que recita deste gênero, diz as falas em verso e cantando, e as indicações narrativas em prosa, sem restrição a texto positivo, e mais ou menos difusamente, segundo o talento ou a verbosidade do recitador.

O romance e a xácara têm em geral a mesma lei métrica, do consoante ou assoante fixo e do número octossílabo dos versos. O chamado romance hendecassílabo dos fins do século XVII é degeneração completa; e assim foi que precedeu logo a morte dele.

O solau será sempre cantar triste, como indica Bernardim Ribeiro? Narrativo é ele também pelo que tão claro nos diz Sã de Miranda. Mas uma coisa não exclui a outra. Eu inclino-me a crer que o solau é um canto épico ornado, em que as efusões líricas acompanham a narrativa de tristes sucessos, mais para gemer e chorar sobre eles, do que para os contar ponto por ponto.

Cantiga deve ser a expressão lírica e improvisada de um sentimento.

Cantar é talvez o gênero de todas estas espécies.

A trova mais artificial, mais elaborada, achou-a o poeta com estudo, cingindo-se a regras mais severas de metro ou de estilo: trovar (trouver, trovare) é achar; e para achar, procura-se, trabalha-se.

Canção também é termo gênero, mas inculca mais artifício do que a cantiga e o cantar: entre nós designa mais estritamente a ode romântica da Meia-Idade com certas fórmulas de metro e divisões regulares de estrofes.

Loa virá do latim laus? Pode ser; é um canto de louvor, mas por certo modo e regra. A loa deita-se ainda hoje nos círios das províncias do Sul, recita-se nos presepes do Natal das províncias do Norte do reino. E um cantar de anjos, de gênios, de espíritos; mas dramático, dialogado: é um coro hierático que se

então, que se deita do céu para a terra, que entes superiores cantam para ouvirem homens e deuses. Os Téspis do nosso teatro começaram talvez por aqui, antes que Gil Vicente e João da Encina subissem ao seu tablado de novos Estilos. Na descrição das festas do casamento do príncipe D. Afonso, Crônica de D. João II, acho que algum tanto no-lo indicam as expressões de Garcia de Rezende; e mais claramente ainda o romance de Aires Teles de Menezes – que nesta coleção achará o seu lugar respectivo. Aí diz, descrevendo aquelas mesmas festas:

*Depois ledos tangedores,
A vinda da princesa,
Fizeram fortes rumores,
Espanto da natureza;
Barcas e loas fizeram,
E outras representações
Que a todos grão prazer deram,
Conforme suas tenções.*

A barca (alguma coisa de barcarola veneziana?) era, creio eu, cantiga alternada também, e outra vez a vozes e coro, que o mar mandava à terra para tomar parte em seus regozijos. Navegantes, tritões, sereias, os habitantes reais e os imaginários do outro elemento, vinham a este, cantar e deitar suas loas, que apropriadamente tomavam neste caso o nome de barcas. Também se acham vestígios de barcas ao divino, compostas sobre assuntos religiosos. Ao diante juntarei, em seu devido lugar, um documento positivo e muito curioso exemplar desta galante variedade, tão natural de nascer em um povo navegante e marinheiro como o nosso foi sempre.

Tenção é a tençon dos provençais, dístico breve, em metáfora ou dito engenhoso, já acompanhando e explicando o símbolo heráldico de uma empresa, no escudo, na bandeira – já expressando, em mais pacífico ensejo, os sentimentos íntimos e recatados do poeta que quer que o adivinhem sem ele se explicar de todo. A tenção é originariamente cortesã, e só tarde e degenerada se relaxou ao braço popular.

Da chacota, do que ela era pelo menos no século XV e XVII nos dá muitos exemplos e claro conhecimento o teatro de Gil Vicente, precioso tesouro de coisas populares, o mais rico e variado que temos e, em minha opinião, mais ainda que os próprios Cancioneiros, cujos coletores, homens só de corte, desprezaram tudo o que não era alambicado pelas modas e polida afetação dos trovadores cortesãos; enquanto Gil Vicente, homem do povo no meio do palácio, divertia seus amos com os dizeres, os gracejos, os modos originais, as superstições antigas, as tradições imemoriais, os cantares rústicos mas cheios de alma, tintos na cor fechada e forte que só o povo sabe dar e que não desbota.

A chacota era uma cantiga de rir e brincar, mas que mordida nos vícios, e nos ridículos dos homens e dos tempos; uma espécie de sirvente menos áspera e severa, nunca séria e grave como ela, e mais popular: cantava-se a vozes; muita vez era o remate, o coro final dos entremezes e das farsas.

A mesma palavra sirvente ou servente, e a designação de versos sirventesios, não foi estranha aos nossos antigos que houveram a palavra, e talvez confundiram a ideia dos provençais. Sabe-se que a sirvente do trovador era amarga, satírica; por vezes foi o grito de guerra, o hino revolucionário dos Alceus da Meia- Idade contra a tirania real e sacerdotal a sirvente nossa creio que era toda ascética e religiosa, senão é que mística.

Mas repito com sinceridade, que sim tenho consciência de navegar para a verdadeira latitude, não tenho certeza da longitude: as observações são imperfeitas, e quase todos estes cálculos fundados em hipóteses vagas. Os nossos filólogos, que elucidaram tanta coisa insignificante, desprezaram sempre a literatura popular como indigna de seus clássicos estudos. Faria e Sousa, e alguns poucos mais, que tinham o instinto da sua importância, sacrificaram aos prejuízos do tempo: e, ou por credulidade ou por pouco escrupulo, fizeram-lhe fracos serviços, porque os fizeram sem verdadeira fé e lisura.

BERNAL-FRANCÊS

– “Quem bate à minha porta,
Quem bate, oh! quem 'stá aí?”

– “Sou Bernal-Francês, Senhora;
Vossa porta, amor, abri.”

– “Ai! se é Bernal-Francês,
A porta lhe vou abrir;
Mas se é outro cavaleiro,
Bem se pode daí ir.”

“Ao saltar da minha cama
Eu rompi o meu frandil,
Ao descer da minha escada
Me caiu o meu chapim,
Ao abrir a minha porta
Me apagaram o meu candil...
Pegaram-lhe pela mão
E o levei ao meu jardim,
Fiz-lhe uma cama de rosas,
Travesseiro de jasmims;
Lavei-o em água de flores
E o deitei a par de mim...”

– “Meia-noite já é dada
Sem te voltares para mim;
Que tens tu, amor querido,
Que nunca te vi assim?
Se teme-los meus criados,
Não virão agora aí;
Se teme-los meus irmãos,
Eles não moram aqui;
Se de meu marido temes,
Longes terras foi daqui,
Por má traça o matem moiros,
E a nova me venha a mim!...”

– “Não temo de teus irmãos
Que bem sei que são por mim,
Não temo dos teus criados
Que mais me querem que a ti;
A teu marido não temo
E dele nunca temi...”

Teme tu, falsa traidora,
Pois o tens a par de ti!”
– “Ai! se tu és meu marido,
Quero-te mais que a mim,
Oh que sonho, tão mau sonho,
Que eu tive agora aqui!
Ergamo-nos já, marido,
Deixa-me vestir daí.”
– “Cala-te falsa traidora,
Que não me enganas assim.
Deixa tu vir a manhã,
Que eu é que te hei de vestir:
Dar-te-ei saia de grana
E gibão de carmesim,
Gargantilha de cutelo,
Pois tu o quiseste assim.”
– “Deixa-me ir por aqui abaixo
Coa minha capa a cair,
Vou-me ver a minha dama
Se ainda se lembra de mim.”
– “Tua amada, meu senhor,
É morta, que eu bem a vi:
Os sinais que ela levava;
Eu tos digo agora aqui:
Levava saia de grana
E gibão de carmesim,
Gargantilha de cutelo,
Tudo por amor de ti
Os sinos que correram
Por minhas mãos os corri;
As andas em que a levaram
Eu de negro lhas cobri;
Caixão em que a amortalharam
Era de oiro e marfim;
Os frades que a acompanhavam
Não tinham conto nem fim;

Sáiram-lhe sete condes,
Cavaleiros mais de mil;
As donzelas a chorar,
Os pajens iam a rir
Levaram-na a enterrar
À igreja de São Gil.”
Palavras não eram ditas,
Por morto no chão caí;
Passaram-se horas e horas
Quando me tornei a mim.
Fui-me àquela sepultura.
Queria morrer ali:
– “Abre-te, ó campa sagrada
Esconde-me a par de ti!”
Do fundo da cova triste
Ouvi uma voz sair:
– “Vive, vive, cavaleiro,
Vive tu que eu já morri:
Os olhos com que te olhava
De terra já os cobri,
Boca com que te beijava
Já não tem sabor em si,
O cabelo que entrançavas
Jaz caído a par de mim,
Dos braços que te abraçavam
As canas vê-las aqui!
Vive, vive, cavaleiro,
Vive tu, que eu já vivi:
A mulher com quem casares
Chamem-lhe Ana como a mim,
Quando chamares por ela
Hás de-te lembrar de mim,
Conta-lhe os nossos amores,
Que aprenda na minha fim.
Filhas que dela tiveres
Ensina-as melhor que a mim,

Que se não percam por homens,
Como eu me perdi por ti”.

IX

REGINALDO

Será este Reginaldo ou Eginaldo, o galante Eginard francês que os nossos traduziram assim, bem como de Bernard fizeram Bernal e Bernaldo, de Gerard Giraldo?

E é este o celebrado secretário do Imperador Carlos Magno, de cujos muito românticos, porém mui poucos platônicos, amores com a filha de seu augusto amo, estão cheias as histórias da Meia-Idade? Tema constante de trovadores e poetas até quase aos nossos dias em que a suave e melancólica musa de Millevoye ultimamente o remoçou no seu mais admirado poema.

Se deste é que aqui se trata – e eu creio que sim – vemos que o romance popular conta o caso mui diferente do que os poetas e escritores do norte o referem. É bem sabido que, segundo esses, a namorada princesa, quando o feliz Eginaldo saía da sua câmara, um dia de madrugada de inverno e com a neve alta e recém-geada pelos átrios e jardins do palácio, o tomara ela aos ombros para que não ficassem impressas na neve as deladoras pegadas do amante. O que descobrindo por acaso o Imperador, que se levantara antes do sol, por tal modo se enternecera com aquela prova de generosa dedicação, que logo lhes perdoara a ambos, casando o ditoso secretário com a namorada princesa.

Talvez o que primeiro contou a história ao nosso povo e lha rimou para seus cantares, omitiu a cena da neve por menos familiar e comum nestes climas do sul; ou talvez a ignorasse, ou porventura não era ainda tão popular por lá como depois veio a ser. Fosse como fosse, este Reginaldo parece ser o Eginard de Carlos Magno, esta infanta a princesa sua filha, este rei o Imperador seu pai. A troca da bela cena da neve que nos falta, temos a visita da mãe de Reginaldo à prisão, e o lindíssimo solau que lhe ele canta. O que tudo parece composto nos mais ternos e desgarrados modos de Bernardim Ribeiro, ou de Crisfal. E temos por fim o rei chamando a filha ao balcão para ouvir cantar o preso: cena

verdadeiramente homérica e de uma graça tão simples e tocante como não há outra que o seja mais.

Estou que nos veio de França este romance: não se encontra nas coleções castelhanas; e entre nós é dos que andam mais desfigurados e corruptos. Eu tive de reunir vários fragmentos para o restituir. No Alentejo chamam-lhe Generaldo, no Minho Girinaldo; Eginaldo diz uma cópia da Beira, e outra que me veio do Porto trazia por título – Girinaldo o atrevido.

As variantes não são muitas, porque não pude considerar como tais as ligaturas absurdas com que partes do romance andavam cosidas a partes igualmente desconjunta das de outros, dos quais tive de o estremar para reunir o que felizmente achei que acertava e quadrava num todo completo.

São infinitas e muito disparatadas as variantes que desprezei na maior parte ao emendar conjecturalmente o romance. Também não valia a pena de as mencionar em nota. Fiz somente exceção a favor de algumas que juntei por mais consideráveis.

Na citada coleção do bispo Percy vem uma balada inglesa que tem por título Little Musgrave and Lady Barnard, história bastante diferente desta, mas há no princípio uns dizeres tão semelhantes aos nossos, que mais me confirmam nesta crença em que estou de que o verdadeiro romance antigo era de todos os países, como a todos pertencia o menestrel, o trovador, o cavaleiro andante, cuja pátria era o mundo. Fosse onde fosse, era sua a terra ou o castelo onde havia façanhas que fazer ou celebrar – aventuras para correr ou cantar. O romance Inglês é dos que reconhecem por mais antigos os coletores daquela nação.

REGINALDO

– “Reginaldo, Reginaldo,
Pajem del-rei tão querido,
Não sei porquê, Reginaldo
Te chamam o atrevido.”

– “Porque me atrevi, senhora,

A querer o defendido.”
– “Não foras tu tão covarde
Que já dormiras comigo.”
– “Senhora zombais de mim
Porque sou vosso cativo.”
– “Eu não no digo zombando,
Que deveras te lo digo.”
– “Pois quando o quereis, infanta,
Que vá pelo prometido?”
– “Entre las dez e las onze
que el rei não seja sentido.”
Inda não era sol posto,
Reginaldo adormecido:
As dez não eram bem dadas,
Reginaldo já erguido.
Calçou sapato de pano,
Que el rei não fosse ouvido,
Foi-se à câmara da infanta,
Deu-lhe um ai, deu-lhe um gemido.
“Quem suspira a essa porta,
Quem será o atrevido?
– “É Reginaldo, senhora
Que vem pelo prometido.”
– “Levantai-vos minhas aias,
Que assim Deus vos dê marido!
E ide abrir mansinho a porta
Que el-rei não seja sentido.”
Vela o pajem toda a noite...
Por manhã é adormecido;
Chamava o rei que chamava
Que lhe desse o seu vestido:
– “Reginaldo não responde,
alguma tem sucedido!
Ou está morto o meu pajem
Ou grande traição há sido.”
Responderam os vassalos

Que tudo tinham sentido:
– “Morto não é Reginaldo,
de sono estará perdido.”
Vestiu-se el-rei muito à pressa,
E leva um punhal consigo
Vai correndo sala e sala,
Abrindo porta e postigo,
Chega ao camarim da infanta,
Dormiam tão sossegados
Como mulher e marido.
De nada do que se passava
De nada davam sentido.
Acudiram os vassallos,
Que viram a el-rei perdido:
– “Nunca vossa majestade
Mate um homem adormecido.”
Tira el-rei seu punhal de oiro,
Deixa-o entre os dois metido,
O cabo para a princesa.
Para o Reginaldo o bico.
Ia-se a virar o pajem,
Sentiu-se cortar no fio:
– “Acorda já, bela infanta,
Triste sono tens dormido!
Olha o punhal de teu pai
Que entre nós está metido.”
– “Cala-te daí Reginaldo,
Não sejas tão dolorido;
Vai já deitar-se a seus pés,
Que el-rei é bom e sofrido.
Para o mal que temos feito
Não há senão um castigo;
Mas se el-rei mandar matar-me,
Eu hei de morrer contigo.”
– “Donde vens, ó Reginaldo?”
– “Senhor, de caçar sou vindo.

– “Que é da caça que caçaste,
Reginaldo o atrevido?”

– “Senhor rei, da caça venho,
Mas não a trago comigo;
Que o trazer caça real
A vassalo é defendido.
Só vos trago uma cabeça,
A minha: dai-lhe o castigo.”

– “Tua sentença está dada,
Morrerás por atrevido.”

Vedes hora o bom do rei
Dando voltas ao sentido:

– “Se mato a bela infanta,
Fica o meu reino perdido...
Para matar Reginaldo,
Criei-o de pequenino...
Metê-lo-ei numa torre
Por princípio de castigo.”

– “Dizei-me vós, meus vassalos,
Pois tudo tendes ouvido,
Que mais justiça faremos
Deste pajem atrevido?”

Respondem os condes todos,
E muito bem respondido:

– “Pajem de rei que tal faz,
Tem a cabeça perdido.”

Já o metem numa torre,
Já o vão encarcerar.
Mas ano e dia é passado,
E a sentença por dar.
Veio a mãe de Reginaldo
O seu filho a visitar:

– “Filho, quando te pari
Com tanta dor e pesar,
Era um dia como este,
Teu pai estava a expirar.

Eu coas lágrimas nos olhos,
Filho, te estava a lavar;
Cabelos desta cabeça
Com eles te fui limpar.
E teu pai já na agonia,
Que me estava a encomendar:
Enquanto fosses pequeno
De bom ensino te dar,
E depois que fosses grande
A bom senhor te entregar.
Ai de mim, triste viúva,
Que te não soube criar!
A el-rei te dei por amo,
Que melhor não pude achar:
Tu vais dormir coa Infanta,
De teu senhor natural!
Perdeste a cabeça, filho,
Que el-rei ta manda cortar!...
Ai! meu filho, antes que morras,
Quero ouvir o teu cantar.”
– “Como hei de eu cantar, mi madre
Se me sinto já finar?”
– “Canta, meu filhinho, canta,
Para haver minha benção,
Que me estou lembrando agora
De teu pai nesta prisão.
Canta-me o que ele cantava
Na noite de São João;
Que tantas vezes mo ouviste
Cantar co meu coração.”
– “Um dia antes do dia
Que é dia de São João,
Me encerraram nestas grades
Para fazer penação.
E aqui estou, pobre coitado,
Metido nesta prisão,

Que não sei quando o sol nasce,
Quando a lua faz serão.”
De suas varandas altas
El-rei estava a escutar;
Já se vai onde a Princesa,
Pela mão a foi buscar:
– “Anda ouvir, ó minha filha,
Este tão lindo cantar,
Que ou são os anjos no céu,
Ou as sereias no mar.”
– “Não são os anjos no céu,
nem as sereias no mar,
mas o triste sem ventura
a quem mandais degolar.”
– “Pois já revogo a sentença
E já o mando soltar;
Prende-o tu, Infanta, agora,
Pois contigo há de casar.”

X

DONA AUSENDA

A tradição visivelmente corrupta dá por título a este belo romance Dona Ausência.

Estremenhos e Alentejanos estão concordes; mas nem assim me conformo com seu dizer, porque Ausência não é nome próprio que jamais se usasse em nenhuma parte de Espanha. Ausenda há de ser que por séculos se encontra em todos os documentos nossos da Meia- Idade, e era dos mais geralmente usados e conhecidos.

Com ser tão graciosa esta xácara, é das que menos se vulgarizaram: duas províncias apenas, a conservam em Portugal; e no resto da Península não consta que haja vestígios dela. Antiga é, e das mais antigas, porque esta Dona Ausenda e este Conde Dom Ramiro têm um sabor moçárabe que não engana. Mas a

ponte da Aliviada de que aqui se fala é no Minho. Como é que a história de seu ermitão se não conhece ali, e veio ter e ficar-se nas duas províncias circatejanas? Caprichos e mistérios da migração das tradições humanas, mais difíceis de explicar que os de suas raças.

Encontram-se aqui várias reminiscências – por me expressar na língua musical da moda – de outros romances mais sabidos e populares. Indicará isto analogia na data?

DONA AUSENDA

À porta de Dona Ausenda
Está uma erva fadada;
Mulher que ponha a mão nela
Logo se sente pejada.
Foi pôr-lhe a mão Dona Ausenda
Em má hora desgraçada:
Assim que pôs a mão nela,
Logo se sentiu pejada
Vinha seu pai para a mesa,
Veio ela muito apressada
Para lhe dar água às mãos,
Como filha bem criada.
Pôs-lhe ele os olhos direitos,
Ela fez-se mui corada.
– “Que é isso, Dona Ausenda?
Voto a Deus que estás pejada.”
– “Não diga tal, senhor pai,
É da saia mal talhada;
Que eu nunca tive amores
Nem homem me deve nada”.
Mandou chamar os dois xastres
Que tinham mais nomeada:
– “Vejam-me esta saia, mestres;
Aonde está ela errada?”
Olharam um para o outro:

– “Esta saia não tem nada;
O erro que ela tem
É a menina estar pejada.”

– “Confessa-te Dona Ausenda,
Que amanhã serás queimada.”

– “Ai triste da minha vida,
Ai triste de mim coitada!
Sem nunca ter tido amores,
Vou a morrer desonrada!”

Foram chamar o ermitão
Da ponte da Aliviada;
Era um fradinho velho
Que o encontraram na estrada.
Mal o frade chega à porta,
Deitou-se à erva fadada
Cortou-a pela raiz,
Na manga a leva guardada,

– “Ajoelhai, Dona Ausenda,
Que a vossa hora é chegada:
Confessai vosso pecado
A Deus e à Virgem sagrada.”

– “Padre, eu nunca tive amores,
Nem homem me deve nada;
Más artes são do demônio
Ver-me eu donzela – e pejada!”

– “Há quanto tempo, senhora,
Vos sentis embaraçada?”

– “Os nove meses faz hoje
Que ali naquela ramada
Na noite de São João
Adormeci descuidada;
Sentia o cheiro das flores
E da erva rociada,
Sentia-me eu tão ditosa,
Tão feliz e regalada,
Que o despertar me deu pena

Quando veio a madrugada.
– “Tomai agora esta erva,
Que é uma erva fadada:
Com a bênção que lhe eu deito
Ficará erva sagrada.”
– “Ai! este cheiro meu padre,
É o que eu senti na ramada.”
Não disse mais Dona Ausenda,
Do sono ficou tomada.
Virtude tinha aquela erva,
Outra virtude fadada:
Mulher pejada que a toque
Logo fica despejada.
Ali, sem mais dor nem pena,
Em boa hora abençoada,
Pare uma linda criança
Bem nascida e bem medrada.
Meteu-a o frade na manga,
Foi-se sem dizer mais nada.
Já desperta Dona Ausenda,
Já se sente aliviada;
De tudo quanto passou
Apenas está lembrada:
Um mau sonho lhe parece
Que a deixou perturbada.
Chamou por suas donzelas,
Chamou por sua criada,
Vestiu suas galas mais ricas,
Sua saia mais bem talhada,
Foi-se encontrar com seu pai
Que estava na alpendurada
Vendo armar a fogueira
Em que a queria queimada:
– “Senhor pai, aqui me tendes
Já disposta e confessada;
Agora a vossa vontade

Seja em mim executada.”
O pai que a mira e remira
Tão esbelta e bem pregada,
O seu corpo tão gentil,
Sua saia tão bem talhada:
– “Que feitiço era este, filha,
Com que estavas embruxada?
Como se desfez o encanto,
Que te vejo tão mudada?”
– “Fosse ele poder de encanto,
Ou condão de erva fadada,
Quebrou-o aquele fradinho
Da ponte da Aliviada.”
– “Metade de quanto eu tenho,
A metade bem contada,
A esse bom ermitão
Desta hora lhe fica dada.”
Palavras não eram ditas
O ermitão que chegava:
– “Aceito a oferta, bom conde,
Se a metade é bem contada,
Se entra nela Dona Ausenda,
E ma dais por desposada.”
Riram-se todos do frade;
Ele sem dizer mais nada,
Despe o hábito e o capuz,
Ergue a cabeça curvada;
Ficou um gentil mancebo,
Senhor de capa e de espada
Era o conde Dom Ramiro,
Que dali perto morava.
Em boa hora Dona Ausenda
Pôs a mão na erva fadada!.

XI

RAINHA E CATIVA

Nem os romanceros castelhanos nem escritor algum faz menção do belo romance da Rainha e cativa. Anda, como os precedentes, na tradição oral do povo, e parece não ser dos que mais alterações têm padecido, quer na forma, quer no estilo, apesar da renovação de palavras por que deve de ter passado na insensível mudança de língua, para se encontrar hoje em frase tão corrente.

É geralmente sabido, e com poucas variantes se repete desde a Estremadura a Trás-os-Montes; sê-lo-á também nas províncias transtaganas, mas não me veio de lá cópia dele.

Pelas referências a Galiza, a senhorio de moiros ainda perto e à “Terra de Santa Maria”, que, como todos sabem, é o distrito de Entre-Douro-e-Vouga que hoje se chama “Terra da Feira”, vê-se que a história e epopeia, ambas são dos primeiros tempos da monarquia. E a circunstância de “salto” por mar e “correria” por terra lhe dá uma forte cor do século XII.

Os poetas populares não compunham em geral as suas rapsódias senão sobre fatos recentes. O que passou da história escrita para os versos é já feito pelos poetas letrados de uma civilização – superior não sei, porém mais adiantada. O conto conta-se bem no romance, escusa explicado por argumento do compilador. É dos mais romanescos, cheio de situações interessantes, de lances e de aventuras Esta volta de cativos e renegados cristãos para as suas terras, fugidos com as jóias de seus senhores infiéis, é uma feição muito sabida, e comum nas lendas populares.

Nesta há toda a singeleza homérica, todo aquele tom; até a repetição das mesmas palavras e dos mesmos versos quando ocorrem as mesmas ideias; é a Aurora da Ilíada que sempre abre o céu com os mesmos “dedos de rosa”, os reis que são sempre “pastores de povos”, é Menelau com a mesma “cabeleira loira”, Juno com as mesmas “coxas pulcras”, os mesmos “olhos de touro” sempre- A poesia primitiva é uma sempre, às ribeiras do Pamiso ou às do Douro.

A pintura da mãe batizando a filha com as lágrimas de seus olhos tem já por si só mais poesia grande e sublime do que poemas inteiros de grandes poetas.

RAINHA E CATIVA

– “À guerra, à guerra, moirinhos,
Quero uma cristã cativa!
Uns vão pelo mar abaixo,
Outros pela terra acima:
Tragam-ma cristã cativa,
Que é para a nossa rainha.”
Uns vão pelo mar abaixo,
Outros pela terra acima:
Os que foram mar abaixo,
Não encontraram cativa;
Os que foram terra acima:
Tiveram melhor atina,
Deram com o conde Flores
Que vinha de romaria:
Vinha lá de Santiago,
Santiago de Galiza;
Mataram o conde Flores,
A condessa vai cativa.
Mal que o soube a rainha,
Ao caminho lhe saia:
– “Venha embora a minha escrava,
Boa seja a sua vinda!
Aqui lhe entrego estas chaves
Da despensa e da cozinha;
Que me não fio de moiras
Não me dêem feitiçaria.
– “Aceito as chaves, senhora,
Por grande desdita minha.
Ontem condessa jurada,
Hoje moça de cozinha!”
A rainha está pejada,

A escrava também o vinha:
Quis a boa ou má fortuna
Que ambas parissem num dia.
Filho varão teve a escrava,
E uma filha a rainha;
Mas as perras das comadres,
Para ganharem alvíssaras,
Deram à rainha o filho,
À escrava deram a filha.
– “Filha minha da minha alma,
Com que te batizaria?
As lágrimas de meus olhos
Te sirvam de água bendita.
Chamar-te-ei Branca Rosa,
Branca-flor de Alexandria,
Que assim se chamava dantes
Uma irmã que eu tinha:
Cativaram-na os moiros
Dia de Páscoa florida,
Andando apanhando rosas
Num rosal que meu pai tinha.”
Estas lástimas choradas
Veis-la rainha que ouvia,
E coas lágrimas nos olhos
Muito depressa acudia:
– “Criadas, minhas criadas,
Regalem-me esta cativa;
Que se eu não fora de cama,
Eu é que a serviria”.
Mal se levanta a rainha
Vai-se ter com a cativa:
– “Como estás, ó minha escrava,
Como está a tua filha?”
– “A filha boa, senhora,
Eu como mulher parida. “
– “Se estiveras em tua terra,

Que nome lhe chamarias?”
– “Chamara-lhe Branca Rosa,
Branca-flor de Alexandria;
Que assim se chamava dantes
Uma irmã que eu tinha:
Cativaram-na os moiros
Dia de Páscoa florida,
Andando apanhando rosas
Num rosal que meu pai tinha.”
– “Se vira lá tua irmã,
Se tu a conhecerias?”
– “Assim eu a vira nua
Da cintura para cima;
Debaixo do peito esquerdo
Um sinal preto ela tinha.”
– “Ai triste de mim, coitada,
Al triste de mim mofina!”
Mandei buscar uma escrava,
Trazem uma irmã minha!”
Não são passados três dias,
Morre a filha da rainha:
Chorava a condessa Flores
Como quem por sua a tinha;
Porém mais chorava a mãe,
Que o coração lho dizia.
Deram à língua as criadas,
Soube-se o que sucedia:
A mãe, co filho nos braços,
Cuidou morrer de alegria.
Não são passadas três horas,
Uma à outra se dizia:
– “Quem se vira em Portugal,
Terra que Deus bendizia!”
Juntaram muita riqueza
De oiro e de pedraria;
Uma noite abençoada

Fugiram da moiraria.
Foram ter à sua terra,
Terra de Santa Maria;
Meteram-se num mosteiro,
Ambas professam num dia.

XII

DOM CLAROS DE ALÉM-MAR

Dom Claros de Além-mar, que em muitas partes o povo corruptamente diz Dom Carlos, não sei se nasceu português ou castelhano! propendo para a última origem, apesar de que, impresso nas antigas coleções dos nossos vizinhos, o povo de Portugal todavia o canta bastante diverso, mas não piorado decerto.

Do modo por que assim anda na tradição oral portuguesa, faz lembrar no seu princípio o romance francês do Conde Ory.

Creio que é das mais antigas composições deste gênero que temos em Espanha; nas províncias portuguesas é muito vulgar e sabido, e portanto abunda em variantes.

Observa-se aqui ser indubitável que certos versos e coplas de alguns primeiros romances, certos dizeres deles caíram em graça geral, e ficaram sendo como bordões poéticos em todas as línguas.

Disto aparecem contínuas provas e exemplos, não só entre provençais, portugueses, catalães e castelhanos, não só entre dinamarqueses, normandos, escoceses, alemães e ingleses, mas ainda de uma destas grandes famílias para a outra.

Compare, no presente romance, os versos onde diz:

*“Haverá por aí um pajem
Que o meu pão queira comer?...”*

com estoutros do escocês Prince Robert, na coleção de Sir W. Scott já citada:

*“O where will I get a little boy,
That will win hose and shoon.
To rin sac fast to Darlington
And bid fair Eleanor came?”
Then up and spake a little boy,
That wad win hose and shoon:
“O I’ll away to Darlington,
And bid fair Eleanor carne.”*

DOM CLAROS DE ALÉM-MAR

– “Quero fazer uma aposta,
Ou eu não sei apostar:
Claralinda há de ser minha
Antes do galo cantar.”

– “Apostar, apostareis,
Mas não haveis de ganhar;
Que é discreta a Claralinda,
Ninguém na pode enganar.”

Não quis ali dizer nada,
Não quis ali mais falar;
Vestiu trajos de donzela
E se pôs a caminhar.
Lá estava a Claralinda
De seu balcão a mirar:

– “Que donzela tão bonita!
Quem é e o que vem buscar?”

– “É a tecedeira, senhora,
Que vem das praias do mar;
Tem a sua teia urdida,
E a falta vem na buscar.”

– “Aí tenho a falta, donzela,
Mas inda está por dobar.”

– “Senhora, que se faz tarde

E eu não posso esperar:
De noite pelos caminhos
Donzelas não hão de andar.”
– “Para honra da donzela,
Aqui hoje há de poisar.”
– “Tendes criados tão moços,
Tão atrevidos do olhar...”
– “Para honra da donzela
No meu quarto há de ficar.”
A donzela, de contente,
À noite não quis cear;
Tinha sono, tanto sono,
Que se quis logo deitar.
Lá por essa noite adiante
Claralinda de gritar...
– “Cala-te, ó Claralinda,
Não te queiras difamar,
Que eu sou de nobre gente
E contigo hei de casar:
Fia-te nesta palavra
De Dom Claros de Além-mar.”
Passados são tantos dias,
Tão compridos de esperar:
Não voltou a tecedeira,
Mas a teia ia a dobar
Aos sete para oito meses
O pai à mesa a jantar:
– “Claralinda, Claralinda,
Que feio é o teu trajar!”
– “Não diga tal, senhor pai,
Ninguém lhe oiça tal falar:
Não sou eu, é da vasquinha
Que é mal feita e dá mau ar.”
Mandou chamar alfaiates
Donzelas pelo caminho
Para se desenganar:

Disseram uns para os outros:
– “Não tem falta a saia tal.”
Não há ali mais que dizer,
Não há mais que perguntar:
– “Prepara-te, ó Claralinda,
Que amanhã vais a queimar.”
– “Não se me dá que me matem,
Que me levem a queimar,
Dá-se-me deste meu ventre
Que é de sangue real!...
Haverá por aí um pajem
Que o meu pão queira ganhar,
E que me leve esta carta
A Dom Claros de Além-mar?”
Aparece um pajenzito
Discreto no seu falar:
– “Aqui está um mensageiro
Que o recado quer levar.”
– “Se o meu pão queres comer,
A toda a pressa hás de andar,
E entregarás esta carta
A Dom Claros de Além-mar.”
– “Que quereis, ó pajenzito,
Que vindes aqui buscar?”
– “Trago uma carta, senhor,
Novas de muito pesar;
Novas lhe trago, más. Novas
Da sua amiga leal:
Hoje se lhe ajunta a lenha,
Amanhã vai a queimar.”
Ele pôs-se a ler a carta,
Não a podia acabar;
As lágrimas eram tantas
Que o faziam cegar:
– “Oh lá, oh lá, escudeiros,
Os cavalos a ferrar;

Jornada de quatro dias
Esta noite se há de andar.”
Chega a um convento de frades,
Estava o sino a dobrar:
– “Por quem dobra o sino, padre,
Por quem está a tocar?”
– “É a infanta Claralinda
Que se está a agonizar:
Ontem juntaram-lhe a lenha,
Hoje a levam a queimar.”
Era quase manhã clara,
Mandou seus pajens deitar,
Vestiu-se em trajos de frade,
Se o achares a dormir.
Deixá-lo-ás acordar;
Se o achares a jantar.
Deixá-lo-ás alevantar” – Açores.
– “Se o achares a dormir,
Deixá-lo-ás acordar;
Se o achares acordado,
A carta lhe há de entregar a – Beira Alta.
Foi ao caminho esperar:
– “Parem lá os da justiça,
Justiça de mau pesar,
Que a menina que aí levam
Inda vai por confessar.”
Deixaram-no ao bom do frade
Para a infanta confessar.
Mal se ele viu só com ela,
De amores lhe foi falar:
– “Venha cá, minha menina,
Que a quero confessar;
No primeiro mandamento
Um beijinho me há de dar.”
– “Não permita Deus do céu
Nem os santos do altar!

Onde Claros pôs a boca
Não me há de um frade beijar.”
– “Venha cá, minha menina,
Que a quero confessar;
No segundo mandamento,
Um abraço me há de dar.”
Vestiu-se em trajos de frade,
Ao caminho a foi esperar;
Em chegando ao pé dela
Aos criados foi falar – Beira Alta.
“Parem lá com a liteira,
E façam-na já parar,
Que a menina que si levam
Ainda vai por confessar” – Beira Baixa.
– “Ó da justiça de el-rei.
Alto lá, façam parar – Coimbra.
A menina que si levais
Ainda vai por confessar – Beira Alta.
– a Diga-me, minha menina,
O porque vai a queimar?”
– “Porque dormi uma noite
Com Dom Carlos de Além-Mar” – Beira Alta.
Diga-me minha menina,
Verdade me há de falar:
Se teve amores com clérigos
Ou com frades, mal pesar.”
– “Não tive amores com clérigos
Nem frades de mal pesar;
Tive amores com Dom Carlos,
Por isso vou a queimar.
– “Pois Dom Carlos sou eu mesmo,
E contigo hei de casara – Coimbra.
Segundo esta lição de Coimbra acaba o romance aqui.
158 Que onde Claros pôs a boca
Não há de pôr nenhum frade – Beira Alta.
Que onde o meu bem pôs a boca – Évora.

Não me há de um frade beijar – Ponte de Lima.

Venha um frade bafejar – Porto.

– “Vai-te na má hora, frade,
Que a mim não há de chegar;
Que a mim nunca chegou homem,
Se não – inda mal pesar!

Senão só esse Dom Claros,
Dom Claros o de Além-mar,
Que, por meus grandes pecados,
Por ele vou a queimar!”

Dom Claros que tal ouviu,
Não pôde o riso ocultar.

– “Por esse riso que dais,
Sois Dom Claros de Além-mar...”

– “Cala-te, ó Claralinda,
Que te venho libertar;
Já está tecida a teia,
Vamo-la agora a curar.”

Tomou-a logo nos braços
Puseram-se a caminhar:
Estava perto o convento,
Viram-nos os pajens chegar.
Chegavam, não chegariam...
A justiça de bradar.

– “Nas ancas de meu cavalo,
Menina, haveis de montar.
Assim foi livre a infanta
Por Dom Claros de Além-mar.”

XIII

CLARALINDA

Ao revés do romance precedente, nós chamamos Claralinda a este, que os castelhanos têm muito mais extenso em suas coleções com o título de Conde Claros.

O tal Dom Claros ou Conde Claros devia de ser o Dou Juan daqueles tempos, à imensidade de aventuras e conquistas amorosas que os romanceiros lhe atribuem. E talvez é um mito em que os trovadores moralistas resumiram todos os Lovelaces da Meia-Idade.

O presente romance mui semelhante, na lição portuguesa, ao que leva por título Rosalinda na primeira parte desta coleção, difere todavia essencialmente dele na cor local, e, para assim dizer, nas decorações da cena. O desfecho da aventura é inteiramente outro. E além disso, aquele foi construído de três fragmentos diversos: este era um deles.

Depois de publicado este primeiro tomo, obtive uma melhor e mais completa cópia; já lhe não cabe o nome de fragmento: é a que aqui dou com as suas variantes.

Seriam os menestréis os que, segundo a teoria de Sir Walter Scott, que já noutra parte mencionei, contraíram o romance escrito na xácara para contar? Ou seriam os poetas ou os coletores letrados que da xácara popular fizeram o romance mais longo?

Neste caso especial não sei decidir; mas estou fortemente capacitado de que ora uma ara outra coisa sucedia, e que é difícil dizer quando esta ou aquela se fez.

O saio de seda, a cintura de oiro e firmal, indicam a antiguidade na lição portuguesa que não desce do décimo quinto século.

CLARALINDA

Meia noite já é dada,
Os galos querem cantar,
O conde Claros na cama
Não podia repousar.
Chamou pajens e escudeiros,
Que se quer já levantar;

Que lhe tragam de vestir,
Que lhe tragam de calçar.
Deram-lhe uma alva camisa.
Que el-rei não a tinha tal;
Deram-lhe saia de seda,
Cintura de oiro e firmal.
Trazem-lhe esporas douradas.
Para com elas montar;
Cavalgou no seu cavalo,
Pôs-se logo a caminhar.
– “Deus te salve, Claralinda,
Tão cedo estás a bordar?
Salve-te Deus, conde Claros!
Donde vais a caminhar?”
– “Aos moiros me vou, senhora,
Grandes guerras guerrear.”
– “Que belo corpo que tendes
Para com eles brigar!”
– “Melhor o tenho, senhora,
Para convosco folgar...”
Palavras não eram ditas
Um pajem que ia a passar;
– “As palavras que são ditas,
A el-rei vou já contar.”
– “Palavras que ditas são,
A el-rei não vás levar:
Dar-te-ei de oiro e de prata
Quanto possas carregar.
– “Não quero oiro nem prata,
Se oiro e prata me heis-de dar;
Quero guardar lealdade
A quem na devo guardar:
As palavras que são ditas,
A el-rei as vou contar.
Foi dali o bom do pajem
Andando de bom andar

À casa da Estudaria,
Onde el-rei estava a estudar:
– Deus vos salve senhor rei,
E a vossa coroa real!
Lá deixei o conde Claros
Com a princesa a folgar
– Se à puridade o dissesses,
Tença te havia de dar;
Mas pois tão alto falaste,
Alto há de ir a enforcar.
Castigar os chocalheiros
Boa justiça real:
Mas o pobre conde Claros
Também vai a degolar!
– “Vinde, vinde, Claralinda...
Como estais a descansar!
Vinde ver o conde Claros
Que el-rei o manda matar.”
– “Acudi, minhas donzelas,
Vinde-me acompanhar:
Que se el-rei lhe não perdoa,
Com ele quero acabar.”
– “Deus vos salve, senhor rei,
E a vossa c’roa real!
Que vos fez a conde Claros
Para o mandardes matar?”
– “Se eu tivera outra filha
Para em meu reino reinar,
Juro-te, ó Claralinda,
Que o ias acompanhar.
Mas toma-o tu por marido,
Por genro o quero eu tomar;
E ninguém mais nesta corte
Se atreva a mexericar.”

XIV

DOM BELTRÃO

Não é das menos interessantes para a história da poesia popular na Península esta lição portuguesa do romance de Dom Beltrão, que na castelhana se diz De la Batalla de Roncesvalles.

A sua origem parece ter sido provençal ou navarra; nós decerto o havemos pelos nossos mais próximos vizinhos, os castelhanos. Em Portugal é ele arraiano, e não anda senão pelos extremos da Beira e Trás-os-Montes.

Com ser este um dos mais belos que tem o romanceliro de Castela, eu acho-o mais bonito em português, mais repassado daquela melancolia e sensibilidade que faz o carácter da poesia do nosso dialeto, e que principalmente o distingue dos outros todos de Espanha.

O cavalo moribundo que se levanta diante do pai do seu senhor, para se justificar de seu procedimento na batalha, de como fez tudo para o salvar – é digno da Ilíada e não desdiz do mais grandioso de nenhuma poesia primitiva.

Variantes portuguesas não chegaram à minha mão, e este único texto me veio de Trás-os-Montes.

A novíssima edição do Romancelero General do sr. Duran, obra de sumo gosto e trabalho, julga pertencer este romance ao último terço do século XV.

DOM BELTRÃO

– “Quedos, quedos, cavaleiros,
Que el-rei os manda contar!”
Contaram e recontaram,
Só um lhe vinha a faltar:
Era esse Dom Beltrão,
Tão forte no batalhar;
Nunca o acharam de menos
Senão naquele contar,

Senão ao passar do rio,
Nos portos do mal passar.
Deitam sortes à ventura
A qual o devia ir buscar:
Que ao partir fizeram todos
Preito, homenagem no altar,
O que na guerra morresse
Dentro em França se enterrar.
Sete vezes deitam sortes
A quem no há de ir buscar;
Todas sete lhe caíram
Ao bom velho de seu pai.
Volta rédeas ao cavalo,
Sem mais dizer nem falar...
Que lha sorte não caíra,
Nunca ele havia de ficar.
Triste e só se foi andando,
Não cessava de chorar;
De dia vai pelos montes,
De noite vai pelo val;
Aos pastores perguntando
Se viram ali passar
Cavaleiro de armas brancas,
Seu cavalo tremedal.
– “Cavaleiro de armas brancas,
Se cavalo tremedal,
Por esta ribeira fora
Ninguém não no viu passar.”
Vai andando, vai andando,
Sem nunca desanimar,
Chega àquela mortandade
Donde fora Roncesval:
Os braços já tem cansados
De tanto morto virar;
Viu a todos os franceses,
Dom Beltrão não pode achar.

Volta atrás o velho triste,
Voltou por um areal,
Viu estar um perro moiro
Em um adarve a velar:
– “Por Deus te rogo, bom moiro,
Me digas sem me enganar,
Cavaleiro de armas brancas
Se o viste por aqui passar.
Ontem à noite seria,
Horas de o galo cantar.
Se entre vós está cativo,
A oiro o hei de pesar.”
– “Esse cavaleiro, amigo,
Diz-me tu que sinais traz.”
– “Brancas são as suas armas,
O cavalo tremedal.
Na ponta de sua lança
Levava um branco cendal,
Que lhe bordou sua dama
Bordado a ponto real.”
– “Esse cavaleiro, amigo,
Morto está nesse pragal,
Com as pernas dentro d’água,
O corpo no areal.
Sete feridas no peito
A qual será mais mortal;
Por uma lhe entra o sol,
Por outra lhe entra o luar,
Pela mais pequena delas
Um gavião a voar.”
– “Não torno culpa a meu filho,
Nem aos moiros de o matar;
Torno a culpa ao seu cavalo
De o não saber retirar.”
Milagre! quem tal diria,
Quem tal pudera contar!

O cavalo meio morto
Ali se pôs a falar:
– “Não me tornes essa culpa,
Que ma não podés tornar:
Três vezes o retirei,
Três vezes para p salvar;
Três me deu de espora e rédea
Co’a sanha de pelejar,
Três vezes me apertou cilhas,
Me alargou o peitoral...
À terceira fui a terra
Desta ferida mortal.”

XV

DOM GAIFEIROS

Eis aqui uma verdadeira preciosidade literária, a edição ou lição portuguesa de um dos mais celebrados romances da nossa península, Dom Gaifeiros.

Tinha-o encontrado na coleção manuscrita do Cavalheiro de Oliveira, mas confesso que fiz injúria à sua memória, supondo, sem mais exame, que era pia fraude do bom cavaleiro, e que ele não tinha feito mais do que traduzir dos romanceiros castelhanos o que lá tinha achado em muito boa letra redonda. Não é assim; julguei de leve e julguei falso; o romance é corrente na tradição de Trás-os-Montes. Tenho em minha mão cópias autênticas do cantar do povo feitas por pessoas fidedignas e inteligentes daquela província. As cópias não diferem no essencial; todas são mais curtas do que as lições castelhanas dos romanceiros, mas nenhuma as segue literalmente; e o mesmo faz a do Cavalheiro de Oliveira, que é todavia a mais completa das portuguesas.

Apurei por todas elas o texto como aqui o dou, recorrendo, nas frequentes dificuldades e dúvidas em que me achei, à lição castelhana tal como a dá Duran, que assevera tê-la copiado, não do Cancioneiro de Ambers, nem da Floresta de vários, senão de um códice muito antigo que tinha à vista. Esta cópia, diz ele e é certo, é a que mais quadra com a descrição de mestre Pedro no Dom Quixote,

naquele celebrado capítulo da segunda parte que para sempre deixou imortal este romance.

A nossa lição portuguesa tem todos os caracteres de ser do século XVI.

DOM GAIFEIROS

Sentado está Dom Gaifeiros
Lá em palácio real,
Assentado ao tabuleiro
Para as tábulas jogar.
Os dados tinha na mão,
Que já os ia deitar,
Senão quando vem seu tio
Que lhe entra a pelejar:
– “Para isso és, Gaifeiros,
Para os dados arrojjar;
Não para ir tomar damas,
Com a moirisma jogar.
Tua esposa lá têm moiros,
Não sabes ir buscar:
Outrem fora seu marido,
Já lá não havia estar.”
Palavras não eram ditas,
Os dados vão pelo ar...
A que não fora o respeito
Da pessoa e do lugar,
Távolas e tabuleiro
Tudo fora espedaçar.
A seu tio, Dom Roldão,
Tal resposta lhe foi dar:
– “Sete anos a busquei, sete,
Sem a poder encontrar;
Os quatro por terra firme,
Os três sobre águas do mar.
Andei por montes e vales,

Sem dormir, nem descansar;
O comer, da carne crua,
No sangue a sede matar.
Sangue vertiam meus pés
Cansados de tanto andar;
E os sete anos cumpridos
Sem a poder encontrar.
Agora a saber sou vindo
Qua Sansonha foi parar;
E eu sem armas nem cavalo
Com que a possa ir buscar:
Que a meu primo Montezinhos
Há pouco os fui emprestar
Para essa festa de Hungria
Onde se foi a justar.
Mercê vos peço, meu tio,
Se ma vós quiséreis dar,
Vossas armas e cavalo
Que mos queirais emprestar.”
– “Sete anos são cumpridos,
Bem nos deves de contar,
Que Melisendra é cativa
E a vida leva a chorar.
E sempre te vi com armas,
Com cavalos a adestrar;
Agora que estás sem eles
É que a queres ir buscar?
Minhas armas não te empresto
Que as não posso desarmar;
Meu cavalo bem vezeiro,
Não o quero mais vezar.”
– “As vossas armas, meu tio,
Que mas não queirais negar
A minha esposa cativa
Como a hei de eu ir buscar?
– Em São João de Latrão

Fiz juramento no altar,
De a ninguém não prestar armas
Que mas faça acobardar.”
Dom Gaifeiros, que isto ouviu,
A espada foi a tirar;
Saltam-lhe os olhos da cara
De merencório a falar:
– “Bem parece, mal pesar!
O muito amor que me tendes
Para assim me afrontar.
Mandai-me dizer por outrem
Que me las possa pagar,
Essas palavras, meu tio,
Que vos não quero tragar.”
Acode ali Dom Guarino,
O almirante do mar,
Durandarte e Oliveiros
Que os vêm a separar;
Com outros muitos dos Doze
Que ali sucedeu de estar.
Dom Roldão muito sereno
Assim lhe foi a falar:
– Bem parece, Dom Gaifeiros,
Bem se deixa de mostrar
Que a falta de anos, sobrinho,
Em tudo vos faz faltar.
Aquele que mais te quer
Esse te há de castigar:
Foras tu mau cavaleiro,
Nunca eu te dissera tal,
Porque sei que tu és bom, to disse...
E agora, armar e selar!
Meu cavalo e minhas armas
Aí estão a teu mandar,
E mais, terás o meu corpo
Para te ir acompanhar.”

– “Mercês, meu tio, hei de ir só,
Só, tenho de a ir buscar.
Venham armas e cavalo
Que já me quero marchar,
De covarde a mim! ninguém
Nunca ninguém me há de apelidar.”

Dom Roldão a sua espada
Ali lhe foi entregar:

– “Pois só queres ir, sobrinho,
Esta te há de acompanhar.
Meu cavalo é generoso,
Não o queiras sopear;
Dá-lhe mais rédea que espora,
Nele te podes fiar”.

Andando vai Dom Gaifeiros,
Andando de bom andar.
Por essas terras de Cristo,
Té a Moirama chegar.
Ia triste e pensativo,
Cheio de grande pesar;
Melisendra em mãos de moiros,
Como Iha há de sacar?...

Pára às portas de Sansonha
Sem saber como há de entrar:

Estando neste cuidado
As portas se abrem de par.

El-rei com seus cavaleiros
Saía ao campo a folgar;

Mui galãs iam de festa,
Mui ledos a cavalgar.

Furtou-lhe as voltas de Gaifeiros,
Pelas portas foi entrar;

Deu com um cristão cativo
Que ali andava a trabalhar:

– “Por Deus te peço cativo,
E ele te venha livrar!

Assim me digas se ouviste
Nesta terra anomear
A uma dama cristã,
Senhora de alto solar,
Que anda cativa entre moiros
E a vida leva a chorar.”
– “Deus te salve, cavaleiro,
Ele te venha ajudar!
A assim me dê outra vida,
Que esta se vai a chorar.
Pelos sinais que me destes,
Já bem te posso afirmar
Que a dama que andas buscando
Em palácio deve estar.
Toma essa rua direita
Que leva ao paço real,
Lá verás pelas janelas
Muitas cristãs a folgar.”
Tomou a rua direita
Que no passo vai dar
Alçou os olhos ao alto,
Melisendra viu estar,
Sentada àquela janela
Tão entregue a seu pensar,
Que as outras em redor dela
Não nas sentia folgar.
Rua abaixo, rua acima
Gaifeiros a passear.
– “Oh que lindo cavaleiro,
De tão gentil cavalgar!”
– “Melhor sou jogando às damas,
Com moiros a batalhar!”
Melisendra que isto ouviu
Começava a chorar:
Não já que ela o conhecesse,
Nem tal se podia azar,

Tão coberto de armas brancas,
Tão dif 'rente no trajar;
Mas por ver um cavaleiro
Que lhe fazia lembrar
Aqueles Doze de França,
Aquele terra sem par,
As justas e os torneios
Que ali soíam de armar
Quando por sua beleza
Andavam a disputar.
Com voz chorosa e sentida
Começou de o chamar:
– “Cavaleiro, se a França ides,
Recado me heis levar,
Que digais a Dom Gaifeiros
Por que me não vem buscar.
Se não é medo de moiros
De com eles pelejar,
Já serão outros amores
Que o fizeram olvidar...
Enquanto eu presa e cativa
A vida levo a chorar
E mais se este meu recado,
O não quis aceitar.
Dá-lo-eis a Oliveiros
A Dom Beltrão o heis-de dar.
E a meu pai o Imperador
Que já me mande buscar,
Pois me querem fazer moira
E de Cristo renegar.
Com um rei mouro me casam
De além das bandas do mar,
Dos sete reis de Moirama
Rainha me hão de coroar.”
– “Esse recado, senhora,
Vós mesma lho haveis de dar;

Dom Gaifeiros aqui o tendes
Que vos vem a libertar.”
Palavras não eram ditas,
Os braços lhe foi a dar,
Ela do balcão abaixo
Se deitou sem mais falar.
Maldito perro de moiro
Que ali andava a rondar!
Em altos gritos o moiro
Começava a bradar:
– “Acudam à Melisendra,
Que a vêm os cristãos roubar.”
“Melisendra minha esposa,
Como havemos de escapar?
– “Com Deus e a Virgem Maria
Que hão de acompanhar.”
– “Melisendra, Melisendra,
Agora é o esforçar!”
Aperta a cilha ao cavalo,
Afrouxa-lhe o peitoral,
Saltou-lhe em cima de um pulo
Sem pé no estribo poisar.
Tomou-a pela cintura,
Que o corpo ergueu por lhe dar;
Assenta a esposa à garupa
Para que o possa abraçar,
Finca esporas ao cavalo,
Que o sangue lhe fez saltar.
Aqui vai, acolá voa...
Ninguém no pode alcançar.
Os moiros pela cidade
A correr e a gritar;
Quantas portas ela tinha
Todas as foram cerrar.
Sete vezes deu a volta
Da cerca sem a passar,

O cavalo às oito vezes
De um salto a foi saltar.
Já os moiros da cidade
O não podem avistar:
Acode o rei Almançor
Que vinha de montear,
Com todos seus cavaleiros
Lá deitam a desfilar,
Sentiu logo Dom Gaifeiros
Como o iam alcançar:
– “Não te assustes, Melisendra,
Que é força aqui apear
Entre estas árvores verdes
Um pouco me hás de aguardar.
Por não haver mais lugar. – Trás-os-Montes.
Enquanto eu volto a esses cães
Que os hei de afugentar.
As boas armas que trago
Agora as vou a provar.”
Apeou-se Melisendra,
Ali ficava a rezar.
O cavalo, sem mais rédea,
Aos moiros se foi voltar:
Cansado ia de fugir
Que já mal podia andar,
Cheirou-lhe ao sangue maldito,
Todo é fogo de abrasar
Se bem peleja Gaifeiros,
Melhor é seu pelejar;
A qual dos dois anda a lida
Mais moiros há de matar
Já caem tantos e tantos
Que não têm conto nem par;
Com o sangue que corria
O campo se ia a alagar.
Rei Almançor que isto via,

Começava de bradar
Por Alá e Mafamede
Que o viessem amparar:
“Renego de ti, cristão,
E mais do teu pelejar!
Não há outro cavaleiro
Que se te possa igualar,
Será este Urgel de Nantes,
Oliveiros singular,
Ou o infante Dom Guarim
Esse almirante e do mar?
Não há nenhum dentre os Donze
Que bastasse para tal...
Só se fosse Dom Roldão
O encantado sem par!”
Dom Gaifeiros que o ouvia,
Tal resposta lhe foi dar:
– “Cala-te daí, rei moiro,
Cala-te, não digas tal,
Muito cavaleiro em França
Tanto como esses val.
Eu nenhum deles não sou,
E me quero nomear:
Sou o infante Dom Gaifeiros,
Roldão meu tio carnal,
Alcaide-mor de Paris
Minha terra natural.”
Não quis o rei mais ouvir
E não quis mais porfiar,
Voltou rédeas ao cavalo,
Foi-se em Sansonha encerrar.
Gaifeiros, senhor do campo,
Não tem com quem pelejar;
Cheio de grande alegria
Melisendra foi buscar.
– “Ai! se vens ferido, esposo?”

Eram tantos esses moiros,
E tu só a batalhar.
Mangas de minha camisa,
Com elas te hei de pensar;
Toucas de minha cabeça
Faixas para te apertar.”
– “Cala-te daí, infanta,
E não queiras dizer tal;
Por mais que foram n’os moiros,
Não me haviam fazer mal:
São de meu tio Roldão
Estas armas de provar;
Cavaleiro que as trouxesse,
Nunca pode perigar.”
Cavalgam, vão caminhando,
Não cessam de caminhar,
Por essa Moirama fora
Sem mais temor nem pesar;
Falando de seus amores
Sem de mais nada pensar.
Em terras de cristandade
Por fim vieram a entrar.
A Paris já são chegados,
Já saem para os encontrar,
Sete léguas da cidade
A corte os vai esperar.
Saía o Imperador
A sua filha a abraçar;
Palavras que lhe dizia,
As pedras fazem chorar.
Saíu toda a fidalguia,
Cleresia e secular,
Os Doze Pares de França,
Damas sem conto nem par.
Dona Alda com Dom Roldão
E o almirante do mar,

O arcebispo Turpim
E Dom Julião de além-mar,
E o bom velho Dom Beltrão,
E quantos soem de estar
Ao redor do Imperador
Em sua mesa a jantar.
Grande honra a Dom Gaifeiros!
Os parabéns lhe vão dar;
Por sua muita bondade
Todos o estão a louvar,
Pois libertou sua esposa
Com valor tão singular.
As festas que se fizeram
Não têm conto nem par.

XVI

JUSTIÇA DE DEUS

A lição que principalmente aqui segui é a da Beira Alta, por ser nela muito mais completo o romance. A de Trás-os-Montes chama-lhe O Conde preso.

Poucas coisas mais bonitas tem o romanceiro popular da nossa península. Onde nasceu não sei; mas as coleções castelhanas não o trazem. A questão, porém, de se uma composição destas foi feita nesse ou naquele reino de Espanha, além de ser mui difícil de resolver, é de bem pouca importância. O que é verdadeiramente antigo e popular, o que foi obra do trovador ou do menestrel, nasceu talvez em Catalunha ou em Valença, talvez em Portugal ou em França, ou em Leão ou em Castela: quem sabe? Viajou e peregrinou com a harpa ou com a viola do cantor que o compôs ou que somente o aprendeu de cor: espalhou-se por essas terras de diferentes dialetos que mais ou menos tiveram de o traduzir para o conservar na tradição de seus povos. E hoje, há muitos séculos a esta parte, quem pode dizer onde foi composto o romance que nesta ou naquela província se encontra?

É daquela onde foi achado.

Já se vê que não aplico esta teoria ao que traz visível e marcando o selo de sua nacionalidade, como são os romances propriamente mouriscos ou granadinos, os que à imitação destes se fizeram em tamanha cópia nos séculos XVI e XVII, nem tão pouco aos históricos estritamente ditos.

Advertirei também, ao leitor pouco versado em nossas coisas, que lhe não faça peso, para julgar este romance castelhano por força, o ver que nele se trata de San Tiago e de suas romarias e romeiros. Depois de Galiza, nenhum reino de Espanha teve jamais tanto que fazer com o apóstolo de Compostela, como o nosso Portugal, especialmente nas duas províncias do extremo Norte. Ainda lá vamos de romaria, e o temos por nosso em tudo... menos se formos a brigar, porque então vem “San Jorge e avante”, San Jorge e o seu dragão, que são dois terríveis mata-castelhanos, apesar de todos os pesares, e das heterodoxas doutrinas de desequilíbrio europeu com que nos têm obsequiado ultimamente.

JUSTIÇA DE DEUS

Preso vai o conde, preso,
Preso vai a bom recado;
Não vai preso por ladrão,
Nem por homem ter matado,
Mas por violar a donzela
Que vinha de San Tiago:
Não bastou dormir com ela,
Senão dá-la ao seu criado!
Acometeu-a na serra,
Mui longe do povoado:
Por morta ali a deixara
Sem mais dó, sem mais cuidado
Chorou três dias, três noites,
E mais teria chorado,
Senão que Deus sempre acode
A amparar o desgraçado.
Passou por alo um velho,
Um pobre velho soldado,

Suas barbas brancas de neve,
Em sua espada abordoado;
Vieiras traz na esclavina,
O chapéu delas cercado;
Chegou-se à pobre romeira
Com muito amor, muito agrado:
– “Não chores mais, filha minha,
Filha, demais tens chorado;
Que esse vilão cavaleiro
Preso vai a bom recado.”
Levou consigo a donzela
O bom velho do soldado;
Vão à presença d el-rei,
Onde o conde era levado:
– “Eu te requeiro, bom rei,
Pelo Apóstolo sagrado,
Que nesta sua romeira
O foro seja guardado.
Da lei divina é casar-se,
Da humana ser degolado:
Que não valem fidalguias
Onde Deus é o agravado.”
Disse el-rei aos do conselho
Com semblante carregado:
– “Sem mais detença, este feito
Quero já desembargado.”
– “Visto está o feito, visto,
Julgado está, bem julgado:
Ou há de casar com ela,
Ou se não... ser degolado.”
– “Pois que me praz” disse o rei:
O algoz que seja chamado:
Ou já casar, co a romeira
Ou aqui ser degolado.”
– “Venham algoz e cutelo.
Respondeu o acusado:

Mas antes morrer mil vezes
Que viver envergonhado”
Agora ouvireis o velho,
O bom velho do soldado:
– “Fazeis, bom rei, má justiça,
Mau feito tendes julgado:
Primeiro casar com ela,
E depois ser degolado.
Lava-se a honra com sangue,
Mas não se lava o pecado”
Palavras não eram ditas,
A espada tinha arrojado,
Despe insígnias de romeiro,
Despe as armas de soldado,
Nos trajos de um santo bispo
Aparece transformado;
Sua mitra de pedras finas,
De oiro puro o seu cajado:
Tomou a mão da romeira,
A mão do conde há tomado,
Por palavras de presente
Ali os tem desposado.
Choravam todos que o viam,
Chorava mais o culpado;
Chorando, pedia a morte
Por não ficar desonrado.
O santo bispo o absolvía
Contrito de seu pecado:
Dali o levam por morto,
Que nem o algoz foi chamado,
Justiça de Deus foi nele,
Antes de uma hora é finado!
Mas acudiu àquela alma
O Apóstolo sagrado,
Que outro não era o romeiro,
O bispo nem o soldado.

A lição de Trás-os-Montes suprime a intervenção de San Tiago, e também o casamento do conde que ali vai simplesmente a degolar, declarando a sua última vontade nestas coplas:

*“Não me enterrem na igreja,
Nem tão-pouco em sagrado
Naquele Prado me enterrem
Onde se faz o mercado,
Cabeça me deixem fora,
O meu cabelo entrançado,
De cabeceira me ponham
A sela do meu cavalo.
Que digam os estrangeiros:
Triste de ti, desgraçado!
Morreste de mal de amores,
Que é um mal desesperado.” – Trás-os-Montes.*

NOTAS

Nota A

Infante no feminino é um latinismo dos séculos XV e XVI...

Não é desta opinião um amigo meu cujo Voto literário tem muito peso. Diz ele que as terminações *afie*, *ente* e *mie* sempre foram invariáveis para ambos os gêneros; que sempre se disse *amante*, *enchente*, *pedinte*; que *infanta* portanto é uma exceção da regra geral, exceção só usada por alguns.

Nota B

Fora o primeiro em que se fizeram versos...

Esta é a opinião de Sarmiento: Sanchez, nas nota à citada Carta do Marques de Santillana, a combate.

Nota C

Malato se tornaria...

O que, a este respeito, fica apontado na nota marginal é a opinião do Sr. Alexandre Herculano. Santa Rosa no Elucidário lhe atribui quase a mesma significação. No sentido porém de gafo, doente, etc., a usa Berceo muitas vezes no Poema de Alexandre. Na nova edição do Romancero de Duran (212) há uma variante deste romance, que ele atribui a Rodrigo de Reinosa, porque assim se diz em um folheto solto donde a transcreve, cuja linguagem parece mais velha, porém que é decerto menos singela que as outras, e sabe mais ao enrevezado das copias dos provençais. Nesta indisputavelmente se põe malato por gafo, leproso, infecto de mal contagioso.

Eis aqui o lugar paralelo:

Está quedo caballero,

Non fagas tal villania,

Figa soy de um malato

Que tiene la malatia,

Y quien a mi llegare

Luego se le pegaria.

É notável que nesta variante se acha o romance da Enfeitiçada confundido com o do Caçador, do mesmo modo que o eu encontrei confundido na tradição oral de algumas de nossas províncias.

Nota D

Além de não andar nas coleções da nação vizinha...

No Romancero de Duran, nova edição, há um fragmento com o título El Palmero, tirado da coleção de Sepúlveda, em que aparecem alguns iguais aos do Berna! Duran o julga semialegórico, e daqueles que na nossa península já começavam a imitar os provençais no século XV. Não sou desta Opinião.

Nota E

A xácara é toda dramática...

Esta qualificação é exclusivamente portuguesa: os nossos parentes castelhanos entendem por jacara um romance truanesco em estilo pícaro e mais próximo do que nós chamamos ou chamávamos chacota.

Nota F

Loa virá do latim laus?...

Os castelhanos dizem hoje loor e bar por laus e laudare. No Cancioneiro do Colégio dos Nobres fol. 58 v. acha-se loado por louvado. A diversidade que hoje se encontra, nestas derivações, entre o português e castelhano, é comparativamente moderna..

PARTE II

ADVERTÊNCIA DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Por não fazer demasiado volume, dividiu-se o segundo livro desta coleção em duas partes, cada uma das quais forma um tomo separado.

O tomo quarto está destinado a conter o terceiro livro, que é o das Lendas e Profecias. Se porém aparecerem no intervalo alguns romances ainda não descobertos que pertençam à classe do segundo livro, acrescentar-se-á uma terceira parte; e com ela começará, nesse caso, o seguinte quarto volume.

Lisboa, 9 de Agosto, de 1851.

XVII

A ROMEIRA

Aqui vai outra romeira, e não sei se de Santiago também; mas creio que não, porque o diria algures o texto do romance: não era orago que deixasse de se nomear.

É lindo, singelo, perfeito exemplar no seu gênero. Não me consta que ande por mais terras nossas do que pelas do Minha e Trás-os-Montes. Só pelas duas versões destas províncias o tive de apurar; e sem muito custo, porque é simples de si, e pouco o alteraram na tradição. Tem todo o sabor e ingenuidade antiga, conserva perfeitamente os costumes crus da idade bárbara a que se refere. Também não ocorre nos romanceiros dos nossos vizinhos, e estou seguro que é esta a primeira vez que se vê escrito e impresso. As variantes que valem alguma coisa vão notadas à margem, e não são muitas.

A ROMEIRA

Por aqueles montes verdes

Uma romeira descia;

Tão honesta e formosinha
Não vai outra à romaria.
Sua saia leva baixa
Que nem ervas lhe prendia;
Seu chapelinho caído
Que lindos olhos cobria!
Cavaleiro vai atrás dela,
De má tenção que a seguia!
Não a alcança por mais que ande,
Alcançá-la não podia
Senão junto a essa oliveira
Que está no adro da ermida.
Á sombra da árvore benta
A romeira se acolhia:
– “Eu te rogo, cavaleiro,
Por Deus e a Virgem Maria,
Que me deixes ir honrada
Para a santa romaria.”
Cavaleiro, de malvado,
Nem Deus nem razão ouvia;
Cego no desejo bruto,
De amores a acometia.
Pegaram de braço a braço:
Luta de grande porfia!
A romeira, por mais fraca,
Enfim rendida caía...
No cair, lhe viu à cinta
Um punhal que ele trazia;
Com toda a força lho arranca,
No coração lho metia.
O sangue negro saltava,
O negro sangue corria...
– “Por Deus te peço romeira,
Por Deus e a Virgem Maria,
Que o não digas em tua terra,
Nem te vás gabar à minha

Da vingança que tomaste,
Da afronta que te eu fazia.”
– “Hei de dizê-lo em tu terra,
Hei de-me ir gabar à minha.
Que matei um vil covarde
Co as armas que ele trazia.”
Tocou a campa da ermida,
A campa que retinia:
– “Ermitão, por Deus vos peço
Bom ermitão desta ermida,
Tenhais dó dessa má alma:
Que ainda agora se partia:
Daí terra benta ao seu corpo,
Que Deus lhe perdoaria.”

XVIII

CONDE NILO

Só se encontrou este belo romancinho do Conde Nilo na província de Trás-os-Montes e nas ilhas dos Açores. Nas coleções castelhanas é omissa. Não sei porquê, mas sinto que tem o ar francês ou provençal. Ou talvez normando? Da nossa Espanha é que ele me não parece oriundo. Tudo isto porém é sentir; julgar não, que não tenho por onde.

Nilo não é nome português, nem sei que fosse castelhano, leonês ou de Aragão. De donde será? Ou é corrupção, como tantas, de outro nome? Mas de que nome? Séries e séries de dúvidas e perguntas às quais confesso a minha completa inabilidade de responder.

Seja como for, o romance é bonito, elegante e gracioso, tem todo o cunho antigo verdadeiro, e não parece dos que mais padeceram na sua transmissão até nós.

CONDE NILO

Conde Nilo, conde Nilo
Seu cavalo vai banhar;
Enquanto o cavalo bebe,
Armou um lindo cantar.
Com o escuro que fazia
El-rei não o pode avistar.
Mal sabe a pobre da infanta
Se há de rir, se há de chorar.
– “Cala, minha filha, escuta,
Ouvirás um bel cantar:
Ou são os anjos no Céu,
Ou a sereia no mar.”
– “Não são os anjos no Céu,
Nem a sereia no mar:
É o conde Nilo, meu pai,
Que comigo quer casar.”
– “Quem Fala no conde Nilo,
Que se atreve a nomear
Esse vassalo rebelde
Que eu mandei desterrar?”
– “Senhor, a culpa é só minha,
A mim deveis castigar:
Não posso viver sem ele..
Fui eu que o mandei chamar.”
– “Cala-te, filha traidora,
Não te queiras desonrar.
Antes que o dia amanheça
Vê-lo-ás ir a degolar.”
– “Algoz que o matar a ele,
A mim me tem de matar;
Adonde a cova lhe abrirem,
A mim me têm de enterrar.”
Por quem dobra aquela campã,
Por quem está a dobrar?
– “Morto é o conde Nilo,
A infanta já a expirar.

Abertas estão as covas,
Agora os vão enterrar:
Ele no adro da igreja,
A infanta ao pé do altar.”
De um nascera um cipreste,
E do outro um laranjal;
Um crescia, outro crescia,
Coas pontas se iam beijar.
El-rei, apenas tal soube,
Logo os mandara cortar.
Um deitava sangue vivo,
O outro sangue real;
De um nascera uma pomba,
De outro um pombo torcaz.
Senta-se el-rei a comer,
Na mesa lhe iam poisar:
– “Mal haja tanto querer,
E mal haja tanto amar!
Nem na vida nem na morte
Nunca os pude separar.”

XIX

ALBANINHA

Esta pequena xácara, curta, simples e que mais parece aludir a uma anedota sabida, do que recontá-la, não a encontrei senão na província de Trás-os-Montes. Três diferentes, mas pouco diferentes, versões dali me vieram: e, aproveitando de todas, se restituiu o texto como aqui vai. Tem não sei que ressaibo à sarcástica sirvente do trovador. É mordaz, epigramática; e até se permite fazer o seu calembur, quando a donzela requestada responde ao sedutor:

*“Pouco depois são três horas,
Mas vem depois o contar”.*

Onde a graça do equívoco está em que o verbo contar tanto significa fazer contas como referir o que se passou.

Não há variantes que mereçam a pena de se conservar, nem lição castelhana que se ache nos romanceiros.

ALBANINHA

– “Albaninha, Albaninha,
A filha do conde Alvar!
Oh! Quem te vira Albaninha
Três horas a meu mandar!”
– “Pouco tempo são três horas,
mas vem depois o contar.”
– “Usança de maus vilões
Nunca a eu soubera usar.
Com esta espada me cortem,
Com outra de mais cortar,
Donzela que em mim se fie
Se eu disso me for gabar.”
Inda bem manhã não era
Já na praça a passear;
Aos três irmãos de Albaninha
Se foi de braço travar:
– “Esta noite, cavaleiros,
sabereis que fui caçar;
Em minha vida não tive
Noite de tanto folgar.
Era uma lebre tão fina
Que nunca vi tal saltar:
Com três horas de corrida
Não a cheguei a casar!”
Disseram uns para os outros:
– “Bom modo de se gabar!
Será de nossas mulheres?
Das irmãs nos quer falar?”

Responde agora o mais moço
Discreto no seu pensar:
– “Não vedes que é de Albaninha,
Que o traidor quer difamar?”
Foram os três para um canto,
Puseram-se a aconselhar;
Diziam os dois mais velhos:
– “Vamo-la nós a matar?”
E o mais moço respondia:
– “Vamo-la nós casar?”
– “Sim! e o dote que ela tem.
Nós o temos de pagar.”
Vão ao quarto de Albaninha,
De voda a foram achar;
Duas aias a vestiam,
Duas a estão a tocar.
– “Albaninha, Albaninha,
A filha do conde Alvar!
As barbas de teu pai conde
Que bem lhas soubeste honrar!”
– “As barbas de meu pai conde
Tratai vós de as honrar,
Pagando-me já meu dote,
Que agora me vou casar.”.

XX

A PEREGRINA

Não é dos que mais se cantam, nem tem a popularidade de outros muitos, o romance da Peregrina, que alguns também chamam Princesa. A lição que principalmente segui veio-me do Porto, e é a mais completa. Das outras províncias só obtive fragmentos muito interpolados. Contudo aproveitei bastante deles para restituir o texto e dar nexos e clareza à narrativa. O que se não utilizou para este fim vai nas variantes.

O final, sublime e poética ideia que tanta predileção mereceu aos antigos menestréis, é o mesmo de outros romances. Já notei que franceses e ingleses o usaram em suas composições. Entre nós aparece repetido muitas vezes. Fez-se um “lugar-comum” romântico assim como tantas coisas belas dos poetas gregos e latinos se fizeram, por sua popularidade, lugares-comuns clássicos. Que Homero ou que Virgílio da Meia-Idade foi o original inventor deste? Não é possível sabê-lo. E sabemos nós se iguais belezas da Ilíada ou da Eneida são ou não repetições, reminiscências de outros poetas mais antigos cujas obras ou cujos nomes não chegaram até nós?

A Peregrina tem todos os caracteres de antiga e original. É bela e simples e verdadeira. Nos romanceiros castelhanos não vem; nem se encontra nada parecido com a singela história que ingenuamente narra. Mas destas histórias houve tantas naqueles ditos tempos da andante cavalaria! Mal haja o daninho talento de Cervantes que as fez acabar num Dom Quixote e na sua Dulcineia!

A PEREGRINA

Peregrina, a peregrina
Andava a peregrinar
Em cata de um cavaleiro
Que lhe fugiu, mal pesar!
A um castelo torreado
Pela tarde foi parar:
Sinais certos, que trazia
Do castelo, foi achar.
– “Mora aqui o cavaleiro?
Aqui deve de morar.”
Respondera-lhe uma dona
Discreta no seu falar:
– “O cavaleiro está fora,
Mas não deve de tardar.
Se tem pressa a peregrina,
Já lho mandarei chamar.”
Palavras não eram ditas,
O cavaleiro a chegar:

– “Que fazeis por’qui, senhora,
Quem vos trouxe a este lugar?”
– “O amor de um cavaleiro
Por aqui me faz andar.
Prometeu de voltar cedo,
Nunca mais o vi tornar,
Deixei meu pai, minha casa,
Corri por terra e por mar
Em busca do cavaleiro,
Sem nunca o poder achar.”
– “Negro fadaio, senhora,
Que tarde vos fez chegar!
Eu de vosso pai fugia
Que me queria matar;
Corri terras, passei mares,
A este castelo vim dar.
Antes que fosse ano e dia
(Vós me fizeste jurar)
Com outra dama ou donzela
Não me havia desposar.
Ano e dia eram passados
Sem de vós ouvir falar,
Co’a dona desse castelo
Eu ontem me fui casar...”
Palavras não eram ditas,
A peregrina a expirar.
– “Ai penas de minha vida
Ai vida do meu penar!
Que farei desta lindeza
Que em meus braços vem finar?”
Do alto de sua torre
A dama estava a raivar:
– “Levai-a daí, cavaleiro,
E que a deitem ao mar.”
– “Tal não farei eu, senhora,
Que ela é de sangue real...”

E amou com tanto extremo
A quem lhe foi desleal.
Oh! quem não sabe ser firme,
Melhor fora não amar.”
Palavras não eram ditas
O cavaleiro a expirar.
Manda a dona do castelo
Que os vão logo a enterrar
Em duas covas bem fundas
Ali junto à beira-mar.
Na campa do cavaleiro
Nasce um triste pinheiral;
E na campa da princesa
Um saudoso canavial.
Manda a dona do castelo
Todas as canas cortar;
Mas as canas das raízes
Tornavam a rebentar
E à noite a castelhana
As ouvia suspirar.

XXI

DOM JOÃO

O assunto deste romance é um casamento à hora da morte, uma daquelas tardias mas solenes reparações que a religião, a honra, o amor tantas vezes têm arrancado à consciência do moribundo.

Os preconceitos de nascimento lutam, poderosos ainda nesse momento extremo, com os deveres da religião, com os sentimentos da alma, com os mesmos ditames da verdadeira honra. Oiro é a primeira coisa que o fidalgo expirante se lembra de deixar à infeliz donzela, – *infelix virgo!* – em compensação da sua honra perdida. Mil cruzados lhe deixa: falta aí vilão que a queira, burguês que a requeste e cubra de seu nome vulgar a doirada fragilidade de uma menina também dotada por seu senhor e sedutor?

“Mil cruzados não é nada”: lhe objetam. – Pois darei mais duzentos: regateia a soberba agonizante. – A honra não se paga aos cruzados. – “Pois, terras, vilas, senhorios e castelos a quem casar com ela. Há tanto escudeiro e cavaleiro pobre! Casar com a manceba de seu senhor, e senhor tão generoso, quem há de recusá-lo? E para o que duvidasse... argumento de rei velho e de republicano novo: Tenha a cabeça cortada!”

Forte é o orgulho que assim luta, quando já na beira do sepulcro. Tenaz o preconceito que ainda agora fez mentir vilmente o cavaleiro pundonoroso, quando, numa derradeira esperança de vida, falsamente prometia à enganada donzela “as bênçãos de um arcebispo e a estola da santa igreja”. Vivesse ele, e tais promessas se cumpririam tanto como as primeiras que a seduziram. Porém mais forte é a piedade, a honra verdadeira de quem, até ao último, combate esse vão orgulho, esse falso pundonor. Era sua mãe; não a mãe da desgraçada, que o não ousaria se viva era – que por ventura foi morrer de vergonha a um canto. – Não, mas sua própria mãe dele, do moribundo. Verdadeira mulher de alma e de coração, tudo o mais lhe esquece e despreza, e não vê na infeliz, que ali está debulhada em lágrimas junto ao leito da agonia, senão uma mulher, uma mulher que é vítima de seu amor, que tudo quanto era deu a quem tudo lhe quer pagar com tão pouco.

A mulher triunfou. As últimas palavras do vencido são belas:

– *“Pois fique esta mão já fria
Na sua mão adorada.
De Dom João é viúva,
Condessa será chamada.”*

Estes grandes quadros desenhados em poucos traços, vivos só de verdade e natureza, são – não me canso de o fazer notar – os que dão à poesia do romance este vigor que se não acha noutras, este carácter que a distingue em todas as nações, em todas as línguas. Mais adiantada civilização trará poetas que iluminem, que repintem a cores estes simples desenhos a lápis do menestrel. Mas criar não hão de eles nunca, se não fecharem os livros escritos,

para abrirem o do coração, para estudar por ele o homem, a natureza que o cria, e o Deus que o fez.

O presente romance veio-me do Minho; variantes notáveis não me apareceram; nas coleções castelhanas não está; e não o creio – isto é, não o pressinto mais antigo do que o século XV ou princípios do XVI.

DOM JOÃO

Lá das bandas de Castela
Triste nova era chegada:
Dom João que vem doente,
Mal pesar de sua amada!
São chamados três doutores
Dos que têm mais nomeada:
Que, se algum lhe desse vida
Teria paga avultada.
Chegaram os dois mais novos,
Dizem que não era nada;
Por fim que chega o mais velho,
Diz com voz desenganada:
– “Tendes três horas de vida,
E uma está meia passada;
Essa é para o testamento:
Deixar a alma encomendada!
A outra é para os sacramentos,
Que inda é mais bem empregada;
Na terceira as despedidas
Da vossa dama adorada.”
Estando nestas conversas,
Dona Isabel que é chegada.
Ergueu os olhos para ela
Com a vista já turvada:
– “Ainda bem que vieste,
Minha prenda desejada,
Que tanto queria ver-te

Nesta hora minguada!”
– “Tenho fé na Virgem santa,
Nela venho confiada,
Que me há de ouvir e salvar-te,
Que o teu mal não será nada.”
– “Oh! que se eu chegar a erguer-me
Minha rosa namorada.
No vaso deste meu peito
P’ra sempre serás plantada,
Co’as bênçãos de um arcebispo
E de água benta regada,
Co’a estola da santa igreja
Ao meu coração atada.”
Estando nestas conversas,
Sua mãe que era chegada:
– “Que tens tu, filho querido
Desta alma amargurada?”
– “Tenho, mãe, que estou morrendo
Que esta vida está acabada;
Com só três horas por minhas,
E uma já meio passada.”
– “Filho de minhas entranhas,
Nesta hora minguada
Lembra-te se algo deves
A alguma dama honrada.”
– “Minha mãe, que devo, devo...
E Deus me não peça nada!
Dona Isabel que em má hora
Por mim fica difamada.
Mas deixo-lhe mil cruzados
Para que seja casada.”
– “A honra não se paga, filho;
Mil cruzados não é nada.”
– “Já lhe deixo mais duzentos
E a cruz da minha espada.”
– “A honra não se paga, filho;

Os cruzados não são nada.”
– “Deixo-a a estes três doutores
Muito bem encomendada;
E a vós, minha mãe, vos peço
Que a tenhais bem guardada.
O que com ela casar
Tem uma vila ganhada;
O que lhe disser que não
Tenha a cabeça cortada.”
– “A honra não se paga, filho;
Nem com terras é comprada:
Se a essa dama lhe queres,
Não a deixes desonrada.”
– “Pois fique esta mão já fria
Na sua mão adorada:
De Dom João é viúva
Condessa será chamada.”

XXII

HELENA

Se a Dona Isabel da xácara antecedente achou na mãe do seu amante todas as divinas compaixões de um coração feminino, Helena, a boa Helena deste romance, não encontrou na mãe do seu marido senão a proverbial sogra de todos os rifões e ditados de todos os povos. Enredadora, invejosa, má-língua, sogra enfim, sogra estreme, e puro sangue – como em estilo cigano do Jockey-club, manda a moda anglo-gala que hoje se diga – a sogra excita com ditérios e mentiras a bruteza estúpida de seu filho: faz com que ele vá arrancar da cama, e trazer de noite para sua detestável casa, a infeliz mulher que, sentindo-se com dores de parto, tinha ido para a de sua mãe buscar o aninho e conforto que junto da odiosa sogra não podia achar. Cego de cólera e respeito, o bruto a nada atende. É a morte que lhe dá, bem o sabe, mas pouco lhe importa. A resignação angélica da vítima, as suas despedidas ao filhinho recém-nascido, as deixas de seu testamento quando se sente finar nas desabrigadas alturas “daquela serra”

por onde a levam naquele cavalo andaluz que “anda mais que o luar” – tudo são belezas de primeira ordem, poesia de coração e verdade.

Obtive este romance em maio de 1843 de uma saloia velha das vizinhanças de Lisboa. Outra lição veio depois, da Beira Alta, que não difere muito. Sempre noto porém alguma variante, posto que elas valham pouco. Parece-me português de nascença; não há dele vestígio em coleção castelhana de que eu saiba.

HELENA

– “Ai! Que saudades me apertam

Pela casa de meu pai!

Também me apertam as dores,

E minha mãe sem chegar!”

- “Se as saudades te apertam,

Bem nas podes matar ir matar;

Toma o caminho – e andar!”

– “E à noite meu marido,

quem lhe dará de cear?”

– “Da caça que ele trouver,

Eu lha farei amanhar.

Do meu pão e do meu vinho

O que ele quiser tomar.”

– “Onde está mi' esposa Helena

Que me não dá de cear?”

– “Tua esposa Helena, filho

Foi-se para não tornar,

Que ia para sua casa,

Que nos não pode aturar.

Chamou-me a minha perra velha,

A ti filho de mãe tal.”

– “O meu cavalo andaluz

Já e já mo vão selar

Essa mulher por Deus juro

Que ela mas tem de pagar.”

– “As boas novas, meu genro,
Que tenho para vos dar!
Filho barão, e tão lindo,
Um anjo de pôr no altar!”

– “Novas me dão, boas novas;
Más as trago eu para dar:
Que a mãe que o pariu
Não é que o há de criar.
Ergue-te daí, Helena,
Que me tens de acompanhar.”

– “Paridinha de uma hora,
Onde a quereis levar?”

– “Para perto, e bom caminho;
Não tem muito que penar,
Que o meu cavalo andaluz
Anda mais do que o luar.”

– “Ande ele, que não ande,
Onde a quereis levar?”

– “Cal'-se daí, minha mãe,
Já se havia de calar;
Que a mulher que é bem casada,
O marido a há de mandar.
Que me dêem a minha cinta,
Para eu me conchegar,
E esse meu gibão forrado
Para melhor me abafar.
E agora dêem-me o meu filho,
Que o quero abraçar.
Ai! Destes beijos, meu filho,
Se te saberás lembrar?
Lembraí-vos vós, minha mãe,
Quando ele souber falar.”

– “Que dizes, filha, que dizes?”

– “Minha mãe, isto é folgar;
Que é tão perto e bom caminho
Para onde temos de andar;

Que o meu cavalo andaluz
Anda mais do que o luar.”
O cavalo era andaluz
Andava mais que o luar;
O caminho era de pedras,
Ele ia a tropeçar.
Vão andando, vão andando
Sem um nem outro falar,
Ela já tem as mãos frias,
O corpo está-lhe a inchar;
Chegando ao alto da serra
Deu um ai, quis desmaiar.
– “Que ais são esses, Helena?
Porque estás a suspirar?”
– “É que se me acaba a vida,
É que me estou a finir:
Paridinha de uma hora,
Sinto-me em sangue alagar.”
Já se não tem a cavalo,
Ali a foi apear.
Era a agonia da morte
Que lhe estava a apertar.
– “A quem deixas o teu oiro,
Que to hajam de estimar?”
– “Deixo-o a minhas irmãs,
Se tu lho quiseres dar.”
– “A quem deixas essa cruz
E as pedras do teu colar?”
– “A cruz, deixo-a a minha mãe
Que por mim lhe há de rezar.
As pedras não as quer ela,
E bem nas pode guardar:
Se a outra as deres, marido,
Melhor lhas deixes lograr.”
– “Tua fazenda a quem deixas,
Que te saibam granjear?”

– “Deixo-ta a ti, marido;
que to hajam de criar?”
– “A tua mãe – que Deus queira
Amor lhe venha a ganhar!”
– “Não o deixes a essa perra,
Que é capaz de to matar.
Ai! Deixa-o antes á tua,
Que bem no há de criar.
Com lágrimas de seus olhos
Bem no ela há de lavar;
Toucas de sua cabeça
Tirá para o pensar.”
De ouvir aquelas palavras
A pobre quis-se animar,
Ma a voz que vem do peito
A boca não pode achar.
Inda lhe disse cos olhos
Que lhe estava a perdoar.
– “Não me perdoes, Helena,
Que Deus te há de escutar.
Ai! As penas do inferno,
Já as eu começo a penar,
Que vejo subir ao céu.
O meu anjo tutelar.”
Mal hajam línguas traidoras
E ouvidos que lhe eu fui dar!
Que por amor das más línguas
Meu anjo vim a matar!
Sete anos e mais um dia
Me irei a peregrinar,
À porta santa de Roma
Me quero ir ajoelhar.
E aqui um santo convento
Fundarei neste lugar,
Com sete missas por dia
Cada uma em seu altar;

Que digam todos que o virem:
Aqui foi seu mal-pecar,
E aqui fez penitência
Para Deus lhe perdoar.”.

XXIII

A MORENA

Este romance é vulgar na Estremadura e Beira e nas duas províncias d'além do Tejo. Seguiu-se principalmente o exemplar vindo de Castelo Branco, que era o mais amplo; mas aproveitou-se de outras lições provinciais o que foi necessário para lhe dar complemento. Transmitidas de boca em boca – não me canso de o repisar –, por tantas gerações, estas coplas foram-se alterando com mutilações e interpolações graduais, mas não constantes nem uniformes. O rústico menestrel de uma ladeia tinha às vezes pretensão de corrigir e enfeitar a singeleza dos primitivos cantares; outras, a avó velha que os recitava à lareira aos pasmados netinhos, cortava o que lhe parecia demais ou o que lhe esquecia; não poucas vezes, algum Macias namorado recorreu, na esterilidade de sua musa, ao bem parado deste depósito comum, e, com mudanças de nomes e sítios, transformou a história de uma antiga aventura em monumento moderno de suas glórias ou desgraças – como das mutiladas relíquias de um templo de Ísis se fazia nas eras bizantinas uma basílica de cristãos; como de versos de Virgílio se compunham os celebrados centões: de pensamentos de Homero, de frases de todos os poetas antigos, cosidos uns nos outros, se urdiam os poemas latinos de há dois e três séculos; como ainda até há bem pouco tempo se escreviam também quase todos os mesmos poemas vulgares. Dêem desconto à simplicidade da obra e à inexperiência do artista, e não de achar a comparação exata.

Fazia-se isto porém desvairadamente em épocas e lugares diferentes; e daqui a necessidade de colacionar as tradições de uma província, de um distrito, de uma aldeia às vezes, com as de outra.

No romance da Morena não parecem descobrir-se vestígios de mui remota antiguidade. Assim a adivinhar, deitá-lo-ia pelo século dezesseis. A ele sabe o

mandar os escravos á fonte buscar água, o mantéu de cochonilha, e outras expressões que tais.

Tem contudo um certo sabor de originalidade no estilo, um tom familiar sem baixeza, um natural tão despido de todo ornato, que lhe imprimem o cunho verdadeiro e inquestionável da poesia primitiva de um povo. Quando quer que nascesse esta flor singela, foi na serra inculta, foi entre o mato virgem das florestas, longe das formalidades da arte, das fatais tesoiras e indigestos adubos do jardineiro.

O assunto é uma vulgar aventura de aldeia – dessas que fez tão comuns a devassidão dos mosteiros rurais: isso mesmo a deixou porventura conservar na memória dos homens como história do que tinha sido, do que era e seria. Na última copla há uma pincelada de mestre, dos mestres que faz a natureza, sublime de verdade e profunda de moral: ao encarar com a vítima de sua profana leviandade, estendida numa tumba, o sedutor riu-se, e o marido – diz o sincero trovador – o marido é que chorava!

Não se tomaram aqui liberdades de editor que restaura: é o quadro velho limpo, mas não repintado. Algumas camadas de cor postiça, que tinha por cima, caíram ao lavar, e ficou mais claro o desenho original. Não foi preciso, como noutros casos muitas vezes é. Coser a tela rasgada ou avivar o desenho sumido: o fundo estava são e inteiro.

Nas coleções castelhanas não há vestígio deste romance; tendo-o por inteiramente português e absolutamente popular.

A MORENA

Fui-me à porta da Morena,
Da Morena mal casada:
– “Abre-me a porta, Morena
Abre ma por tua alma!”
– “Como te hei de abrir a porta,
Meu frei João da minha alma,
Se tenho a menina ao peito

E meu marido à ilharga?”
Estando nestas razões,
O marido que acordava:
– “Que é isso, mulher minha,
A quem dás tuas falas?”
– “Digo à moça do forno,
Que veio ver se amassava,
Se amassasse pão de leite,
Que lhe deitasse pouca água.”
– “Ergue-te, ó mulher minha,
Vai cuidar de tua casa;
Manda teus moços à lenha
Teus escravos buscar água.”
– “Ergue-te daí, marido,
Vai ao monte pela caça;
Não há coelho mais certo
Do que é o da madrugada.”
O Marido que saía,
Morena que se enfeitava;
Sem mantéu de cochonilha
De doze tostões a vara,
Meia de seda encarnada
Que na perna lhe estalava,
Sua bengala na mão
Que mal no chão lhe tocava.
Foi-se direita ao convento,
À portaria chegava
O porteiro é frei João
Que pela mão a tomava;
Levou-a à sua cela,
Muito bem a confessava...
Penitência que lhe deu
Logo ali mesmo a rezava.
À saída do convento
O marido que a encontrava:
– “Donde vens, ó mulher minha,

Donde vens tão arraiada?”
– “Venho de ouvir missa nova,
Missa nova bem cantada:
Disse-a o padre João,
Que assim venho consolada.”
– “Consolar-te hei de eu agora
Com a ponta desta espada...”
Deu-lhe um golpe pelos peitos,
Deixou-a morta deitada.
– “Não se me dá de morrer,
Que o morrer não custa nada
Dá-se-me da minha filha,
Que a não deixo desmamada!”
– “Foras tu melhor mãe que és,
Não foras tão mal casada,
Não havias de morrer
Desta morte desastrada.”
Levaram-na ao convento,
Numa tumba amortalhada:
Sorria-se o frei João,
E o marido... é quem chorava.

XXIV

DONZELA QUE VAI À GUERRA

Apesar de que se não encontra nas coleções impressas, sabemos, pelos nossos escritores portugueses, que este romance é de inquestionável origem castelhana. Por fins do século XVI ainda se cantava na sociedade, por gentis damas e galantes cavalheiros; e, já se vê, em castelhano de cantava. Desse tempo escrevia Jorge Ferreira na *Aulegrafia* (249): “Não há entre nós quem perdoe a hũa troua portuguesa, que muitas vezes he de vantagem das castelhanas que se tem aforado comnosco e tomado posse do nosso ouvido.” Bem às avessas do que sucedia dois século antes, em tempos do marquês de Santillana, que os castelhanos trocavam em português para serem aceitos seus dizeres e cantares na própria corte dos reis de Castela.

Devia dar-se, ao menos entre nós, a este romance o seu título primitivo O Rapaz do Conde Daros, porque assim lhe chama Jorge Ferreira em outra das muito curiosas cenas da já citada Aulegrafia, tão ricas todas de preciosa e rara informação para o estudo dos costumes e ursos daquele tempo. É na primeira do ato III, chistosa e desenfadada conversação entre dois galantes do paço, Dinardo Pereira e Grásidel de Abreu, que se divertem fazendo de *l'espirit* à moda do tempo com aguadezas e requintes, enquanto não vem ao jantar “que está para dois toques”. Trata-se entre aqueles fashionáveis da era de quinhentos, de fazer alguma coisa elegante; sonetos, por exemplo, trovas, ou quejandas galanices de então – como hoje seria jogar um rubet (róber?), experimentar uma valsa nova no piano, etc. Não é o menos gracioso deste quadro, o aparte dos dois criados Rocha e Cardoso, que à socapa estão glosando e metendo a ridículo os alambicados conceitos dos amos. Dinardo, que é o mais prendado, resolve-se enfim pelo romance e a guitarra.

DINARDO

Ora poys que assi te tocarey: O rapaz do Conde Daros.

ROCHA

De prazer vem vosso amo, algum passarinho novo viu lá.

CARDOSO

Veria muyto má ventura, que sempre anda após estes...

DINARDO, *canta*

Pregonadas son las guerras

De Francia contra Aragone...

ROCHA

O que ele tem para seu remédio he gentil voz!...

DINARDO, *continuando a cantar*

Como las haria triste

Viejo cano y pecador?...

(Quebra-se-lhe uma corda), Ah pesar de Mafoma!

CARDOSO

Quebrou-lhe a prima, inda bem!

DINARDO

Vedes este desar tem música, quando estais no melhor, deixa-vos em branco uma prima falsa...

Dei mais largas à curiosa citação por ser, como é, tão indubitável e interessante documento para a história do romance em Portugal, e porque também são já raríssimos os exemplares dessa obra de Jorge Ferreira.

Assim andava pois este romance, estrangeiro, e por tal prezado na alta sociedade portuguesa; até que, descendo dos salões para o terreiro, a popularidade o naturalizou.

Era castelhano no paço, foi-se fazer português na aldeia.

Vai em três séculos que Jorge Ferreira nos deu as últimas novas dele quando andava por casas de senhores; achamo-lo hoje a lareira de algum pobre abegão do Alentejo, – que para ricos lavradores, com filhas que já contradançam talvez, senão é que valsam e polcam também – é o triste de muito má companhia já. Também das províncias do Norte vieram notícias e cópias dele; dos Açores é a mais completa ou a mais extensa que me chegou. Desvairados nomes trás das diversas províncias: aqui é Dona Leonor, além Dom João, noutra parte Dom Carlos, etc.

Quando há dez anos o erudito autor de Isabel ou a heroína de Aragão, o publicou sobre o mesmo título e com ilustração e fundamento do seu poema, era este o quarto romance tradicional que aparecia impresso português: contando o primeiro no suspeito “Figueiredo” de Fr. Bernardo de Brito, o segundo e terceiro na Silvana e no Bernal-Francês que eu publiquei em 1828 em Londres.

Deixo-lhe por título, o que trouxe da ilhas, da Donzela que vai à guerra, porque lhe acho certa graça e simplicidade toda popular, bem própria sempre de tais rapsódias.

São muitas as variantes por este romance dos mais espalhados pelo reino, e mais favoritos do povo.

DONZELA QUE VAI À GUERRA

Já se apregoam as guerras

Entre a França e Aragão:
Ai de mim que já sou velho,
Não nas posso brigar, não!
De sete filhas que tenho
Sem nenhuma ser varão!...”
Responde a filha mais velha
Com toda a resolução:
– “Venham armas e cavalo
Que eu serei filho varão.”
– “Tendes los olhos mui vivos.
Filha, conhecer-vos-ão.”
– “Quando passar pela armada
Porei os olhos no chão.”
– “Tendes los hombros mui altos
Filha, conhecer-vos-ão.”
– “Venham armas bem pesadas,
Os ombros abaterão.”
– “Tendes los peitos mui altos
Filha, conhecer-vos-ão.”
– “Venha gibão apertado,
Os peitos encolherão.”
– “Tendes las mãos pequeninas
Filha, conhecer-vos-ão.”
– “Venham já guantes de ferro,
E compridas ficarão.”
“Tendes los pés delicados,
Filha, conhecer-vos-ão.”
– “Calçarei botas e esporas,
Nunca delas sairão.”
– “Senhor pai, senhora mãe,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Daros
São de mulher, de homem não.”
– “Convidai-o vós meu filho,
Para ir convosco ao pomar.
Que se ele mulher for,

À maçã se há de pegar.”
A donzela por discreta,
O camoez foi apanhar.
– “Oh que belos camoezes
Para um homem cheirar!
Lindas maçãs para damas
Quem lhas pudera levar.”
– “Senhor pai, senhora mãe,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Daros
São de mulher de homem não.”
– “Convidai-o vós, meu filho,
Para convosco jantar;
Que, se ele mulher for
No estrado se há de encruzar.”
A donzela por discreta,
Nos altos se foi sentar.
– “Senhor pai, senhora mãe,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Daros
São de mulher de homem não.”
– “Convidai-o vós, meu filho,
para convosco feirar,
Que, se ele mulher for,
Às fitas se há de pegar.”
A donzela por discreta,
Uma adaga foi comprar.
– “Oh que bela adaga esta
Para com homens brigar!
Lindas fitas para damas:
Quem lhas pudera levar!”
– “Senhor pai, senhora mãe,
Grande dor de coração;
Que os olhos do conde Daros
São de mulher de homem não.”
– “Convidai-o vós, meu filho,

Para convosco nadar;
Que se ele mulher for,
O convite há de escusar.”
A donzela, por discreta,
Começou a desnudar...
Traz-lhe o seu paje uma carta,
Pôs-se a ler, e pôs-se a chorar:
– “Novas me chegam agora,
Novas de grande pesar:
De que minha mãe é morta,
Meu pai se está a finar.
Os sinos da minha terra
Os estou a ouvir dobrar;
E duas irmãs que eu tenho,
Daqui as oiço chorar
Monta, monta, cavaleiro!
Se me quer acompanhar.”
Chegavam a uns altos paços,
Foram-se logo apear.
– “Senhor pai, trago-lhe um genro,
Se o quiser aceitar;
Foi meu capitão na guerra,
De amores me quis contar...
Se ainda me quer agora
Com meu pai há de falar.”
Sete anos andei na guerra
E fiz de filho varão.
Ninguém me conheceu nunca
Senão o meu capitão;
Conheceu-me pelos olhos,
Que por outra coisa não.

XXV

O CATIVO

Vendido no mercado de Salé pelos corsários que o tomaram, um pobre cativo cristão vai ser escravo de avaro e rico judeu, que lhe dá negra vida. É o primeiro capítulo de uma história sabida e comum: e naturalmente se espera já o segundo, que é namorar-se do interessante cativo a bela filha do mau perro judio, animá-lo, querer fugir com ele de moirama. Até aqui vamos pela estrada coimbrã destas aventuras, que por séculos foram quase quotidianas entre nós. Mas daí por diante o caso sai um tanto da marcha ordinária. O cativo não renega nem foge com a bela judia; e ela apaixonada, rendida, perdida... conhece por fim que não é amada: nos moles braços da amante, o ingrato cristão suspirava, chorava por sua terra talvez, por outros amores, quem sabe?

Mas

“Chorava – que não por ela!”

não se espera a vingança da bela judia: dá-lhe dinheiro para ser resgatar, dinheiro do seu dela que sua mãe lhe deixara. Apertada pelo pai que suspeita a verdade, ela confessa tudo, mas defende o cristão por inocente; e só de uma alta torre, contempla a última vela que lhe foge no horizonte com o ingrato amante.

O romance anda por Lisboa, Ribatejo e Estremadura fora; não me chegou informação de que se internasse mais pelas províncias; não deve de ser mais antigo que um meado do século XVII se a copla em que se alude a Ceuta e a Mazagão não é rifacimento moderno, como também pode ser, e me inclino a querer que é, porque no resto, o sabor e o estilo é mais velho.

Não aparece nas coleções castelhanas; e se não for originalmente escrito em português, nacionalizou-se por tal modo, que se lhe não descobre vestígio bem autorizado e certo de outra origem. Nem façam dúvida os artigos lo, la em vez de o, a; porque não só os escritores antigos, mas o povo de hoje os substitui assim a miúdo quando lhe pede o mal suante do hiato. Também dizem mi' por minha, padre e madre por pai e mãe; e outros que parecem castelhanismos sem o serem. Me' pai diz ainda hoje, por eufonia, o alentejano, como em tempos de Gil Vicente, se dizia e cantava m'amor por meu amor.

O CATIVO

Eu vinha do mar de Hamburgo
Numa linda caravela;
Cativaram-nos os moiros
Entre la paz e la guerra.
Para vender-me levaram
A Salé, que é sua terra.
Não houve moiro nem moira
Que por mim nem branca dera;
Só houve um perro judio
Que a li comprar-me quisera;
Dava-me uma negra vida,
Dava-me uma vida perra;
De dia pisar esparto,
De noite moer canela,
E uma mordança na boca
Para lhe eu não comer dela.
Mas foi a minha fortuna,
Dar c'uma patroa bela,
Que dava do pão alvo,
Do pão que comia ela.
Dava-me do que queria,
E mais do que não quisera;
Que nos braços da judia
Chorava – que não por ela.
Dizia-me então: – “Não chores,
Cristão, vai-te à tua terra.”
– “Como me hei de eu ir, senhora,
Se me falta la moeda?”
– “Se fora por um cavalo,
Eu uma égua te dera;
Se fosse por um navio,
Dera-te uma caravela”
– “Não fora por um cavalo,
Não fora, senhora bela,

Que está longe Mazagão,
Ceuta tem voz de Castela.
Nem por navio não fora,
Que eu fugir não quisera,
Que era roubar a teu pai
Dinheiro que por mim dera.”
– “Toma esta bolsa, cristão
Feita de seda amarela;
Minha mãe quando morreu
Me deixou senhora dela.
Vai-te, paga o teu resgate;
E às damas de tua terra
Dirás o amor da judia
Quanto mais vale que o delas.”
Palavras não eram ditas,
O patrão que era chegado.
– “Venhais embora, patrão,
E vinde com Deus louvado,
Que agora tenha recado
Que o meu resgate é chegado.”
– “Cristão, Cristão, que disseste!
Olha que é muito cruzado
Quem te deu tanto dinheiro
Para seres resgatado?”
– “Duas irmãs mo ganharam,
Outra mo tinha guardado;
E um anjo do céu mo trouxe,
Um anjo por Deus mandado.”
– “Dize-me, ó cristão, dize
Se queres ser renegado,
Que te hei de fazer meu genro,
Senhor de todo o meu estado.”
– “Eu não quero ser judio
E nem turco arrenegado,
E não quero ser senhor,
De todo esse teu estado,

Porque trago no meu peito
A Jesus crucificado”
– “Que tens tu, filha Raquel?
Dize-me cá, filha amada,
Se é pelo cristão maldito
Que ficaste desgraçada.”
– “Meu pai deixe o cristão, deixe
Que ela não me deve nada;
Deve-me a flor do meu corpo,
Mas de vontade foi dada.”
Mandou fazer-lhe uma torre
De pedraria lavrada;
Que não dissessem os moiros:
– “A judia é desonrada.”
Viola, minha viola,
Fica-te aqui pendurada
Que lá vão os meus amores
Por essa água salgada.

XXVI

A NAU CATRINETA

Não é para admirar que seja tão geralmente sabida e querida esta xácara. O que admira é não seja mais comum entre nós o romance marítimo. Um país de navegantes, um povo que viveu mais do mar que da terra; que as suas grandes glórias as foi buscar ao largo oceano; que por não caber em seus estreitos limites da Europa, devassou todo o império das águas para se estender pelo universo, – não pode deixar de Ter produzido muito Cooper popular e muito Camões de rua e de aldeia que, em seus pequenos Lusíadas cantasse as mil aventuras de tanto galeão e caravela que se lançavam destemidos

Por mares nunca dantes navegados

Temos em prosa muita relação popular de naufrágios que rivaliza em simplicidade antiga com os Cronicões da meia-idade, e cujos escritores parecem

discípulos do arcebispo Turpin, do autor da Formosa Magalona ou da Donzela Teodora. Como cego estacionário, ou o bernal do cego ambulante; e só em meios do século passado começaram a juntar-se em volumes na bem conhecida coleção intitulada História Trágico-Marítima.

Algumas destas narrativas feitas por pessoas que tiveram parte na aventura, são palpitanes de interesse e de verdade, contêm descrições inimitáveis, desenhados do vivo, e tais que fazem empalidecer, as mais animadas páginas do Reddrover e do Pirata.

Algumas destas narrativas feitas por pessoas que tiveram parte na aventura, são palpitanes de interesse e de verdade, contêm descrições inimitáveis, desenhados do vivo, e tais que fazem empalidecer, as mais animadas páginas do Reddrover e do Pirata.

Não singrariam jamais com os nossos argonautas senão os Homeros das grandes Odisseias? Nunca um pobre menestrel do povo que dissesse na harpa ou na viola esses humildes cantares que não cabem na tuba épica, mas também não precisam dos caracteres de Gerardo da Vinha ou de Craesbeck, porque se gravam na memória do povo e se perpetuam no livro vivaz das gerações?

É impossível: seus poetas tem, seus cronistas, seus historiadores; havia de Ter seus menestréis e seus trovadores, a aventureosa vida de nossos mareantes.

Mas essas ingênuas rapsódias, quem as apagou assim do livro popular? Que estúpidos monges fizeram palimpsestos de suas páginas belas? – que apenas hoje podemos decifrar a custo algum fragmento obliterado como este!

Não é fácil responder com precisão. Mas são certas as razões inseridas do orgulho monacal, e falso gosto de nossos literatos de universidade e de corte. Se tirarmos Gil Vicente e Bernardim Ribeiro, o mesmo ou pior diremos dos poetas, que todos ou quase todos venderam sua alma aos clássicos latinos, aos italianos da renascença, e desprezaram, por vulgares as primitivas formas de seus cantores naturais.

A Nau Catrineta foi provavelmente o nome popular de algum navio favorito; diminutivo de afeição posto na Ribeira – das – naus algum galeão Santa Catarina, ou coisa que o valha. Dar-lhe-iam esse apelido coquete por sua airosa mastreação; pelo talhe elegante de seu casco, por algumas dessas qualidades graciosas que tanto aprecia o olho exercitado e fino da gente do mar. Ou talvez é o nome suposto de um navio bem conhecido por outro, que o discreto menestrel quis ocultar por considerações pessoais e respeitos humanos. Entre a narrativa em prosa que já citei, há uma, por título – Naufrágio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brasil no ano 1565 – que não está muito longe de se parecer com a do romance presente. Larga e difícil viagem, temporais assombrosos, fome extrema, tentativas de devorarem os mortos, resistência do comandante a esta bruteza, milagroso surgir à barra de Lisboa quando menos o esperavam, e quando menos sabiam em que paragens se achassem – tudo isto há na prosa da narração: e até o poético episódio de estarem a ver os monumentos e bosques de Cintra sem os reconhecer – como na xácara se viam, pela falsa miragem do demônio, as três meninas debaixo do laranjal.

Fosse porém este, ou fosse outro caso que celebra o romance, houve tantos semelhantes naqueles tempos, que de alguns deles, e no fim do século XV ou no XVI, se havia de compor. Mais antigo não é. Além de outras razões, é hoje averiguado que a poesia primitiva da nossa península raríssima vez admite o maravilhoso, o *Deus ex machina* para solução de suas ingênuas peripécias. Composição em que ele apareça, quase sem hesitar, se deve atribuir a ordem Francesa, franco-normanda, ou mais seguramente ainda à dos barbos e escaldos que por essas vias se derivasse até nós.

Depois é que a mitologia de todas as crianças se confundiu, e ainda a mais estranha é a que mais figurava entre nós.

Tem muitas variantes a Nau Catrineta; as mais notáveis vão apontadas.

A NAU CATRINETA

Lá vem a nau Catrineta
Que tem muito que contar!
Ouvide, agora, senhores,

Uma história de pasmar.
Passava mais de ano e dia
Que iam na volta do mar,
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar.
Deitaram sola de molho
Para o outro dia jantar;
Mas a sola era tão rija,
Que a não puderam tragar.
Deitaram sortes ã ventura
Qual se havia de matar;
Logo foi cair a sorte
No capitão general.
– “Sobe, sobe, marujinho,
Aquele mastro real,
Vê se vês terras de Espanha,
As praias de Portugal.”
– “Não vejo terras de Espanha,
Nem praias de Portugal.
Vejo sete espadas nuas
Que estão para te matar.”
– “Acima, acima, gajeiro,
Acima ao tope real!
Olha se enxergas Espanha,
Areias de Portugal.”
– “Alvíssaras, capitão.
Meu capitão general!
Já vejo terras de Espanha,
Areias de Portugal.
Mais enxergo três meninas
Debaixo dum laranjal:
Uma sentada a coser,
Outra na roca a fiar,
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar.”
– “Todas três são minhas filhas,

Oh! quem mas dera abraçar!
A mais formosa de todas
Contigo a hei de casar.”
– “A vossa filha não quero,
Que vos custou a criar.”
– “Dar-te-ei tanto dinheiro
Que o não possas contar.”
– “Não quero o vosso dinheiro,
Pois vos custou a ganhar.”
– “Dou-te o meu cavalo branco,
Que nunca houve outro igual.”
– “Guardai o vosso cavalo,
Que vos custou a ensinar.”
– “Dar-te-ei a nau Catrineta,
Para nela navegar. “
– “Não quero a nau Catrineta,
Que a não sei governar.”
– “Que queres tu meu gajeiro,
Que alvíssaras te hei de dar?”
– “Capitão, quero a tua alma
Para comigo a levar.”
– “Renego de ti, demônio,
Que me estavas a atentar!
A minha alma é só de Deus;
O corpo dou eu ao mar.”
Tomou-o um anjo nos braços,
Não no deixou afogar.
Deu um estouro o demônio,
Acalmaram vento e mar;
E à noite a nau Catrineta
Estava em terra a varar.

XXVII

O SEGADOR

A edição arraiana deste romance que me veio de Trás-os-Montes chama-lhe A filha do Imperador de Roma. Não a segui no título nem em muitas partes do texto, encostei-me antes à lição da Beira Alta. E só estas duas me chegaram; não me consta que noutras províncias do reino seja conhecido.

Que imperador será este? Teremos aqui algum episódio da crapulosa história bizantina, ou é outro capítulo licencioso da crônica secreta de Carlos Magno? O trovador, que a encontrou nessa meia-idade, cujo selo visivelmente lhe pende de todas as coplas, não pôs nomes nem datas, segundo o geral costume: e adivinhem quem quiser se este imperador de Roma era do ocidente ou do oriente, do alto ou do baixo império, César verdadeiro ou Kaiser de imitação germânica? Deve ser destes últimos pela menção do duque de Lombardia que no fim aparece.

A lição da Beira, que segui mais que a transmontana, tem muitas variantes obscenas que forçosamente deviam ser desprezadas. Nem as creio originais, senão introduzidas pelo depravado gosto de algum roué de aldeia.

Nos romanceiros castelhanos não se encontra, e par o sul de Portugal é inteiramente desconhecido. Todavia, assim restituída pela colação dos dois textos que obtive, esta ficou uma das mais completas relíquias da nossa poesia popular que possam encontrar-se.

O SEGADOR

O imperador de Roma
Tem uma filha bastarda
A quem tanto quer e tanto
Que a traz mui mal criada
Pedem-lha condes, senhores,
Homens de capa e de espada;
Ela isenta e desdenhosa
A todos lhes punha tacha:
Um é criança, outro é velho,
Este que não tinha barba,
Aquele que não tem pulso

Para puxar pela espada.
Dizia-lhe o pai sorrindo:
– “Inda hás de ser castigada!
De algum vilão de porqueiro
Te espero ver namorada.”
Por manhã de San’ João
Manhã de doce alvorada,
Ao seu balcão muito cedo
A infanta se assomava,
Viu andar três segadores
Fazendo sua segada;
O mais pequeno dos três
Era o que mais trabalhava.
Fita que traz no chapéu
De oiro e seda era bordada;
Fina prata que luzia
A foice com que ceifava.
De seu garbo e gentileza
A infanta se namorava.
O ceifeiro vai ceifando...
Bem sabe ele o que ceifava!
Ali estava a aia discreta
Em quem toda se fiava:
– “Vês, aia, aquele ceifeiro
Que anda naquela segada?
Condes, duques, cavaleiros,
Nenhum que o ceifeiro valha.
Vai-mo chamar em segredo,
Que ninguém não saiba nada.”
– “Bom segador, vem comigo,
Que te quer falar minha ama.”
– “Tua ama, não na conheço
Nem tão pouco a quem me chama.”
– “Segador de boa estrela,
Traze-la vista mui baixa:
Alça os olhos e verás

A estrela da madrugada.”
– “Vejo o sol que vem nascendo,
Não vejo a estrela d’Alva.”
– “Estrela ou sol, vens comigo?”
– “Irei, pois quem pode, manda.”
Entraram por um postigo,
Que a porta inda era cerrada;
No camarim da princesa
O bom do ceifeiro estava.
– “Senhora que me quereis?
Pois venho à vossa chamada.”
– “Quero saber se te atreves
A fazer minha segada?”
– “Atrever, me atrevo a tudo;
Trabalho não me acovarda.
Dizei vós senhora minha,
Onde é a vossa segada.”
– “Não é no monte ou no vale,
No baldio ou na coitada;
Segador é nos meus braços,
Que de ti estou namorada.”
Passou todo aquele dia,
O mais da noite passava,
Ceifando vai o ceifeiro...
Bem sabe ele o que ceifava!
– “Basta, basta, segador,
Feita está tua segada:
Vai-te, que meu pai não venha,
Antes de ser madrugada.”
Palavras não eram ditas,
O pai à cama chegava:
– “Com quem falas, minha filha,
Tão cedo de madrugada?”
– “Falo com esta minha aia
Que me tem desesperada:
Uma cama tão mal feita

Que dormir me não deixava.”
– “É forte aia essa tua
Que a barba tem tão cerrada!
Vista-se já a donzela,
Que, antes de ser madrugada,
Pelo barbeiro do algoz
A quero ver barbeada.”
O segador muito enxuto
Sua sentença escutava,
Com uma mão se vestia,
Com a outra se calçava.
Saltou no meio da casa
Como se não fora nada:
– “Venha já esse barbeiro
Com a navalha afiada:
Ao duque de Lombardia
Veremos quem faz a barba.”
O imperador mui contente
Depressa ali os casava.
Não quis senhores, nem condes
Homens de capa ou de espada,
Senão só o segador
Que andava em sua segada.
Podia ser um porqueiro
Que a deixasse desonrada...
Saiu-lhe um Duque reinante,
Senhor de alta nomeada.
Pois tudo é sorte no mundo,
A sorte foi bem deitada.

XXVIII

A NOIVA ARRAIANA

Veio de Almeida esta xácará; e de nenhuma outra parte do reino me chegou outra lição dela, nem vestígio. Bem antiga me parece. O fronteiro que mandou

ao mar a armada do cavaleiro ausente faz pensar que isto seja coisa do tempo das nossas empresas de África. O lugar da cena é inquestionavelmente na raia – e bem posto está ao romance o título de Noiva arraiana. Mas aqui há mar, e armadas que vão ao mar: não pode pois ser outra a raia senão a do Algarve. O estilo da cantiga é ingênuo e puríssimo; os costumes que descreve primitivos e patriarcais; há um sabor homérico neste narrar e neste falar, que ninguém pode confundir com o dizer estudado de trovadores mais modernos. Poetas de civilização mais adiantada não sabem ou não podem chegar tanto a rés da natureza.

O fato é simples e mil vezes visto. Outra edição da Lúcia de Lamermoor, outro cavaleiro de Ravenswood que aparece de repente no meio da boda da sua débil e mal constante namorada, quando ela, já desposada com outro, menos esperava tornar a ver o primeiro amante – o seu, o que ela unicamente quer. Quem se não lembra de Walter Scott, e de Donizetti também, e do que vibram na alma as palavras de um, as notas do outro, inspiradas por esta situação altamente dramática, sublime de angústia e desesperação?

O nosso trovador arraiano tomou as coisas com mais tento e sossego, não endoideceu nem matou a sua Lúcia; e nem dela nem do seu Ravenswood nos diz que matassem a mais ninguém. O cavaleiro português faz justiça por outro modo nos que o tinham atraído. Levou-lhes a noiva, e deixou-lhes ficar a boda e o jantar.

A NOIVA ARRAIANA

– “Deus vos salve, minha tia,
Na vossa roca a fiar!”
– “Venha embora o cavaleiro
Tão cortês no seu falar!”
– “Má hora se ele foi, tia,
Má hora torna a voltar!
Que já ninguém o conhece
De mudado que há de estar.
Por lá o matassem moiros,
Se assim tinha de tornar!”

– “Ai sobrinho de minha alma,
Que és tu pelo teu falar!
Não vês estes olhos, filho,
Que cegaram de chorar?”

– “E meu pai e minha mãe,
Tia, que os quero abraçar?”

– “Teu pai é morto, sobrinho,
Tua mãe foi a enterrar.”

– “Que é da minha armada, tia,
Que eu aqui mandei estar?”

– “A tua armada, sobrinho,
Mandou-a o fronteiro ao mar.”

– “Que é do meu cavalo, tia,
Que eu aqui deixei ficar?”

– “O teu cavalo, sobrinho,
El-rei o mandou tomar.”

– “Que é da minha dama, tia,
Que aqui ficou a chorar?”

– “Tua dama faz hoje a voda,
Amanhã se vai casar.”

– “Dizei-me onde é, minha tia,
Que me quero lá chegar.”

– “Sobrinho, não digo, não,
Que te podem lá matar.”

– “Não me matam, minha tia;
Cortesia eu sei usar:
E onde faltar cortesia,
Esta espada há de chegar.”

– “Salve Deus, ó lá da voda,
Em bem seja o seu folgar!”

– “Venha embora o cavaleiro,
E que se chegue ao jantar!”

– “Eu não pretendo da voda
Nem tão-pouco do jantar;
Pretendo falar à noiva,
Que é minha prima carnal.”

Vindo ela lá de dentro
Toda lavada em chorar,
Mal que viu o cavaleiro,
Quis morrer, quis desmaiar.
– “Se tu choras por me veres,
Já me quero retirar;
Se é os teus gastos que choras,
Aqui estou para os pagar.”
– “Pagar devia coa vida
Quem me queria enganar,
Quando te deram por morto
Nessas terras de além-mar.
Mas que fiquem com a voda
E bem lhes preste o jantar,
Que os meus primeiros amores
Ninguém mos há de quitar.”
– “Venha juiz de Castela,
Alcaide de Portugal;
Que, se aqui não há justiça,
Co esta espada a hei de tomar.”

XXIX

GUIMAR

Dona Gaimar – ou Dona Âgueda de Mexia, como lhe chama a lição do Alentejo, é um interessante romancinho que aparece na tradição daquela província e na de Estremadura. Por ambas se apurou o texto que aqui dou.

Nem por outras províncias nossas, nem pelas coleções castelhanas há outro vestígio dele, que eu saiba.

Não é muito antigo o estilo. Mas o fato celebrado é o de uma morte aparente com a qual parece se julgou dissolvido o matrimônio: e disto houve exemplos em tempos remotos em que tinham por certa a morte, e por verdadeira ressurreição o tornar a si o suposto defunto.

Seja porém qual for a data desta composição, há copias dela que vão de par com o mais belo e original da poesia mais primitiva. Notarei especialmente a volta de Dom João à sua terra naquela manhã de Maio, que os passarinhos cantavam, os sinos tangiam e o rir da natureza se misturava com o chorar dos homens. Também não creio que haja nada mais belo que estoutros versos quando a morta vai tornando a si e pondo os olhos no amante:

*Volta a vida que se fora
Com todo o amor que não se ia.*

GUIMAR

Era a menina mais linda
Que naquela terra havia;
Tão formosa e tão discreta
De outra igual se não sabia.
Muito lhe quer Dom João,
Muito de mais lhe queria:
Seus amores, seus requebros
Não cessam de noite e dia.
Por fidalgo e gentil moço
Ninguém tanto a merecia;
Senão que o pai da donzela
Outro conselho seguia:
Casá-la quer muito rica
Com um mercador que aí havia,
Sem fazer caso de amores,
Sem lhe importar fidalguia.
Dom João, quando isto soube,
Por pouco se não morria.
Foi-se dali muito longe
Sem dizer para onde ia.
Três meses por lá andou,
Três meses nessa agonia
A vida que lhe pesava

Sofrê-la já não podia.
Mandou selar seu cavalo
Sem cuidar no que fazia;
Deitou por esses caminhos
Sem saber adonde ia.
O seu cavalo é quem mandava
Cavaleiro obedecia.
Passou por terras e terras,
Nenhuma não conhecia.
À sua tinha chegado,
Onde estava não sabia.
Era por manhã de Maio,
Todo o campo florescia,
305 Era uma menina bela
Discreta e bem parecida,
Dom João a namorava,
Mil requebros lhe fazia. - Alentejo.
Os passarinhos cantavam,
O prado verde sorria;
Lá de dentro da cidade
Um triste clamor se ouvia.
Eram sinos a dobrar,
E era toda a clerezia,
Eram nobres, era povo
Que da igreja saía...
Entrou de portas adentro,
De rua em rua seguia,
Chegou à de sua dama,
Essa sim que a conhecia.
As casas onde morava,
Janelas aonde a via,
Tudo é coberto de preto,
Mais preto que ser podia.
Mandou chamar uma dona
Que ela consigo trazia:
- "Dizei-me por Deus, senhora,

Dizei-me por cortesia,
Esse luto tão pesado
Por quem trazeis, que seria?”
- “Trago por minha senhora,
Dona Guimar de Mexia,
Que é com Deus a sua alma,
Seu corpo na terra fria.
E por vós foi, Dom João,
Por vosso amor que morria.”
Dom João quando isto ouviu
Por morto em terra caía,
Mas a dor era tamanha
Que à força dela vivia.
Os seus olhos não choravam,
Sua boca não se abria.
Mirava a gente em redor
Para ver o que faria.
Vestiu-se todo de preto,
Mais preto que ser podia,
Foi-se direito à igreja
Onde sua dama jazia:
– “Eu te rogo sacristão,
por Deus e Santa Maria,
eu te rogo que me ajudes
a erguer esta campa fria.”
Aí a viu tão formosa
Tal como dantes, a via;
Aí, morta, sepultada,
Inda outra igual não havia,
Pôs os joelhos em terra,
Os braços ao céu erguia,
Jurou a Deus e à sua alma
Que mais a não deixaria.
Puxou de seu punhal de oiro,
Que na cintura trazia,
Para a acompanhar na morte

Já que em vida não podia.
Mas não quis a Virgem santa,
A Virgem Santa Maria,
Que assim se perdesse uma alma
Que só de amor se perdia.
Por juízo alto de Deus
Um milagre se fazia:
A defunta a mão direita
Ao seu amante estendia,
Seus lindos olhos se abriram,
A sua boca sorria;
Volta a vida que se fora,
Com todo o amor que não se ia.
Seu pai, o foram buscar,
Que já estava na agonia;
Vêm amigos, vêm parentes,
Todos em grande alegria.
Dão graças à Santa Virgem,
Cujo milagre seria;
E a Dom João dão a esposa,
Que tão bem a merecia.

XXX

O CORDÃO DE OIRO

Não parece esta uma daquelas verdes anedotas que a prosa de Bocácio e os versos de La Fontaine imortalizaram? O estilo é menos licencioso, porque sincera e nua às vezes, contudo é sempre mais casta a poesia primitiva. O seu pudor é o da ingenuidade que se despe porque mal não pensa, não o da hipocrisia que por maliciosa se cobre.

Contudo os dois últimos versos são um verdadeiro remate de epigrama que faria honra a um poeta da escola de Voltaire, e podia ser feixo de uma cantiga de vaudeville de Scribe. Entre portugueses, só D. Francisco Manuel de Melo ou Nicolau Tolentino os faria tão naturais e tão picantes ao mesmo tempo.

Assim a adivinhar, que é o único modo de entrar nestes pontos, orço a data desta composição pelos tempos da guerra da Aclamação, isto é, por meados do século XVII.

É omissos nos romances dos nossos vizinhos; e em Portugal não tenho notícia de que se encontre senão na tradição oral de Trás-os-Montes, onde achei três cópias dele, uma mais completa que as outras; delas se apurou o presente texto. As variantes quase todas desprezíveis.

O CORDÃO DE OIRO

Lá se vai o capitão
Cos seus soldados à guerra:
Duzentos eram quintados,
Eram duzentos de leva.
Se todos eles vão tristes,
Um mais que todos o era;
Baixa trás a sua espada,
Seus olhos postos em terra.
Lá no meio do caminho
O capitão lhe dissera:
– “Porque vais triste, soldado,
Essa paixão por quem era?”
– “Não é por pai nem por mãe,
nem por irmã que eu tivera,
É pela esposa que deixo
Lá tão só na minha terra.
Este cordão de oiro fino,
Que sete arráteis bem pesa,
Mais me pesa a mim levá-lo,
Que ao partir lho não dera!”
– “Soldado, tens sete dias
Para que voltes a vê-la.
Se a encontrares chorando,
Ficas sete anos com ela:
Senão, nem mais uma hora

Terás de aguardo ou de espera.”
Quem saltava de contente
O meu soldadito era.
Deixou estrada direita,
Por atalhos se metera;
Inda não é meia-noite,
À sua porta batera.
– “Quem bate à minha porta,
quem bate com tanta pressa?”
– “É um soldado, senhora;
que vos traz novas da guerra.”
– “ Mal haja a nova que traz,
e mais quem veio trazê-la!
Ergue-te tu, a minha vida,
Assoma-te a essa janela;
Despede-me esse soldado
Que a tão má hora aqui chega.”
– “Amigo vindes errado
Co as vossas novas da guerra:
Deixai-nos dormir em paz,
Que bem precisamos dela.”
Foi-se dali o soldado
Mais pronto do que viera:
– “Bem haja o meu capitão
Pelo bem que me fizera!
Com sete dias de aguardo...
Nem sete horas carecera
Para me quitar saudades,
Livrar-me de toda a pena!
Tomai lá meu capitão
Os mimos da minha terra;
Este cordão de oiro fino,
Que agora ainda mais me pesa.
Minha mulher não precisa,
Que os primos podem mantê-la.”
– “Pois tua mulher tem primos,

E tu vinhas com dó dela!...”

XXXI

O CEGO

Há duas baladas escritas em dialeto escocês por ei-rei James V de Escócia, que ambas se parecem muito com esta. Uma especialmente, *The Gaberlunzie man*, até no metro e nas formas exteriores dá bastantes ares da nossa xácara. Começa assim:

*The pauky auld earle come ovir the lee
wi' mony good-eens and days to mee,
Sayinh Goodwife, for zour courtesie,
Will ze ledge a silly poor man?*

O rei James que morreu de trinta e três anos, em 13 de Dezembro de 1542, era um jovem rei, tunante e maganão, que se disfarçava em trajos de mendigo, de adelo, ou que tais, para andar correndo baixas aventuras pelas aldeias ou pelos bairros escusos das cidades. Cantor de seus próprios feitos, celebrava-os depois em galantes trovas, a que não falta a graça nem o chiste do gênero. A que se intitula *The Jolly Beggar*, e que por licenciosa e fresca de mais, a não admitiu o bispo Percy na sua coleção, talvez tenha ainda mais mérito de arte.

O *Gaberlunzie man* da real balada é porém todo inteiro o Cego da nossa xácara, menos em certos incidentes, que são mais poéticos e mais interessantes na composição portuguesa.

Disfarçado em trajos de cego mendigo, um senhor de alta jerarquia falou de amores a uma donzela de muito inferior nascimento que vivia com sua velha mãe. Por acordo, mais ou menos expresso entre os dois amantes, se apresenta este por noite à porta da velha com a sua caramunha. A mãe dorme; e Aninhas, que responde ao cego, parece fazê-lo ou com ironia ou em pique de ciúmes, e por nenhum modo lhe quer abrir porta ou postigo.

Põe-se o cego a cantar lamentosamente a sua desgraça; e com a chorada cantilena se abranda ou finge abrandar-se o coração da rapariga. Desperta a mãe para que o venha ouvir; e quando esta condoída lhe manda dar esmola, o cego recusa, não quer senão que o ponham no caminho que perdeu. E a própria velha, coitada, a que diz à filha que lho vá ensinar. E assim fogem os dois, com a maior tranquilidade, com que ainda fugiram amantes.

Note porém a mestria do nosso poeta popular. A fugitiva sustenta sempre aquela tão perdoável hipocrisia feminina, último protesto do pudor moribundo. Fiando homericamente na sua roca, vai fingindo guiar o cego, vai parecendo acreditar que não sabe aonde nem a que vai. Senão quando, aparece um tropel de cavaleiros: é a comitiva do nosso rei encoberto, príncipe ou conde pelo menos. Adeus gaivão de cego, e andrajos de mendigo! A cavalo e trotar largo! Já o cego vê, já a donzela sabe onde vai. E com este seu fino e malicioso dito, conclui a trova:

Um cego me leva, e vejo o caminho.

Tal é o argumento da cantiga portuguesa muito mais romanesco do que o das escocesas, posto que seja o mesmo o fundo da anedota.

Não duvido supor que talvez de Glasgow ou de Oberdeen trouxessem os nossos mareantes esta história, e de Viana ou do Porto se internasse pelo Minho onde ela é mais vulgar. Não lho pagaríamos só em vinho e fruta aos nossos amigos do norte, porque em mercadorias daquele mesmo gênero para lá temos exportado bastante.

A forma métrica é a do romance de Santa Iria, O texto foi restituído com dificuldade, porque esta forma se presta ainda mais à corrupção do que a outra, desafiando o prolífico talento dos nossos trovadores de aldeia a bordar seus pretensiosos floripôndios sobre a singela telagarça do original.

Vão por ementa, apontadas algumas variantes menos absurdas.

O CEGO

– “Abre a porta, Ana, abre de mansinho,

Que venho ferido, morto do caminho.”
– “Se vindes ferido, pobre coitadinho!
Ireis muito embora por outro caminho.”
– “Ai! Abre-me a porta, abre de mansinho,
Que tão cego venho, não vejo o caminho.”
– “Porta nem postigo não abro ao ceguinho,
Vá-se na má hora pelo mau caminho. “
– “Ai do pobre cego que anda sozinho
Cantando e pedindo por esse caminho!”
– “Minha mãe acorde, oiça aqui baixinho
Como canta o cego que perdeu o caminho.”
– “Se ele canta e pede, dá-lhe pão e vinho;
E o pobre cego que vá o seu caminho.”
– “O teu pão não quero, não quero o teu vinho,
Quero só que Aninhas me ensine o caminho.”
– “Toma a roca, Ana, carrega-a de linho,
Vai com o pobre cego, pô-lo a caminho.”
– “Espiou-se a roca, acabou-se o linho,
Fique embora o cego, que este é o seu caminho.”
– “Anda mais, Aninhas, mais um bocadinho,
Sou um pobre cego, não vejo o caminho.”
– “Ai! Arreda, arreda para este altinho,
Que aí vêm cavaleiros por esse caminho.”
– “Se vêm cavaleiros, vêm devagarinho,
Que há muito me tardam por este caminho.”
A cavalaria passou de mansinho...
Cego, lo meu cego já via o caminho.
Montou-me a cavalo com muito carinho...
Um cego me leva... e vejo o caminho!

XXXII

LINDA-A-PASTORA

Quem desce Tejo abaixo, por esta margem do Norte onde está Lisboa, e tendo saudado o precioso monumento de Belém, a sua torre não menos bela, entra

no fashionável Pedroços e daí segue às praias do Dafundo até à Cruz Quebrada, tem dado o mais bonito passeio que se pode dar nas vizinhanças da capital, e visitado os sítios que, depois de Cintra, mais frequenta a sociedade elegante da nossa terra. De fins de Agosto a princípios de Novembro é que tudo ali corre, e que os banhos do mar povoam aqueles belos ermos, nas outras estações desamparados.

Quem tiver porém o bom gosto de resistir ao despotismo tarifheiro da moda, e se abalançar em Maio ou Junho a este largo passeio, que no estado dos nossos caminhos é antes uma pequena viagem, creia que há de ser pago de sua nobre ousadia. Não há palavras que digam todas as belezas daquela terra, daquele céu, daquelas águas. A esquerda o Tejo, os navios que entram e saem, as frotas de barcos pescarejos, a areia alva junto à beira da água, e logo pegada à salsugem, a prodigiosa vegetação das plantas que a amam e em que se pasce guloso e largo à vontade o gado. Perto, um saveiro que chegou à terra e cuja campanha puxa ao longo da praia pela rede que arrasta os inumeráveis cardumes de peixes que logo virão saltar na areia. À direita nas eminências, as ruínas pitorescas de conventos desertos, de moinhos abandonados, de fortes, de atalaias. E tudo isto encastado na verdura viçosa e florida da Primavera que ainda não queimou o sol do Estio. No fim do Verão quando vai todo o mundo, já não há senão resteva nos campos, talos de ervas secas nos montes, árvores sem folhas, poeira nos ares, e uma ventaneira despregada que não cessa.

Já me eram familiares de anos aqueles sítios; mas posso dizer que os não conheci bem e como eles são deveras, senão quando, haverá hoje três anos, ali fui um dia primeiro de Maio. Fui, como de maravilha em maravilha, por todos os pontos que tenho nomeado; mas chegando à ribeira de Jamor, parei extasiado no meio da sua ponte, porque a várzea que daí se estende, recurvando-se pela direita para Carnaxide, e os montes que a abrigam em derredor, estava tudo de uma beleza que verdadeiramente fascinava. O trigo verde e viçoso ondeava com a viração desde as veigas que rega o Jamor, até os altos onde velem centenaes de moinhos. Árvores grandes e belas, como rara vez se encontram nesta província dendroclasta, rodeavam melancolicamente, no mais fundo do vale, a velha mansão do Rodízio. E lá, em perspectiva, no fundo do quadro, uma aldeia de Suíça com suas casinhas brancas, suas ruas em socalcos, seu presbitério ornado de um ramalhete de faias; grandes massas de basalto negro

pelo meio de tudo isto, parreirais, jardinzitos, quase pênsis, e uma graça, uma simplicidade alpina, um sabor de campo, um cheiro de montanha, como é difícil de encontrar tão perto de uma grande capital.

O lugarejo é bem conhecido de nome e fama, chama-se Linda-a-Pastora. Porquê?

Não sei. Têm-me jurado antiquários de “meia-tigela” que o seu nome verdadeiro é Niña a Pastora. Mas enquanto não achar algum de “tigela inteira” que me saiba dar a razão por que se havia de chamar assim, meio em português meio em castelhano, um aldeote de ao pé de Lisboa – hei de chamar-lhe eu, como os seus habitantes e toda a gente diz: Linda-a-Pastora.

Namorei-me do sítio por modo, que ali passei o Verão todo: e dali fiz deliciosas excursões pelas vizinhanças, que todas são bonitas. Foi neste próprio e apropriado sítio que a sr^a Francisca, lavadeira bem conhecida do lugar, me deu a última e, ao parecer, mais correta lição que do presente romance tinha obtido. Em outras partes do reino traz ele o título de Pastorinha; aqui era justo e natural que se lhe desse o de Linda-a-Pastora, que assentei conservar-lhe.

Na forma é um romance em endeixas, mas o fundo é de uma verdadeira pastorela do gênero provençal; nem a fariam mais graciosa Giraud Riquier ou Giraud de Borneill.

Tem muitas variantes, porque todo o reino a sabe e canta. Eu noto somente as principais.

LINDA-A-PASTORA

- “Linda pastorinha, que fazeis aqui?”
- “Procuro o meu gado que por aqui perdi.”
- “Tão gentil senhora a guardar o gado!”
- “Senhor, já nascemos para esse fado.”
- “Por estas montanhas em tão grande p’rigo!
Diga-me, ó menina, se quer vir comigo.”
- “Um senhor tão guapo dar tão mau conselho

Querer que se perca o gado alheio!”

– “Não tenha esse medo que o gado se perca
Por aqui passarmos uma hora de sesta.”

– “Tal razão como essa não na ouvirei,
Já dirão meus amos que de mais tardei.”

– “Diga-lhe, menina, que se demorou
Co esta nuvem d’água que tudo molhou.”

– “Falarei verdade, que mentir não sei:
À volta do gado eu me descudei.”

– “Pastorinha, escute, que oiço balar gado...”

– “Serão as ovelhas que me tem faltado.”

– “Eu lhas vou buscar já muito depressa,
Mas que me espedace por essa charneca.”

– “Ai como vai grave de meias de seda!
Olhe não as rompa por essa resteva.”

– “Meias e sapatos, tudo romperei
Só por lhe dar gosto, minha alma, meu bem.”

– “Ei-lo aqui vem; é todo o meu gado.”

– “Meu destino foi ser vosso criado.”

– “Senhor, vá-se embora, não me dê mais pena,
Que há de vir meu amo trazer-me a merenda.”

– “Se vier seu amo, venha muito embora;
Diremos, menina, que cheguei agora.”

– “Senhor, vá-se, vá-se, não me dê tormento:
Já não quero vê-lo nem em pensamento.”

– “Pois adeus, ingrata da Linda-a-Pastora!
Fica-te, eu me vou pela serra fora.”

– “Venha cá, senhor, torne atrás correndo...
Que amor é cego, já está rendendo.”

Sentaram-se à sombra... tudo estava ardendo...

ROMANCES COM FORMA LITERÁRIA

XXXIII

DOM DUARDOS

O último conhecido dos nossos poetas populares antigos, o verdadeiro fundador do teatro de Espanha, Gil Vicente, não era só poeta cômico, segundo vulgarmente se crê às cegas, porque poucos abrem os olhos para o lerem com atenção, para estudar nele, como todos deviam, língua, costumes, estilo, cor e tom nacional da época: nenhum outro escritor português os teve tão verdadeiros, tão caracterizados e sinceros.

O romance heróico ou épico, isto é, o que celebrava grandes feitos e sucessos nacionais, ou interessantes aventuras de guerras e de amores – que dele tomaram depois o apelido de romanescas, ou porque não romancescas? hoje mais inglesadamente românticas – este que também rimou muitas vezes devotas legendas de santos e de milagres, os passos da história sagrada de ambos os Testamentos, e até os próprios mistérios do dogma; o romance épico em toda a sua primitiva simplicidade foi também cultivado por Gil Vicente.

Com ele e com Bernardim Ribeiro creio que morreu, literariamente falando nos fins do século XV, princípios do XVI, para ressuscitar depois, à primeira trombeta do seiscentismo, como todos os gêneros populares que por essa reação ressurgiram: mas rebicado e contrafeito, secante de metáforas, pesado de conceitos, escrito enfim, com a pena de asa da Fênix renascida.

Quanto ele fora estimado e cultivado entre nós em tempos de Gil Vicente, vê-se de muitos lugares de seus dramas. E aí se vê também que promiscuamente compunham os nossos trovadores já no dialeto de Castela, já no de Portugal, e ainda o mesmo romance ou solau ora se cantava em uma, ora noutra linguagem.

Para exemplo e prova, leia-se com atenção o diálogo do feiticeiro com a ama de Cismena na cena II de Rubena. Aí vêm citados como portugueses e em português, a par de outras cantigas castelhanas, muitos romances que alguns

passam hoje por legítimos filhos de Castela em suas coleções se encontram; de outros nem por elas há memórias. Tal é o que começa:

“Eu me sam Dona Giralda”

de que não achei outro vestígio nem nos romances castelhanos, nem na nossa tradição oral. Tal é est’outro:

“En Paris está Donaldá;”

que vem nos citados romances, posto que diferentemente escrito. Também no auto dos Quatro tempos cantam estes “ate chegar ao presépio”, manda a rubrica, uma cantiga francesa que diz:

*“Ai de la noble
Villa de Paris!”*

É claro que este é um romance; e romance conhecido, e que não era castelhano nem português, mas francês. E daqui se depreende também uma coisa que muitas vezes tenho julgado entrever, e de que tenho quase uma consciência íntima, sem ousar dá-la por certa, porque não há ainda todas as provas documentais que se precisam para uma asserção que há de parecer atrevida: e é – que os romances primitivos quase que eram comuns às línguas romanas, e que nenhuma os vindicava exclusivamente: porque o trovador catalão ou provençal, português, normando ou castelhano pertencia mais à república literária e artística de sua profissão, do que a nenhum reino ou nação, ou divisão política do país. Cantava-se o romance para lá do Ebro? davam-se às palavras desinências mais curtas e contraídas; dizia-se para cá dele? produziam-se mais arredondadas.

Entre Portugal e Castela menos era preciso ainda, porque as línguas, já eram semelhantes, ainda o eram mais então, e no especial dialeto do romance dobradamente.

Apondo isto aqui somente como emenda, para mais devagar se refletir e estudar no que indico. Há grande verdade na indicação; mas até onde ela chega, não sei

dizer por hora, nem saberei talvez nunca, porque me não sobra tempo nem paciência para dar professadamente a estas coisas. Vou escrevendo o que me ocorre como curioso. A ciência fará o seu ofício com o tempo. Eu não pretendo a literato nem a crítico, e nestas coisas menos que em nenhuma. Ocupo as minhas horas vagas com estes divertimentos inocentes; não faço mais nada.

Tornando ao nosso Gil Vicente, na segunda cena – ato, jornada, ou parte II – da Rubena, canta a Cismena em português outro princípio de romance mui notável pelo metro pouco usado na nossa língua:

*“Grandes bandos andam na corte,
Traga-me Deus meu bonamore.”*

Muitas outras provas achará ali o leitor curioso de que este gênero era o mais popular então entre nós. Como tal o cultivou Gil Vicente; e assim o mostra o romance dos Padres no Limbo no auto da História de Deus, o da Barca dos Anjos no auto do Purgatório, o da Infanta no auto das Cortes de Júpiter, e muitos outros dispersos por suas obras dramáticas, além dos dois bem conhecidos que expressamente compôs, um à morte del-rei Dom Manuel, outro à aclamação de Dom João III.

Este primeiro que aqui ponho é o de Dom Duardos que vem no fim da tragicomédia (aliás drama cavaleiresco) do mesmo título. Em castelhano foi escrita a tragicomédia, e em castelhano ali vem o romance; na coleção, que por vezes tenho citado, do cavaleiro de Oliveira, aparece em português com declaração de se encontrar assim num antigo manuscrito do século XVI que visivelmente era contemporâneo do poeta. Eu dou-o em ambas as línguas. E posto que os nossos vizinhos o codificassem em seus romanceiros como próprio, fica assim evidente o ser ele de fábrica portuguesa e do nosso Gil Vicente, quer primitivamente o compusesse ele na nossa língua, quer na deles. Eis aqui o que no fim da trágicomédia, diz Artada, antes de cantar o romance:

*“Por memoria de tal trance
Y tam terrible partida
venturosa,
Cantemos nuevo romance*

*A la nueva despedida
Peligrosa.”*

Acabado de cantar e findo o auto, diz o patrão, virando-se para el-rei – não o rei da comédia, mas o rei português Dom João III, em cuja corte e presença ela se representava:

*“Lo mismo iremos cantando
Por esa mar adelante,
A las sirenas rogando;
Y Vuestra alteza mandando:
Que en la mar siempre se cante.”*

Era pois novo o romance, por seu o dava Gil Vicente, que não precisava nem usava de brilhar com o alheio, e a el-rei seu amo e seu protetor, como tal o endereçava.

Não posso deixar de o crer e aceitar como seu.

A lição portuguesa de Oliveira difere algum tanto da castelhana de Gil Vicente; e esta não pouco da que vem no ROMANCEIRO GERAL de Duran e no TESORO de Ochoa.

DOM DUARDOS

Era pelo mês de Abril,
De Maio antes um dia,
Quando lírios e rosas
Mostram mais sua alegria;
Era a noite mais serena
Que fazer no céu podia,
Quando a formosa infanta,
Flérída já se partia;
E na horta de seu padre
Entre as árvores dizia:
– “Com Deus vos ficade, flores,

Que éreis a minha alegria!
Vou-me a terras estrangeiras
Pois lá ventura me guia;
E se meu pai me buscar,
Pai que tanto me queria,
Digam-lhe, que amor me leva,
Que eu por vontade não ia;
Mas tanto ateimou comigo
Que me venceu coa porfia.
Triste, não sei onde vou,
E ninguém não mo dizia!...”
Ali fala Dom Duardos:
– “Não choreis, minha alegria,
Que nos reinos da Inglaterra
Mais claras águas havia,
E mais formosos jardins,
E flores de mais valia.
Tereis trezentas donzelas
De alta genealogia;
De prata são os palácios
Para vossa senhoria;
De esmeraldas e jacintos
E oiro fino de Turquia,
Com letreiros esmaltados,
Que a minha vida se lia,
Contando das vivas dores
Que me destes nesse dia
Quando com Primalião
Fortemente combatia:
Matastes-me vós, senhora
Que eu a ele não o temia...”
Suas lágrimas enxugava
Flérída que isto ouvia.
Já se foram às galeras
Que Dom Duardos havia.
Cinquenta eram por conta,

Todas vão em companhia
Ao som do doce remar
A princesa adormecia
Nos braços de Dom Duardos,
Que também a merecia.
Saibam quantos são nascidos
Sentença que não varia:
Contra a morte e contra amor
Que ninguém não tem valia..

VERSÃO CASTELHANA DE GIL VICENTE

En el mes era de Abril,
De Mayo antes um dia,
Quando unos y rosas
Muestran mas su alegria.
En la noche mas serena
Quel el cielo hacer podia,
Quando lia hermosa infanta
Flérída ya se partia:
En la huerta de su padre
A los árboles decia:
“Quedaos adios, mis flores,
Mi gloria que ser solia:
Voyme á tierras estrangeras
Pues ventura alla me guia.
Si mi padre me buscare
Que grande bien me queria
Digan que amor me lleba
Que no fué la culpa mia:
Tal tema tomó commigo
Que me venció su porfia.
Triste nó se adó vá.
Ni nadie me lo decia.”
Alli habla Dom Duardos:

“No lloreis mi alegría,
Que en los remos de Inglaterra
Mas claras aguas habia,
Y mas hermosos jardines
Y vuesos, señora mia.
Terneis trecientas doncellas
De alta genealogia;
De plata son los palacios
Para vuesa señoria,
De esmeraldas y jacintos,
De oro fino de Turquía
Com lettreros esmaltados
Que cuentan la vida mia,
Cuentan los vivos dolores
Que me distes aquel dia
Cuando con Primaleon
Fuertemente combatia:
Señora vos me matastes,
Que yo a el no lo temia.
Sus lágrimas consolaba.
Flérída qu’esto oia;
Fueron-se a las galeras
Que Don Duardos tenia.”
Cincuenta eran por cuenta,
Todas van eu compañía.
Al son de sus dulces remos
La princesa se adormia
En brazos de Dom Duardos
Que bien le pertenecia.
Sepan cuantos son nacidos
Aquesta sentencia mia:
Que contra la muerte y amor
Nadie no tiene valia.

XXXIV

A AMA

Bernardim Ribeiro foi natural da vila do Torrão no Alentejo, vivia por fins do XIV, princípios do XV século; era moço fidalgo del-rei Dom Manuel e servia no paço, onde a beleza e perfeições da infanta Dona Beatriz lhe inspiraram uma paixão de verdadeiro “Macias namorado”. Ainda não estava tão longe o tempo em que princesas e rainhas ouviam sem enfado e aceitavam sem desaire as homenagens dos trovadores.

Bernardim era moço, talvez bem parecido, discreto decerto; há toda a razão de crer que foi ouvido com simpatia e indulgência. Toda a sua felicidade ficou por aqui, segundo ele diz:

*“Que para mais esperar
Nunca me deram lugar.”*

E esta deve de ser a verdade; ou ele, de fino amante, no-la ocultou: em qualquer dos casos devemos crê-lo sobre sua palavra.

A infanta casou por procuração com o duque Carlos de Sabóia, em Lisboa nos paços da Ribeira, a 7 de Abril de 1520; e em Agosto seguinte partiu para Itália. As “Saudades” do seu amante ficaram eternizadas no misterioso livro que com este título compôs. Dele se extraiu este romance, propriamente solau. Tudo aqui é contado e dito por um modo de enigmas e alegorias inteiramente inexplicáveis para quem ignorasse os misteriosos amores do trovador e da princesa. Tão sincero – e amiúde grosseiro a poder de sincero – é o modo de dizer dos antigos menestréis, quanto este é delicado por demais, e à força de o ser, obscuro.

O argumento simplíssimo diz-se em poucas palavras.. Beatriz está retirada em sua câmara. Sua paixão por Bernardim não é segredo para a boa ama que a criou e que tanto lhe quer. Canta-lhe esta um cantar a modo de solau em que tristemente conta e lamenta a má ventura que desde a nascença tem perseguido a sua querida menina, e que maiores desgraças lhe faz temer no futuro.

O estilo tem toda a ingenuidade dos antigos cantares, todo aquele perfume de bonina selvagem que só se encontra pelas devesas incultas da poesia primitiva. E todavia, se ainda são as flores singelas do monte, já se conhece arte no formar do ramalhete. Já não são as notas desgarradas, e ásperas por vezes, do primeiro trovar asturiano ou leonês que tiniam à dureza de ferro dos descendentes de Pelaio. Já por aqui andam modos de trovador provençal. A melodia porém ainda é puramente romântica; as harmonias é que pressentem formas mais clássicas. Vê-se o antigo toante do romance peninsular cedendo à difícil e dura lei das complicadas rimas provençais. Há mais ainda; há uma perfeição no número dos ritmos que adivinha já as doçuras italianas. É o trovador do século XV dando a mão ao poeta do século XVI. O que predomina todavia é o modo provençal; e este é, repito, um legitimo solau.

A AMA

Pençando-vos estou filha,
Vossa mãe me está lembrando:
Enchem-se-me os olhos d'água,
Nela vos estou lavando.
Nasceste filha, entre mágoa;
Pera bem inda vos seja!
Pois em vosso nascimento
Fortuna vos houve inveja.
Morto era o contentamento
Nenhuma alegria ouvistes;
Vossa mãe era finada,
Nós outros éramos tristes.
Nada em dor, em dor criada,
Não sei onde isto há de ir ter:
Vejo-vos, filha, formosa,
Com olhos verdes a crescer.
Não era esta graça vossa
Pera nascer em desterro:
Mal haja a desventura
Que pôs mais nisto que o erro!

Tinha aqui sua sepultura
Vossa mãe, e a mágoa a nós!
Não éreis vós, filha, não,
Pera morrerem por vós.
Não ouvem fados razão,
nem se consentem rogar;
De vosso pai hei mor dó,
Que de si se há de queixar.
Eu vos ouvi a vós só
Primeiro que outrem ninguém;
Não fôreis vós se eu não fora:
Não sei se fiz mal se bem.
Mas não pode ser, senhora,
Pera mal nenhum nascerdes,
Com esse riso gracioso
Que tendes sob olhos verdes.
Conforto, mas duvidoso,
Me é este que tomo assi!
Deus vos dê melhor ventura
Do que tivestes 'té aqui.
A Dita e a Formosura,
Dizem patranhas antigas,
Que pelejaram um dia.
Sendo dantes muito amigas.
Muitos hão que é fantasia:
Eu, que vi tempos e anos,
Nenhuma coisa duvido,
Como ela é aso de danos.
Nem nenhum mal não é crido,
O bem só é esperado:
E na crença e na esperança,
Em ambas há hi cuidado,
Em ambas há hi mudança.

XXXV

AVALOR

Este, que é verdadeiro romance na forma assim como no estilo, parece ter sido feito à partida da infanta para Sabóia, ou talvez por ocasião da viagem que Bernardim Ribeiro ali fez para a ver.

Fosse como ou quando fosse, ele é admirável. Há menos artifício métrico, não menos beleza de poesia que nos outros, não menos sentimento. O estilo é mais desleixado, mais vago, mais de romance.

Em todas as vastíssimas coleções castelhanas não há nada tão belo de elegante simplicidade.

Já se vê que não faço a comparação no gênero heróico ou histórico, digo-o dos romances de amor e aventura.

AVALOR

Pela ribeira de um rio
Que leva as águas ao mar,
Vai o triste de Avalor,
Não sabe se há de tornar.
As águas levam seu bem,
Ele leva o seu pesar;
E só vai, sem companhia,
Que os seus fora ele leixar;
Ca quem não leva descanso
Descansa em só caminhar.
Descontra donde ia a barca,
Se ia o sol a baixar;
Indo-se abaixando o sol,
Escurecia-se o ar;
Tudo se fazia triste
Quanto havia de ficar.
Da barca levantam remos,

E ao som do remar
Começaram os remeiros
Da barca este cantar:
– “Que frias eram as águas!
Quem as haverá de passar?”
Dos outros barcos respondem:
– “Quem as haverá de passar?”
Frias são as águas, frias,
Ninguém mas pode passar;
Se não quem pôs a vontade
Donde a não pode tirar.
Trá-la barca lhe vão olhos
Quando o dia dá lugar:
Não durou muito, que o bem
Não pode muito durar.
Vendo o sol posto contr’ele
Não teve mais que pensar;
Soltou rédeas ao cavalo
À beira do rio a andar.
A noite era calada
Pera mais o magoar,
Que ao compasso dos remos
Era o seu suspirar.
Querer contar suas mágoas
Seria areias contar;
Quanto mais ia alongando,
Se ia alongando o soar
Dos seus ouvidos aos olhos
A tristeza foi igualar;
Assi como ia a cavalo
Foi pela água dentro entrar.
E dando um longo suspiro
Ouvia longe falar:
Onde mágoas levam olhos,
Vão também corpo levar.
Mas indo assi por acerto,

Foi cum barco na água dar
Que estava amarrado à terra,
E seu dono era a folgar.
Saltou assi como ia, dentro,
E foi a amarra cortar:
A corrente e a maré
Acertaram-no ajudar,
Não sabem mais que foi dele,
Nem novas se podem achar:
Suspeitaram que foi morto,
Mas não é pera afirmar:
Que o embarcou ventura,
Pera só isso aguardar.
Mas mais são as mágoas do mar.
Do que se podem curar.

XXXVI

CUIDADO E DESEJO

Todo este solau – e creio que propriamente este é também um verdadeiro solau – todo ele é alegórico dos misteriosos amores do poeta das saudades.

Bernardim Ribeiro vaga, triste e solitário pelas margens de um rio escuro e coberto de arvoredo. Aparece-lhe o seu Cuidado na figura de um velho encanecido que lhe mostra o seu fatal Desejo todo coberto de dó; chorando e pensativo declara-lhe que em má hora o viu porque nunca mais o há de esquecer. Some-se a visão: e ele caminha rio abaixo, até dar “antre uns medrosos penedos” (se será Sintra?) onde a Fantasia lhe apresenta sua triste Lembrança na figura de uma bela mulher de “loiros cabelos e olhos verdes”, coberta de um negro manto. E Beatriz que ele ama; que o adora e que não pode ser sua! Escura noite lhe esconde a visão bem aventurada; e de um “alto oiteiro” lhe bradam (porque não dos Alpes, do Piemonte onde lha tinham levado?) – “Bernardim Ribeiro, olha onde estás.”

Da demasiada altura onde subiram, seus atrevidos pensamentos lhe fazem recordar quão baixo o tinha posto a sorte para se atrever a tanto. – O namorado trovador cerra os olhos para nunca mais os abrir. Que lhe resta a ele que ver no mundo?

Este romance seria feito ao ordenar-se o casamento da infanta com o duque de Sabóia? Não vem inserto nas Saudades, como o antecedente, da Ama, e o subsequente de Avalor: por isso aqui pôs claro o seu nome de Bernardim Ribeiro, que no misterioso livro de cavalarias, ora se disfarça em anagramas de suas próprias letras, ora sob a de outros se desfigura, para confundir e enredar a todo o que não tivesse a chave do querido segredo. O nome porém da infanta nem aqui, nem em parte nenhuma o expôs a ser decifrado pela mais remota indução. Neste romance não há nomes femininos; os que se encontram em tudo quanto escreveu assim podem ser Maria, Antônia, como Joana, etc. Em nenhum há letras ou sons que se pareçam com os de Beatriz.

Nada digo do estilo, é o mesmo da peça precedente. As belezas são infinitas; nenhum poeta português escreveu tanto com o sangue de seu coração.

CUIDADO E DESEJO

Ao longo de uma ribeira
Que vai pelo pé da serra,
Aonde me a mi fez a guerra
Muito tempo o grande amor;
Me levou a minha dor:
Já era tarde do dia,
E a água dela corria
Por entre um alto arvoredado,
Onde às vezes ia quedo
O rio, e às vezes não.
Entrada era de Verão,
Quando começam as aves
Com seus cantares suaves
Fazer tudo gracioso,
Ao ruído saudoso

Das águas cantavam elas:
Todalas minhas querelas
Se me puseram diante;
Ali morrer quisera ante
Que ver por onde passei.
Mas eu que digo – passei!
Antes ainda hei de passar,
Em quanto hi houver pesar,
Que sempre o hi há de haver.
As águas, que de correr
Não cessavam um momento,
Me trouxera, ao pensamento
Que assim eram minhas mágoas,
Donde sempre correm águas
Por estes olhos mesquinhos,
Que têm aberto caminhos
Pelo meio do meu rosto.
E já não tenho outro gosto
Na grande desdita minha.
O que eu cuidava que tinha
Foi-se-me assim não sei como,
Donde eu certa crença tomo
Que, para me leixar, veio.
Mas, tenho-me assi alheio
De mi o que ali cuidava,
Da banda donde água estava
Vi um homem todo cá
Que lhe dava pelo chão
A barba e o cabelo.
Ficando eu pasmado delo,
Olhando ele para mi,
Falou-me e disse-me assi:
– “Também vai esta água ao Tejo.”
Nisto olhei, vi meu desejo
Estar de trás triste e só,
Todo coberto de dó,

Chorando sem dizer nada,
A cara em sangue lavada,
Na boca posta aa mão,
Como que a grande paixão,
Sua fala lhe tolhia.
E o velho que tudo via,
Vendo-me também chorar
Começou assi a falar:
– “Eu mesmo são teu Cuidado
Que noutra terra criado,
Nesta primeiro nasci,
E essoutro que está aqui
É o teu Desejo triste;
Que má hora o tu viste
Pois nunca te esquecerá!
A terra e mar passará
Trespessando a mágoa a ti.”
Quando lhe eu aquisto ouvi,
Soltei suspiros ao choro;
Ali clarante o foro
Meus olhos tristes pagaram
De um bem só que eles olharam,
Que outro nunca mais tiveram.
Nem o tive, nem mo deram,
Nem o esperei somente:
De só ver fui tão contente,
Que pera mais esperar
Nunca me deram lugar.
E naquisto, triste estando
Com os olhos tristes olhando
Daquelas bandas de além,
Olhei e não vi ninguém
Dei então a caminhar
Rio abaixo, até chegar
A cerca de Montemor,
Com meus males de redor

Da banda do meio-dia,
Ali minha Fantasia,
De antre uns medrosos penedos,
Onde aves que fazem medos
De noite os dias vão ter,
Me saiu a receber
Com fia mulher pelo braço,
Que, ao parecer de cansaço
Não podia ter-se em si,
Dizendo: – “Vês triste, aqui
A triste lembrança tua.”
Minha vista então na sua
Pus, dela todo me enchi:
A prima coisa que vi
E a derradeira também,
Que no mundo vão e vem!
Seus olhos verdes rasgados
De lágrimas carregados,
Logo em vendo-os, pareciam
Que de lágrimas enchiam
Contino as suas faces,
Que eram, grão tempo, paces
Antre mi e meus cuidados.
Loiros cabelos ondados
Um negro manto cobria:
Na tristeza parecia
Que lhe convinha morrer.
Os seus olhos de me ver,
Como furtados, tirou,
Depois em cheio me olhou,
Seus alvos peitos rasgando
Em voz alta se aqueixando,
Disse a si mui só sentida:
– “Pois que mor dor há na vida
Para que houve aí morrer?”
Calou-se sem mais dizer.

Eu de mi gemidos dando,
Fui-me para ela chorando
Para a haver de consolar...
Nisto pôs-se o sol ao mar,
E fez-se noite escura,
E disse mal à ventura
E à vida, que não morri...
E muito longe dali,
Ouvi de um alto oiteiro
Chamar: – “Bernardim Ribeiro!”
E dizer: – “Olha onde estás!”
Olhei de ante e de trás
E vi tudo escuridão,
Cerrei meus olhos então,
E nunca mais os abri,
Que depois que a perdi
Nunca vi tão grande bem.
Porém inda mal, porém!

XXXVII

O MARQUES DE MÂNTUA

Ei-lo que se apeia de seu clássico barbante em que tantos anos cavalgou, e despindo o papel pardo em que o embrulhavam os cegos e vendilhões de nossas feiras, vem o nobre Marques de Mântua, tomar o seu lugar entre os mais venerandos e antigos romances do ciclo de Carlos Magno. Sua nobre origem bem sabida é e bem manifesta: francesa ou provençal. Se foi a língua d’oeil ou a língua d’oc a primeira que falou, não sei; quando atravessou os Pirenéus e veio para nós, certo que era já familiar com ambas.

Passou muito tempo em Espanha por ser composição de Jerônimo Treviño; hoje com razão se crê que o Treviño não foi senão o editor que em 1598 o imprimiu: sem dúvida o romance é muito mais antigo que isso; só da lição portuguesa me parece que posso responder que é dos fins do XIV, princípios – quando muito – do XV século. E todavia a forma em que ele aparece em português não creio que

fosse a primitiva que entre nós teve, e me inclino a que ela seja posterior à que têm os nossos vizinhos castelhanos em suas coleções 352. Aqui é mais dramático, já mais épico: nas multiplicadas edições dos cegos chegou a obter o nome de tragédia. Todavia, não deixarei de observar que revestidos desta mesma forma há romances muito mais antigos do que os narrativos. As rubricas de aqui fala o marques, agora diz o imperador etc., não são indisputável prova de que a composição fosse para se representar teatralmente.

Sem profundar nenhuma destas questões, contento-me de sacar do lixo da “feira da ladra”), esta bela relíquia da nossa literatura popular e romanesca, e de restituir ao seu eminente lugar o nobre marquês de Mântua, embora me criminem e escarneçam os superciliosos acadêmicos de todas as academias reais e não reais deste mundo.

O MARQUES DE MÂNTUA

Na caça andava perdido
De Mântua o velho marquês,
E no peito pressentido
O coração trás de envés;
Mais, não sabe o sucedido!
Farto já de caminhar
Por tão fragosa montanha,
Cansado assim sem companha,
Sem ter onde repousar
Nessa terra tão estranha,
Vendo o mato tão cerrado,
Assentou de se apear
E o seu cavalo deixar
Porque estava de cansado
Que já não podia andar:

FALA O MARQUÊS

– Fortunosa caça é esta
Que a fortuna me há mostrado,
Pois que, por ser manifesta

Minha pena e grão cuidado,
Me mostrou esta floresta.
Nunca vi tão forte brenha
Des'que me acordo de mi,
Eu creio que Margasi
Fez esta serra Dardenha,
Estes campos de Methli
Quero tocar a buzina
Por ver se algum me ouvirá;
Mas cuido que não será,
Porque minha grão mofina
Comigo começou já.
Todavia quero ver
Se mora alguém nesta serra
Que me diga desta terra
Cuja é para saber;
Que quem pergunta não erra
Agora vejo-me aqui
Nesta tão grande espessura,
Que nem eu me vejo a mi,
Nem sei de minha ventura
Nem menos será cordura.

DIZ VALDEVINOS

– Oh Virgem minha senhora,
Madre do rei da verdade,
Por vossa grão piedade
Sede minha intercessora
Em tanta necessidade.
Oh suma regina pia,
Radiante luz febeia,
Custódia animae meae,
Pois está na terra fria
A alma de pesar cheia,
Pois és amparo dos teus,
Consola os desconsolados,

Rainha dos altos céus,
E roga a meu senhor Deus
Que perdoe meus pecados.

FALA O MARQUÊS

– Não sei quem ouço gemer
E chorar de quando em quando:
Alguém deve de aqui estar...
Segundo se está queixando,
Deve ter grande pesar.

FALA VALDEVINOS

– Domine, memento mei,
Lembrai-vos de minha alma,
Pois que sois da glória rei,
Nascido da flor da palma,
Remédio da nossa lei.

DIZ O MARQUÊS

–Segundo dele se espera,
Aquele home anda perdido,
Ou por ventura ferido
De alguma besta fera.
Quero ver este mistério,
Que a fala me dá ousadia,
Porque dois em companhia
Terão grande refrigério
Para qualquer agonia.

DIZ VALDEVINOS

– Oh minha esposa e senhora,
Já não tereis em poder
Vosso esposo que assim chora,
Pois a morte roubadora
Vos roubou todo o prazer.
Oh vida do meu viver,

Resplandecente narciso,
Grão pena levo em saber
Que nunca vos hei de ver
Até o dia de juízo.
Oh esperança por quem
Tinha vitória vencida!
Oh minha glória, meu bem,
Porque não partis também,
Pois que sois a minha vida?
Senão for vossa vontade
De haver de mim compaixão,
Mandai-me meu coração,
Minha fé e liberdade,
Que está em vossa prisão.
Madre minha muito amada.
Que é de o filho que paristes,
De quem éreis consolada?
Como se há tornado nada
Quanta glória possuístes?
Já me não vereis reinar,
Já me não dareis conselho,
Nem eu o posso tomar;
Que quebrado é o espelho
Em que vos sabeis olhar.
Já nunca me haveis de ver.
Fazer justas e torneios,
Nem vestir nobres arreios,
Nem cavaleiros vencer,
Nem tomar bandos alheios.
já não tomareis prazer
Quando me virdes armado;
Já vos não virão dizer
A fama de meu poder,
Nem louvar-me de esforçado.
Oh valentes cavaleiros,
Reinaldos de Montalvão,

Oh esforçado Roldão,
Oh Marquês Dom Oliveiros,
Dom Ricardo, Dom Dudão,
Dom Gaifeiros, Dom Beltrão,
Oh grão-Duque de Milão,
Que é da vossa companhia?
Duque Maime de Baviera,
Que é de vosso Valdevinos?
Oh esforçado Guarinos,
Quem consigo vos tivera!
Meu amigo Montesinhos,
Já nunca mais vos verei;
Dom Alonso de Inglaterra,
Já nunca acompanharei
O conde Dirlos na guerra.
Oh esforçado marquês
De Mântua, teu senhorio,
Já não me poreis arnês,
Nem me vereis outra vez
Gozar vosso senhorio.
Já não quero o vosso estado,
Já não quero ser pessoa,
Nem mandar, nem ter reinado;
Já não quero ter coroa,
Nem quero ser venerado.
Oh Carlos imperador,
Senhor de mui alta sorte,
Como sentireis grão dor
Sabendo da minha morte,
E quem dela é causador:
Bem sei, se sois informado
Do caso como passou,
Que serei mui bem vingado,
Ainda que me matou
Vosso filho mui amado.
Oh príncipe D. Carloto,

Quem, sendo tão desigual,
Te moveu a fazer mal
Em um lugar tão remoto
A teu amigo leal?
Alto Deus onnipotente,
Juiz direito sem par,
Sobre esta morte inocente
Justiça queirais mostrar,
Pois morro tão cruelmente.
Oh Madre de Deus benigno,
E fonte de piedade,
Arca de Santa Trindade,
De donde o Verbo Divino
Trouxe sua humanidade,
Oh Santa Domina mea,
Oh Virgem gratia plena
Em que a alma se recreia,
Dai remédio à minha pena,
Pois que morro em terra alheia.

FALA O MARQUÊS

– Senhor, porque vos queixais?
Quem vos tratou de tal sorte,
E quem é o que tal morte
Vos deu, como publicais,
Que assaz é esta má sorte?
Não me negueis a verdade,
Contai-me vosso pesar,
Que vos prometo ajudar
Com toda a força e vontade.

DIZ VALDEVINOS

– Muito me agasta, amigo,
Certamente teu tardar,
Dize se trazes contigo
Quem me haja de confessar?

DIZ O MARQUÊS

– Eu não sou quem vós cuidais:
Nunca comi vosso pão,
Mas vossos gritos e ais
Me trouxeram aonde estais
Mui movido a compaixão.
Dizei-me vossa agonia,
Que, se remédio tiver,
Eu vos prometo fazer
Com que tenhais alegria.

DIZ VALDEVINOS

– Meu senhor, muitas mercês
Por vossa boa vontade!
Bem creio que me fareis
Muito mais do que dizeis,
Segundo vossa bondade,
Mas minha dor é mortal
Meu remédio só é morte,
Porque estou parado tal,
Que nunca homem mortal
Foi tratado de tal sorte.
Tenho, senhor, vinte e duas
Feridas todas mortais,
As entranhas rotas, nuas,
E passo penas tão cruas,
Que não poderão ser mais.
Há-me morto à traição
O filho do Imperador,
Carloto, a grão sem razão,
Mostrando-me todo o amor,
Não o tendo no coração.
Muitas vezes requeria
Minha esposa com maldade,
Mas ela não consentia

Pelo bem que me queria,
Por sua grande bondade.
Carloto com grão pesar,
Como mais traidor do que forte,
Ordenou de me matar,
Cuidando com minha morte
Com ela haver de casar.
Matou-me com grão falsia,
Trazendo cinco consigo,
Sem eu trazer mais comigo
Que um pajem por companhia.
A mim chamam Valdevinos,
Sou filho de el-rei de Dácia,
E primo de el-rei de Grécia,
E do forte Montesinos,
Que é herdeiro de Dalmácia.
Dona Hermelinda formosa
Minha madre natural,
Sibila minha esposa
De graças especial,
Mas com primores famosa.
Esta nova contareis
À triste de minha madre
Que em Mântua achareis,
E ao honrado marquês
Meu tio, irmão de meu padre.

FALA O MARQUÊS

– Oh desestrado viver,
Oh amargosa ventura,
Oh ventura sem prazer,
Prazer cheio de tristura,
Tristura que não tem ser!
Oh desventurada sorte,
Oh sorte sem sofrimento,
Desemparedado tormento,

Muito pior do que a morte,
Morte de desabrimento
Oh meu sobrinho, meu bem,
Minha esperança perdida,
Oh glória que me sustém,
Porque vos partis de quem
Sem vós não terá mais vida?
Oh desventurado velho,
Cativo sem liberdade!
Quem me pode dar conselho,
Pois perdido é o espelho
De minha grão claridade!
Oh minha luz verdadeira,
Trevas do meu coração.
Penas de minha paixão,
Cuidado que me marteira,
Tristeza de tal traição!
Por que não quereis falar
A este marquês coitado,
Que tio sóeis chamar?
Falai-me, sobrinho amado,
Não me façais rebentar.

DIZ VALDEVINOS

– Meu tormento tão molesto
Me faz não vos conhecer
Nem na fala nem no gesto;
Nem entendo vosso dizer
Se não for mais manifesto.
Estou tão posto no fim.
Que não sei se sou alguém,
Nem menos conheço a mim;
Pois quem não conhece a sim,
Mal conhecerá ninguém.

DIZ O MARQUÊS

– Como não me conheceis,
Meu sobrinho Valdevinos?
Eu sou o triste marquês
Irmão de el-rei Dom Salmos,
Que era o pai que vos fez.
Eu sou o marquês sem sorte,
Que devera rebentar
Chorando a vossa morte,
Por com vida não ficar
Neste mundo sem de porte,
Oh triste mundo coitado,
Ninguém deve em ti fiar.
Pois és tão desventurado,
Que o tens mais exaltado,
Mor queda lhe fazes dar!

FALA VALDEVINOS

– Perdoa-me, senhor tio,
A minha descortesia,
Que a minha grande agonia
Me pôs em tanto desvio,
Que já vos não conhecia.
Não me queirais mais chorar;
Deveis de considerar
Que para isso é o mundo.
Que dobrais meu mal profundo.
Para bem é mal passar:
E bem sabeis que nascemos
Para ir a esta jornada,
E que, quanto mais vivemos,
Maior ofensa fazemos
A quem nos criou de nada.
Assim que, necessidade
Não tendes de me chorar,
Pois que Deus me quis levar
No melhor da minha idade

Para mais me aproveitar,
Mas o que haveis de fazer,
E por minha alma rogar,
Porque o muito chorar,
À alma não dá prazer,
Mas antes mui grão pesar.
Quero-vos encomendar
Minha esposa e minha madre.
Pois que não tem outro padre
Que as haja de amparar,
Senão vós, como é verdade,
Mas o que me dá paixão
Em esta triste partida,
E morrer sem confissão;
Mas se parto desta vida,
Deus receberá a tenção.
Vem o ermitão e o pajem

DIZ O ERMITÃO

A paz de Deus sempiterno
Seja convosco, irmão!
Lembraí-vos de sua paixão
Que, por nos livrar do inferno,
Padeceu quanto a varão.

DIZ VALDEVINOS

– Coisa mais não folgara
Do que vê-lo aqui chegado,
Padre de Deus enviado,
Que se um pouco mais tardara,
Não me achara neste estado.

FALA O PAJEM

– Oh que desestrada sorte,
Meu senhor Danes Ogeiro!
Olhai vosso escudo forte,

Olhai, senhor, vosso herdeiro,
Em que extremo o pôs a morte!
Oh desditoso caminho,
Caça de tanto pesar,
Que cuidando de caçar
A morte o vosso sobrinho
Vieste, senhor, buscar.

DIZ O ERMITÃO

– A grão pressa que trazia
Não me deu, senhor, lugar
De conhecer nem falar
A vossa grão senhoria.
Neste erro se há culpa
Peço-lhe dela perdão,
Ainda que a discricção
Sua me dará desculpa.

FALA O MARQUÊS

Rogai a Deus, padre honrado,
Que me queira dar paciência;
Que o perdão é escusado,
Porque vossa diligência
Vos não deixa ser culpado.

DIZ O ERMITÃO

– O filho de Deus enviado
Vos mande consolação!
E pois que aqui sou chegado,
Quero ouvir de confissão
Este ferido e angustiado.
Coisa é mui natural
A morte a toda a pessoa,
A todo mundo em geral,
Pois que a nenhum perdoa.
Não a tínhamos por mais,

Porque o pecado de Adão
Foi tão fero e de tal sorte,
Que não só foi perdição:
Mas Deus, que é salvação,
Quis também receber morte.
E por tanto, filho meu,
Não se deve de espantar
Da morte que Deus lhe deu.
Pois em provimento seu
Lha deu para o salvar.
Lembre-lhe sua paixão:
Veja este mundo coitado,
E não o engode o malvado,
Que não dá por galardão
Senão tristeza e cuidado.
Enquanto, filho, tem vida,
Chame a Madre de Deus,
Aquela que foi nascida
Sem pecado concebida,
E coroada nos céus.
Esta foi santificada
E visitada dos anjos
E em corpo e alma levada
A glória, onde exaltada
Lá está sobre os arcanjos.
Assim, que ao Redentor
E a esta Virgem sem par
Se há de, filho, encomendar
Depois que aos santos for
Sua vontade chamar.
As mãos levante aos céus,
Faça confissão geral,
Confessando-se a Deus
E à virgem celestial
E a todos os santos seus.

DIZ O MARQUÊS

– Oh bonância aborrecida,
Oh desestrada fortuna,
De prazeres grão tribuna!
Por que não desemparais
A quem sois tão importuna?
Tristeza, desconfiança,
Por que não desesperais
A quem não tem confiança?
Contai-me, pajem burlor,
O caso como passou,
Quem foi aquele traidor
Que matou vosso senhor,
Ou por que causa o matou.

FALA O PAJEM

– Seria mui mal contado
Se a sua grão senhoria
Não contasse o que é passado,
Eu sei certo que faria
O que não é esperado
Conta quem me deu estado,
E há feito tantas mercês
Que nunca meu pai me fez:
Que é meu senhor amado.
E mais vós senhor marquês.
Estando pois em Paris
O filho do Imperador,
Mandou chamar meu senhor
Nos passos da Imperatriz:
Falaram muito a sabor;
O que falaram não sei,
Se não que logo nessa hora,
E sem fazer mais demora,
Com quatro detrás de si
Foram da cidade fora,

Armados secretamente,
Segundo depois ouvi.
Partimos todos daí,
E Dom Carloto presente
Também armado outrossi.
E tanto que aqui chegaram.
Neste vale de pesar
Todos juntos se apearam
E fizeram-me ficar
Cos cavalos que deixaram.
E logo todos entraram
Em este esquivo lugar,
Onde meu senhor mataram,
E depois de o matar,
Nos cavalos se tornaram.
Como eu os vi tornar,
Sentindo muito tal dor,
Temendo de lhe falar,
Não ousei de perguntar
Onde estava meu senhor.
Vendo-os assim caminhar,
Porque nenhum me falava,
Quis o meu senhor buscar,
Porque o coração me dava
Sobressaltos de pesar.
Não o podia topar
Porque a grande espessura
E a noite medrosa, escura
Me fazia não o achar:
De que tinha grão tristura.
Buscando-o com grão paixão,
Naquele lugar remoto
O achei desta feição.
Disse-me como à traição
O matara Dom Carloto.
Perguntei por que razão:

Triste, cheio de agonias,
Disse-me com aflição:
– “Vai-me buscar confissão,
Já se acabaram meus dias.
Como tais novas ouvi,
Com grande tribulação
E pesar de vê-lo assi.
Me parti logo daqui
A buscar este ermitão,
Isto é, senhor, o que sei
Deste caso desestrado,
Quanto me há perguntado:
Outra coisa não direi
Mais do que lhe hei contado.

DIZ O MARQUÊS

– Quando sua majestade
Justiça me não fizer
Com toda a rogaridade.
A força do meu poder
Cumprirei minha vontade.

DIZ O ERMITÃO

– Já o senhor se há confessado,
E fez atos de cristão;
Morre com tal contrição,
Que eu estou maravilhado
De sua grão descrição.
Muito não pode tardar,
Segundo nele senti.
Acabei de lhe falar
Porque lhe quero rezar
Os psalmos del-rei David.

FALA VALDEVINOS

– Não tomeis, tio, pesar,

Que me parto de vos ver
Para nunca mais tornar,
Pois Deus me manda chamar
E não posso mais fazer.
Torno-vos a encomendar
Minha esposa e minha mãe,
Que as queirais consolar.
E ambas as amparar,
Pois que não têm mais a quem.

ORAÇÃO DE VALDEVINOS

– Em as tuas mãos, Senhor,
Encomendo meu espírito;
Pois que és Salvador meu,
Meu Deus e meu Redentor,
Não me falte favor teu:
Pois, Senhor, me redimiste.
Como Deus, que és de verdade,
Senhor de toda a piedade,
Lembra-te desta alma triste
Cheia de toda a maldade.
Salve, Senhor benigna,
Madre de misericórdia,
Paz de nossa grão discórdia,
Dos pecadores mezinha,
Vida doce e concórdia,
Spes nostra, a ti invocamos,
Salva-nos da escura treva.
A ti, senhora, chamamos
Desterrados filhos de Eva,
A ti virgem, suspiramos,
A ti gemendo e chorando
Em aqieste lagrimoso
Vale sem nenhum repouso,
Sempre, Virge', a ti chamamos,
Que és nosso prazer e gozo.

Ora, pois nossa advogada,
Amparo da cristandade,
Volve os olhos de piedade
A mim, Virgem consagrada,
Pois que és nossa liberdade.
Dá-me, Senhora, virtude
Contra todos meus inimigos;
Pois que és nossa saúde,
Eu te rogo que me ajudes
Nos temores e perigos:
Roga tu por mim, Senhora,
Oh Santa Madre de Deus,
A quem a minha alma adora,
Pois és rainha dos céus
E dos anjos superiora.
Aqui expira Valdevinos

DIZ O MARQUÊS

– Oh triste velho coitado,
Oh cãs cheias de tristura!
Oh doloroso cuidado,
Oh cuidado sem ventura,
Sem ventura desestrado!
Quebrem-se minhas entranhas,
Rompa-se meu coração
Com minha tribulação.
Chorem todas as campinas
Minha grande perdição,
Escureça-se o sol com dó,
Caíam estrelas do céu,
As trevas de Faraó
Venham já sobre mim só.
Pois minha luz se perdeu
Na luz de mui claro dia,
Claridade sem clareza,
Minha doce companhia,

Onde está vossa alegria,
Que me deixa tal tristeza?
Oh velhice desestrada,
Sem glória e sem prazer,
Para que me deixais ter,
Pois que sendo, não sou nada,
Nem desejo de viver?
Por que não vens, padecer,
Por que não vindes, tormentos,
Para que não sofrimentos
A quem os não quer já ter,
Nem busca contentamentos?
Para que quero razão,
Para que quero prudência,
Nem saber, nem discricção?
Para que é paciência,
Pois perdi consolação?

DIZ O PAJEM

– Oh meu senhor muito amado
Por que vos tomastes pá?
Por que me deixastes só
Em este mundo coitado
Com tanta tristeza e dó?
Levareis-me em companhia,
Pois sempre vos tive vivo.
Oh minha grande alegria,
Por que me deixais cativo,
Metido em tanta agonia?
Meu senhor, minha alegria,
Dizei por que nos deixais
Com tanta pena notória?
Lembraí-vos, tende memória
De quantos desamparais.
Oh sem ventura Burlor!
De quem serás amparado,

De quem terás o favor
Que tinhas de teu senhor,
Pois que já te há faltado?

FALA O ERMITÃO

– Não tomeis, filho, pesar,
Pois claramente sabeis
Que pelo muito chorar
Não cobrais o que perdeis.
Deveis, filho, de cuidar
Que nossa vida é um vento
Tão ligeiro de passar,
Que passa em um momento
Por nós assim como o ar.
Quem viu o senhor infante,
Tão pouco há fazer guerra,
E ser nela tão possante,
E agora em um instante
Ser tornado escura terra,
Diria com grão razão
Que este mundo coitado
Não dá outro galardão,
Senão tristeza e paixão,
Como a vós outros foi dado.
Olhai a el-rei Salomão
O galardão que deu;
A Amon e Absalão,
E ao valente Sansão,
E ao forte Macabeu.
Em a Sacra Escritura
Muitos mais podia achar
Se os quisesse contar;
Mas vossa grande cordura
Suprirá donde faltar.
E pois que não tem já cura
O mal feito e o Passado,

Cesse a vossa tristura,
E dêmos à sepultura
Este corpo já finado.
Levemo-lo onde convém
Para que seja enterrado;
E pode ser bem guardado
Naquela ermida que vêm
Até ser embalsamado.

Aqui levam a Valdevinos à ermida. E entra o imperador, o conde Ganalão, e DIZ
O IMPERADOR

– Certo, conde Ganalão,
Muito grão perda perdemos.
Pesa-me no coração,
Porque na corte não temos
Reinaldos de Montalvão,
Nem o conde Dom Roldão,
Nem o marquês Oliveiros,
Nem o duque de Milão,
Nem o infante Gaifeiros
Nem o forte Meredião.

DIZ GANALÃO

– Muito alto imperador,
Muito estou maravilhado
Porque mostrais tal favor
A quem vos há desonrado
Com tanta ira e rigor,
Que, chamando-se Almansor,
Com o seu rosto mudado
Aquele falso traidor
Com mui grande desonor
Quis desonrar vosso estado:
Porquê, senhor, não sentis
Que este malvado ladrão
Vos prendeu de sua mão

Tomando-vos a Paris
Com muita grande traição?
Pondo-vos em Montalvão
Apesar do vosso império,
Onde com grão vitupério
Estiveste em prisão,
Sem ter nenhum refrigério?

FALA O IMPERADOR

– Verdade é isso, cunhado:
Porém deveis de saber
Que em Reinaldos me prender
Eu mesmo sou o culpado:
Isto bem o podeis crer.
Se então me quis ofender
Não é muita maravilha,
Pois já me quis guarnecer
Matando el-rei Carmeser,
Que trouxe a sua filha.

DIZ GANALÃO

– Vossa real majestade
Dirá tudo o que quiser,
Mas eu espero a Beltrão...
Que se conheça a maldade
De quem se há de conhecer.

Aqui se vai Ganalão; e vêm dois embaixadores mandados pelo marquês de Mântua, chamados Dom Beltrão e duque Amão: e virão vestidos de dó: e DIZ BELTRÃO

– Grã César Otaviano,
Magno, augusto, forte rei,
Grande imperador romano,
Amparo da nossa lei,
Poderosa majestade,
Senhor de toda a Magança,

Da Gascunha e da França
Grã patrão da cristandade,
Esteio de segurança!
Pois sois senhor dos senhores,
Imperador dos cristãos,
Somos vossos servidores,
Amigos leais e sãos.

DIZ O IMPERADOR

– Eu me espanto, Dom Beltrão,
De vos ver daquela sorte,
E a vós, forte duque Amão:
Não é esta disposição
E traje da nossa corte.

FALA O DUQUE

– Muito será espantado
De nossa triste embaixada,
E do caso desestrado
O qual lhe será contado,
Se seguro nos é dado.

DIZ O IMPERADOR

– Bem o podeis explicar
Sem ter medo nem temor.
Para que é assegurar?
Pois sabeis que o embaixador
Tem licença de falar.

DIZ O DUQUE À EMBAIXADA

– Quis, senhor, nossa mofina
Que o infante Valdevinos,
Primo do forte Guarinos,
Filho da linda Hermelinda
E do grande rei Salmos,
Fosse morto à traição

Na floresta sem ventura
A tão grande desventura
Haverá quem não procure
De vingar tal perdição?

FALA O IMPERADOR

– E certa tão grão maldade
Que o sobrinho do marquês
E morto, como dizeis?

DIZ O DUQUE

– Pela maior falsidade
Que nunca ninguém tal fez.

DIZ O IMPERADOR

– Este caso é desestrado:
Saibamos como passou
E quem tão mau feito obrou:
Que o tal senhor matou,
Merece bem castigado.

FALA O DUQUE

– Saiba vossa majestade
Que dez dias pode haver
Que o marquês foi à cidade
De Mântua com grão vontade
À caça que sói fazer.
Andando assim a caçar,
Da companhia perdido
Foi por ventura topar
Com seu sobrinho ferido
Quase a ponto de expirar.
Bem pode considerar
O grão pesar que teria
De se ver sem companhia,
E a morrer em tal lugar

A coisa que mais queria.
Perguntando a razão,
Sendo dela mui ignoto,
Disse com grande paixão
Que o matara à traição
Vosso filho Dom Carloto.
A causa que o moveu
Dar morte tão dolorosa
A tão grande amigo seu,
Não foi outra, senhor meu,
Salvo tomar-lhe a esposa.
Matou-o à falsa fé,
Indo muito bem armado,
Com quatro homens de pé.
Quem mata tão sem porquê
Merece bem castigado.
O marquês Danes Ogeiro,
Lhe manda pedir, senhor,
Justiça mui por inteiro:
Que ainda que perca herdeiro.
Ele perde sucessor.

DIZ DOM BELTRÃO

– Não deve deixar passar
Tão grão mal sem o prover,
Por que deve de cuidar
Se seu filho nos matar,
Quem nos deve defender?
E mais lhe faço saber
Porque esteja aparelhado,
Se justiça não fizer,
Que o marquês tem jurado
De por armas a fazer.
O mui valente e temido
Reinaldo de Montalvão
Entre todos escolhido

Está bem apercebido
Como geral capitão,
Dom Cristão e Aguilante
Com o forte Dom Guarinos,
E o valente Montesinos,
Primo do morto infante,
Primo de el-rei Dom Salmos,
E o mui grande rei Jaião,
De Dom Reinaldo cunhado,
E o esforçado Dudão,
E o grão duque de Milão,
E Dom Richarte esforçado:
O marquês Dom Oliveiros,
E o famoso Durandarte,
E o infante Dom Gaifeiros,
E o muito forte Ricardo,
E outros fortes cavaleiros,
Todos têm boa vontade
De ajudar ao marquês
Em essa necessidade;
Porque foi grão crueldade
A que vosso filho fez,
Evitai, senhor, tal dano,
Pois que sois juiz sem par;
Não vos mostreis inumano,
Acordai-vos de Trajano
Em a justiça guardar.
Assim que, alto, esclarecido,
Poderoso sem igual,
O que fez tão grande mal
Bem merece ser punido
Por seu mandado imperial.
E pois, senhor, hei proposto
A causa porque viemos,
E sabeis o que queremos,
Mandai-nos dar a resposta

Com que ao marquês tornemos.

DIZ O IMPERADOR

– Ó poderoso Senhor,
Que grande é o vosso mistério!
Pois para meu vitupério
Me deste tal sucessor
Que desonrasse este império,
Se o que dizeis é verdade,
Como creio que será,
Nunca rei na cristandade
Fez tão grande crueldade
Como por mim se verá.
Por minha coroa juro
De cumprir e de mandar
Tudo que digo e procuro.
Ao marquês podeis dizer
Que ele pode vir seguro,
E todos quantos tiver,
Venham de guerra ou de paz,
Assim como ele quiser.
E pois que justiça quer,
Com ela muito me praz.

ENTRA DOM CARLOTO, E DIZ

– Bem sei que com grão paixão
Está vossa majestade
Pela falsa informação
Que de mim, contra razão,
Deram com grão falsidade.
Porque um filho de tal home
E tão grande geração
Não deve sujar seu nome
Em caso tal de traição.
Por vida de minha madre,
Que se tão grão desonor

Não castigar com rigor,
Que me será cruel padre,
Não direito julgador.

DIZ O IMPERADOR

– Não vos queirais desculpar
Pois que tendes tanta culpa,
Que se o mundo vos desculpa,
Não vos hei de eu desculpar.
E portanto mando logo
Que estejais posto a recado
Até ser determinado,
Por conselho do meu povo,
Se sois livre ou condenado.
Mando que sejais levado
À minha grão fortaleza,
E que lá sejais guardado
De cem homens do estado,
Até saber a certeza.

FALA DOM CARLOTO

– E como, senhor, não quer
Vossa real majestade
Saber primeiro a verdade,
Senão mandar-me prender
Por tão grande falsidade?

DIZ O IMPERADOR

– Não vos quero mais ouvir,
Levem-no logo à prisão
Onde eu o mando ir;
Porque tão grande traição
Não é para consentir.
Vós outros podeis tornar,
E contar-lhe o que é passado
A quem vos cá quis mandar;

Que o seguro que lhe hei dado,
Eu o torno a afirmar.

AQUI VEM A IMPERATRIZ E DIZ

– Eu muito me maravilho
De vossa grande bondade:
Que sem razão nem verdade
Tratais assim vosso filho
Com tão grande crueldade.
Olhe vossa majestade
Que é herdeiro principal
E que toda a cristandade
Lho há de ter muito a mal.

DIZ O IMPERADOR

– A mim, senhora, convém
Ser contra toda a traição:
E se vosso filho a tem
Castigá-lo-ei muito bem;
E essa é minha tenção.
E mais eu vos certifico
Que com direito e rigor
Hei de castigar o iníquo,
Ora seja pobre ou rico,
Ou servo ou grão senhor.

FALA A IMPERATRIZ

– Como quer vossa grandeza
Infamar o nosso estado
Sem causa, com tal crueza?

DIZ O IMPERADOR

– Quem me cá mandou recado
Não foi senão com certeza.

DIZ A IMPERATRIZ

– Por tal recado, senhor,
Quereis tratar de tal sorte
Vosso filho e sucessor,
Que depois de vossa morte
Há de ser imperador?

FALA O IMPERADOR

Em eu o mandar prender
Não cuideis que o maltrato.
Mas se ele o merecer,
Eu espero de fazer
A justiça de Trocato;
Porque pai tão poderoso,
Sendo de tantos caudilho,
Senão for tão rigoroso,
Nem ele será bom filho,
Nem será rei justo
Que agora, mal pecado!
Nenhum rei nem julgador
Faz justiça do maior;
Mas antes é desprezado
O pequeno com rigor.
Todo o mundo é afeição;
Julgam com rara remissa
O nobre que, sem razão
Alguma, tem opinião
De lhe tocar a justiça...
Que conta posso eu dar
Ao Senhor dos altos céus,
Se a meu filho não julgar
Como outro qualquer dos meus?
Assim que escusado é
Buscar este Intercessor;
Porque Deus de Nazaré
Não me fez tão grão senhor
Para minha alma perder.

DIZ A IMPERATRIZ

Ai triste de mim coitada!
Para que quero viver.
Pois que sempre hei de ser
Do meu filho tão penada
Como uma triste mulher?
Pois tão triste hei de ser
Por meu filho muito amado;
Nunca tomarei prazer,
Senão tristeza e cuidado.

DIZ O IMPERADOR

– Não façais tantos extremos,
Pois dizeis que tem desculpa,
Que antes que sentença dêmos.
Primeiro todos veremos
Se tem culpa ou não tem culpa.
Mostrai maior sofrimento,
Que o caso é desestrado;
E i-vos a vosso aposento,
Que ele não será culpado.

Aqui se vai a Imperatriz e vem a mãe e esposa de Valdevinos, DIZ A MÃE

– Oh coração lastimado,
Mais triste que a noite escura!
Oh dolorosa tristura,
Cuidado desesperado
E fortunosa ventura!
Oh vida da minha vida,
Alma deste corpo meu!
Oh desditosa perdida,
Oh sem ventura nascida,
A mais que nunca nasceu!
Oh filho meu muito amado,
Minha doce companhia,

Meu prazer, minha alegria,
Minha tristeza e cuidado,
Minha sab'rosa lembrança,
Que serei eu sem vos ver?
Filho da minha alegria,
Oh meu descanso e prazer,
Por que me deixais viver
Vida com tanta agonia?
Adonde vos acharei.
Consolo de meu pesar?
Onde vos irei buscar,
Pois que perdido vos hei
Para jamais vos cobrar?
Filho desta alma mesquinha,
Dos meus olhos claridade,
Onde estais, minha mezinha.
Filho da minha saudade,
Meu prazer e vida minha?

DIZ A ESPOSA POR NOME SIBILA

– Que é de vós, meu coração,
Que é da minha liberdade,
Espelho da cristandade,
Quem vos matou sem razão
Com tão grande crueldade?
Quem vos apartou de mim,
Meu querido e meu esposo?
Oh meu prazer saudoso.
Porque me deixais assim
Com cuidado mui penoso?
Oh minha triste saudade,
Oh meu esposo e senhor,
Minha alegria e vontade,
Escudo da cristandade,
Das tristes consolador!
Que farei pobre coitada,

Mais que nenhuma nascida?
Miserável, angustiada,
Para que quero ter vida,
Pois minha alma é apartada?
Oh fortuna variável,
Triste, cruel, matadora,
De prazeres roubadora,
Inimiga perdurável,
Mata-me se que's agora.

DIZ ERMELINDA AO IMPERADOR

– Se vossa grão majestade
Não der castigo direito
A quem tanto mal há jeito
Nem sustentar a verdade,
Não será juiz perfeito.
Não olhe vossa grandeza
Sua madre dolorosa,
Nem sua tanta tristeza;
Mas olhe tão grão princesa
Com esta sua esposa.

FALA O IMPERADOR

– Faz-me tanto entristecer
Este tão grão vitupério,
Que mais quisera perder
Juntamente meu império,
Que tal meu filho fazer.
Mas se a verdade assim é,
Como já sou informado,
Que tal castigo lhe dê
Que seja bem castigado.

DIZ SIBILA

– Seja justiça guardada
A esta órfã sem marido.

Viúva desamparada,
Tão triste e desconsolada
Mais que quantas têm nascido.
Olhai, senhor, tão grão mal
Como vosso filho há leito,
E não queirais ter respeito
Ao amor paternal,
Pois que não é por direito.

FALA O IMPERADOR

– Senhora, não duvideis,
Que eu farei o que hei jurado,
Se é verdade o que dizeis,
Porque cumpre a meu estado
De fazer o que quereis:
Que mais quero ter comigo
Fama de regoridade,
Que deixar de ter castigo,
Quem cometeu tal maldade.
Para que é ser caudilho
De tanto povo e tão grado,
E imperador chamado.
Se não julgasse meu filho
Como qualquer estragado?
Não cuidem duques nem reis
Que, por meu herdeiro ser,
Que por isso há de viver:
Que aquele que faz as leis
É obrigado a as manter.
Assim que, por bem querer,
Amizade nem respeito,
Como agora soem lazer,
Não hei de negar direito
A quem direito tiver,
E bem vos podeis tornar,
Fazei certo o que dissestes

E não tomeis tal pesar,
Porque o bem que já perdestes
Não o cobrais com chorar.

DIZ ERMELINDA

– Senhor, nós outras nos pomos
Em mãos de vossa grandeza:
Olhai bem, senhor, quem somos,
E de que linhagem fomos,
Pois Deus nos deu tal nobreza.

DIZ SIBILA

Olhai os serviços dinos
Que tanto tempo vos fez
Meu esposo Valdevinos,
Também seu tio marquês,
E como foram continos.

Aqui se vai Ermelinda e Sibila; e virá Reinaldos com uma carta que tomaram a um pajem de Dom Carlota e, DIZ REINALDOS DE MONTALVÃO

– O sumo rei dos senhores,
Que morreu crucificado
Em poder dos fariseus,
Acrescente vosso estado
E vos livre de traidores.

FALA O IMPERADOR

– Mui valente e esforçado
Reinaldos de Montalvão,
Vós sejais tão bem chegado
Como a sombra no Verão.
Muito estou maravilhado,
Invencível e mui forte,
De ver-vos assim armado,
Sabendo que em minha corte
Nunca fostes maltratado.

FALA REINALDOS

– Senhor, não seja espantado
De ver-me assim desta sorte,
Porque com todo o cuidado
Ganalão, vosso cunhado,
Sempre me procura a morte.
Bem sabeis que sem razão,
Com vontade mui maligna
Fez matar com grão traição
A Tiranes e Erocina,
E ao feito, Salião,
E a mim já quis matar
Muitas vezes com maldade;
E para mais me danar,
Fez à sua majestade
Mil vezes me desterrar,
O grande mal que me quer
De todo o mundo é sabido,
E por isso quis trazer
Armas para ofender.
Antes que ser ofendido.
Mas deixando isto assim
Guardado pra seu lugar,
Onde se há de vingar,
Vos quero, senhor, contar.
Notório a todo o cristão
É o pesar lastimoso
Do marquês Danes Ogeiro,
Que tem, com justa razão,
Pela morte do herdeiro.
Nesta nobre corte estão
Muitos mui nobres senhores
Que sabem que Dom Beltrão
E o nobre duque Amão
Foram seus embaixadores:

Também este é sabedor
Das respostas que lhe destes
E mais de como prendestes
Vosso filho sucessor,
Do qual está mui contente
De tê-lo posto em prisão;
E tem mui grande razão,
Porque na carta presente,
A qual fez de sua mão,
Confessa toda a traição.
E um pajem a levava
Para o conde Dom Roldão,
Que na cidade de Boava
Faz a sua habitação
E como não há falsia
Que se possa esconder,
Tinha o marquês espia,
Porque queria saber
O que Dom Roldão faria.
Esse pajem embuçado,
Sem suspeita e sem revés,
Ia mui determinado:
Onde logo foi tomado
E levado ao marquês.
Lendo a carta Dom Guarinos,
Nela contava a tenção
Porque o matara à traição.
Isto é, senhor, a verdade,
E o que vos manda dizer:
Se o que digo é falsidade.
(Que por isso a quis trazer)
A letra é bom conhecer,
Que é este o seu sinal.
Pois, quem fez tão grande mal
Bem merece padecer
Morte justa corporal.

DIZ O IMPERADOR

Se tal a carta disser,
Não se há mister mais provar,
Nem mais certeza fazer,
Senão logo executar
A pena que merecer.
E portanto, sem deter,
Leia-se publicamente
Ante esta nobre gente;
Porque todos possam ver
Vossa verdade evidente,

CARTA DE DOM CARLOTO A DOM ROLDÃO

Caudilho de grão poder,
Capitão da cristandade,
Esta vos quis escrever,
Para vos fazer saber
Minha grão necessidade.
Porque o verdadeiro amigo
Há de ser no coração,
Assim como fiel irmão,
E não há de temer p' rigo
Por salvar quem tem razão.
Porque sabereis, senhor,
Que me sinto mui culpado,
Como quem foi matador;
E temo ser condenado
De meu padre imperador,
Eu confesso que pequei,
Pois com vontade danosa
A Valdevinos matei.
Amor me fez com que erre,
E o primor de sua esposa.
O imperador, meu padre,
Me mandou preso guardar,

E nunca quis atentar,
Os rogos de minha madre.
A ninguém quer escutar,
E o marquês tem jurado
De não vestir nem calçar,
Nem entrar em povoado,
Até me ver justiça.
Tenho por acusadores,
Reinaldos de Montalvão,
E seu padre o duque Amão
E muitos grandes senhores;
O grão duque de Milão
Com o forte Montesinos,
Que é primo de Valdevinos.
Assim que todos me são
Acusadores contínuos.
Pois tantos contra mim são,
Eu vos rogo, como amigo,
Que vós queirais ser comigo;
Porque, tendo Dom Roldão,
Não temo nenhum perigo.

DIZ O IMPERADOR

Antes que algum mal cresça,
Façamos o que devemos.
Pois o sinal conhecemos,
E pois vemos que confessa,
De mais prova não curemos,
Nem vós façais mais detença.
E, pois já tendes licença,
Podeis dizer ao marquês
Que venha ouvir a sentença.

Ir-se-á Dom Reinaldos, e vem a Imperatriz vestida de dó, e DIZ O IMPERADOR
Senhora, já não dirão
Que fui eu mal informado,

Nem que o prendo sem razão,
Pois por sua confissão
Vosso filho é condenado.
Vedes a carta presente,
Que foi feita da sua mão
Para o conde Dom Roldão:
A qual muito largamente
Declara toda a traição.

DIZ A IMPERATRIZ

Eu muito me maravilho
Do que, senhor, me há contado;
Mas, pois ele há confessado,
Melhor é morrer o filho
Que desonrar o estado.
Mas a dor do coração
Sempre me há de ficar...
Peço-lhe com afeição
Que lhe busque salvação
E que o queira escutar.

DIZ O IMPERADOR

Melhor é que o sucessor
Padeça morte sentida,
Que ficar o pai traidor:
Que será trocar honor,
Pela desonra nascida.
Também eu padeço dor,
Também eu sinto paixão,
Também eu lhe tenho amor...
Mas antes quero razão,
Que amizade sem favor,

DIZ A IMPERATRIZ

Pois que não pode escapar,
Eu não consinto nem quero

Que vós o hajais de julgar,
Porque vos podem chamar
Muito mais pior que Nero.
DIZ O IMPERADOR
Não vivais em tal engano,
Que também foram caudilhos
O grão Trocato, o Trajano;
E quiseram, com grão dano,
Ambos justificar seus filhos.
Pois que menos farei eu,
Tendo tão grande estado?
Quem é com razão culpado
Em maior caso que o seu?
E portanto eu vos rogo
Que não tomeis tal pesar,
Porque com vos enojar
Dá-se grão tristeza ao povo.

DIZ A IMPERATRIZ
Eu cumprirei seu mandado
Porque vejo que é razão;
Mas sempre meu coração
Terá tristeza e cuidado
E grande tribulação.

Aqui se vai a Imperatriz: e vem o Marquês de Mântua vestido de dó, e DIZ O
MARQUÊS
Bem parece, alto senhor,
Que vos fez Deus sem segundo,
E de todos superior,
Dos maiores o melhor,
Rei e monarca do mundo.
Porque vós, senhor, sois tal,
Que com razão e verdade
Sustentais a cristandade
Em justiça universal.

A qual para a salvação
Vos é muito necessária,
Porque convém ao cristão
Que use mais de razão
Que de afeição voluntária:
Como faz vossa grandeza
Com seu filho sucessor.
Assim que, digo, senhor,
Que estima mais a nobreza
Que amizade nem favor.

FALA O IMPERADOR

Não curemos de falar
Em coisa tão conhecida;
Porque nesta breve vida
Havemos de procurar
Pela eterna e comprida.
Para sentir grão pesar
Vós tendes razão infinda,
E também de vos vingar,
Pois foi justa vossa vinda.
Bem vimos vossa embaixada,
E a causa dela proposta
Foi de nós mui bem olhada,
E não menos foi mandada
Mui convencível resposta.
E vimos vossa tenção,
E soubemos vosso voto,
E vemos tendes razão
Pela grande informação
Do príncipe Dom Carloto.
E vimos a confissão
De Dom Carloto também,
E soubemos a traição
Como na carta contém,
Que mandava a Dom Roldão

De tudo certificado,
Eu condeno a Dom Carloto
Em tudo o que hei mandado.

VEM UM PAJEM DA IMPERATRIZ DIZENDO

A imperatriz, senhor,
Está tão amortecida
De grande paixão e dor
Que não tem pulso nem cor,
Nem nenhum sinal de vida.
Nenhum remédio lhe vem;
Está nesse padecer
Sem lhe podermos valer:
E, segundo dela cremos,
Mui pouco há de viver.

DIZ O IMPERADOR

Eu muito me maravilho
De sua grão descrição;
Mais sinto sua paixão,
Que a morte de meu filho...
Não te quero mais dizer,
Quero-a ir consolar.
Pois tanto lhe faz mister.
Não sei porque é enojar
Por se justiça fazer!

Aqui se vai o Imperador; e virá Reinaldos com o algoz o qual trará a cabeça de Dom Carloto, e DIZ REINALDOS

Já agora, senhor marquês,
Vos podeis chamar vingado
Porque assaz é castigado
O que tanto mal vos fez,
Pois que morreu degolado.
Fazei por vos alegrar,
Dai graças ao Redentor,

Pois assim vos quis vingar,
Sem nenhum de nós p'rigar
E com mais vosso valor.

NOTAS

Nota A

E minha mãe sem chegar...

O rigor do toante pedia aqui que se escrevesse *chegare* com e no fim, como pronuncia o povo de Lisboa e noutras partes da Estremadura. Os antigos castelhanos também assim regularizavam os seus toantes.

E não vá tão pouco sem notar-se que assim fica demonstrado não ser afetação de latinismo o escrever e pronunciar *pae* em vez de *pai*, *mãe* em vez de *mã*. Aquela é a verdadeira e popular ortografia destas palavras.

Nota B

Na caça andava perdido

O principio ou introdução deste romance é conforme a coleção de Oliveira. No folheto dos cegos começa ele logo com toda a forma cênica; e todavia difere bem pouco. Aqui se transcreve.

DIZ O MARQUÊS

Fingindo andar perdido na caça
Fortunosa caça é esta
que a fortuna me há mostrado,
pois que, por ser manifesta
minha pena e grão cuidado,
me mostrou esta floresta.
Nunca vi tão forte brenha,
des'que me acordo de mi;
eu creio que Margasi
fez esta serra d'Ardenha,
estes campos de Methli.
Quero tocar a buzina

por ver se algum me ouvira;
mas cuido, que não será,
porque minha grand' mofina
comigo começou já.
Todavia quero ver,
se mora alguém nesta serra,
que me diga desta terra
cuja é, para saber;
que quem pergunta não erra.
Por demais é o tanger
em lugar desabitado,
onde não há povoado,
nem quem possa responder
ao que lhe for perguntado.
Grã mal é o caminhar
por tão fragosa montanha,
cansado assim sem companha,
nem tendo onde repousar,
nesta terra tão estranha.
Vejo o mato tão cerrado,
que fiz bem de me apear,
e meu cavalo deixar,
porque está tão cansado
que já não podia andar.
Agora vejo me aqui
nesta tão grande espessura,
que nem eu me vejo a mi,
nem sei de minha ventura;
nem menos será cordura,
repousar neste lugar,
nem sei onde possa achar
descanso à minha tristura.

O LIVRO DIGITAL – ADVERTÊNCIA



O Livro Digital é – certamente - uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade de editoras.

Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser escaneado e compartilhado nos mais variados formatos digitais (PDF, TXT, RTF, entre outros). Todavia, trata-se de um processo demorado, principalmente no âmbito da realização pessoal, implicando ainda em falhas após o processo de digitalização, por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras.

Embora todos os livros do “Projeto Livro Livre” sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que alguns desses erros passem despercebidos. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de algumas dessas incorreções, por gentileza entrar em contato conosco, no e-mail: iba@ibamendes.com

Sugestões também serão muito bem-vindas!

Iba Mendes
São Paulo, 2014